



Universidade Federal
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O BISTURÍ QUE COISIFICA, A TABELA QUE CLASSIFICA: A DESINSTRUÇÃO
DA CONDIÇÃO HUMANA NAS NARRATIVAS DO TRAUMA DO HOLOCAUSTO
NAZISTA EM MIKLÓS NYISZLI E PRIMO LEVI (1944-1946)**

THIAGO RAFAEL OLIVEIRA

LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA CULTURAL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

CAMPINA GRANDE

2019

“O BISTURÍ QUE COISIFICA, A TABELA QUE CLASSIFICA”

**A desinstrução da condição humana nas narrativas do trauma do Holocausto
Nazista em Miklós Nyiszli e Primo Levi**

(1944-1946).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica

Linha de Pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas

CAMPINA GRANDE

2019

O48b

Oliveira, Thiago Rafael.

“O bisturi que coisifica, a tabela que classifica”: a desinstrução da condição humana nas narrativas do trauma do holocausto nazista em Miklós Nyiszli e Primo Levi / Thiago Rafael Oliveira. – Campina Grande, 2019.

125 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica".

Referências.

1. Desinstrução. 2. Homo Läger. 3. Holocausto. I. Zica, Matheus da Cruz e.

II. Título.

CDU 94(430)(043)

“O BISTURÍ QUE COISIFICA, A TABELA QUE CLASSIFICA”

**A desinstrução da condição humana nas narrativas do trauma do Holocausto
Nazista em Miklós Nyiszli e Primo Levi**

(1944-1946).

Dissertação Avaliada em 21/03/2019_com o conceito **APROVADO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Matheus da Cruz e Zica (UFPB/UFCG) - Orientador

Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (UFCG) – Examinador Interno

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFRN) – Examinador Externo

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (UFCG) – Examinador Suplente Interno

Profa. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (UFCG) – Examinadora Suplente Externa

"O HISTÓRI QUE COISIFICA, A TABELA QUE CLASSIFICA"

A destruição da condição humana nas narrativas do trauma do Holocausto
Nazista em Miklós Nyiszli e Primo Levi

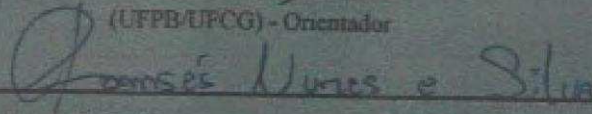
(1944-1946).

Dissertação Avaliada em / / com o conceito

BANCA EXAMINADORA



Matheus da Cruz e Zica
(UFPB/UFCG) - Orientador



Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (UFCG) - Examinador Interno



Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior (UFRN) - Examinador Externo

Prof. Dr. Alarcón Agra do Ó (UFCG) - Examinador Suplente Interno

Profa. Dra. Sídele Lella Oliveira Cavalcanti (UFCG) - Examinadora Suplente Externa

AGRADECIMENTOS

“Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo”. É com essa frase que começo a agradecer um sonho, que nem sempre me parecia possível. Nasci numa periferia, num lugar onde, segundo a opinião comum, a cada dez que nasce, oito ou nove tende a morrer ou ser preso antes dos vinte anos. Mas não morri. Não fui preso. Prosperei. Lembro que, no longínquo ano de 2007, fiz minha inscrição no antigo “peneirão” (ou PSS) da UFCG e ouvi a seguinte frase: “cuidado Rafael, Universidade Federal não é pra todo mundo”. Realmente não era. Quem me julgou e descreditou de mim, justamente foi aquele que fracassou e falhou, em detrimento ao “moleque de rua” que não tinha nada a oferecer e colocava a cara no mundo.

Nessa perspectiva, agradeço primeiramente ao Grande Criador, que anda comigo, me rege, me guarda e me ilumina.

Agradeço ao meu pai, Edmilson Gouveia de Oliveira (In memorian), um homem simples, humilde, às vistas de alguns até “ignorante” por não ter tido as oportunidades que tive, que teve de trabalhar desde cedo para sanar as injustiças sociais impostas a si. Meu pai, onde você estiver, essa vitória é sua. Infelizmente você, que ficou tão feliz com minha aprovação no mestrado, não pôde ver a conclusão desse sonho. Você não está mais entre nós, mas levarei seu nome onde for, e carregarei o caráter e a força de vontade que pertencia a ti como minha maior herança.

À minha avó materna Eudócia (In memorian), que sempre me deu forças na caminhada da educação, mas pelas trapaças do destino não conseguiu ver minha conclusão do ensino superior, tampouco do Mestrado.

Agradeço à minha mãe, Maria Madalena Oliveira, por ser minha base, minha torre, meu ombro amigo. Mãe, você é o melhor exemplo que um filho pode ter, e sou muito orgulhoso de ser seu filho. O que você fez por mim nessa vida, espero fazer pelo menos a metade ao meu filho, quando eu for pai. A senhora é a minha maior inspiração. O motivo que me faz seguir em frente. Obrigado mãe.

Às minhas irmãs. Eu não poderia ter melhores. Elisabete. Minha Beta. Você é minha segunda mãe. Uma pessoa que amo com todas as forças do meu coração, que carrego com o maior carinho e que sei que também posso contar. Eliete, minha Conca. Apesar de nossas brigas e “arengas”, saiba que você é uma de minhas

maiores inspirações, e sua força de vontade diária é uma das coisas que me faz continuar a ter fé na vida. Edjane, minha Jane. Você pode não entender o que está escrito nessas páginas, porque as injustiças da vida te fez ser limitada para isso, mas saiba que eu te admiro também, por representar uma luta cotidiana, contra tudo e todos.

À minha sobrinha Jeovanna e ao meu cunhado Jeová. Vocês, no decorrer dos anos, provaram que família de verdade é aquela que está todos os dias no nosso convívio. Aqueles que participam de tudo, e que, mesmo de forma involuntária, se tornam inspiração e motivos de força pra continuar e ainda acreditar que dias melhores virão.

Ao amor da minha vida. Uma pessoa que, mesmo querendo, eu não conseguiria descrever em palavras. Uma força da natureza. Uma dádiva divina. Débora, eu te amo, minha princesa. Você me faz melhorar em todos os aspectos, me ensinou o que é o amor, o que é a entrega, o que é ser amado. Você, meu amor, é a pessoa mais inteligente que conheço, e isso me fez crescer enormemente enquanto homem e enquanto historiador... “Sou seu fado, sou seu bardo, se você quiser ouvir...”.

Ao meu sogro e à minha sogra, Amarildo e Zuleide, pessoas simples e de bom coração, pessoas batalhadoras que, com os seus enormes corações, acabam por conquistar qualquer pessoa que cruza seus caminhos. Eu ganhei dois anjos da guarda ao conhecer vocês.

Aos meus poucos e valiosos amigos. Carlito. Amigo e companheiro de leituras e discussões acadêmicas, mas também de entreveros e enigmas sobre a vida, sobre nossos cotidianos e sobre a existência. Um grande amigo que carrego da graduação pra toda a vida. Ebert. Um “gordinho chato” que adotei como irmão desde 2008. E em todo esse tempo nunca me decepcionou, pelo contrário, sempre se mostrou um cara com caráter e hombridade ímpares. Você é do bem, meu chapa. Luísa, minha baixinha que considero como uma irmã, a pessoa que sempre tem as palavras certas nas horas certas, de coração gigantesco, que carregarei em um lugar especial por toda minha vida. Swell, meu grande irmão, o dono de um dos corações mais puros que já conheci. Joabe, um cara que, como eu, é sonhador e sempre busca evolução em todos os aspectos. Você é inspiração meu amigo! Erick, um dos meus primeiros amigos. Carrego da infância pra toda vida. Espero sempre seu crescimento e sua evolução, meu irmão!

A todos os outros membros do grupo de Whatsapp dos amigos do qual participo, este que, nos momentos mais tensos, me serviu de escape cômico, e pelo qual, o bom humor dos amigos, me fez respirar perante o tema tão tenebroso que eu escrevia. Obrigado Kayo, Diógenes (Bodão), Lucas, Kawe, Kaique, André (Bodin), Fábio (Sorriso), Joalisson (Didiu), Widson e Elvis. Sem o alívio das risadas proporcionadas por vocês no grupo, eu teria pirado!

Ao meu orientador Matheus da Cruz e Zica. Um cara fantástico, que você encontra apenas uma vez na vida. Um cara apaixonado pela pesquisa, no qual eu sempre via os olhos brilharem quando me dava uma nova ideia, quando me mostrava um novo conceito. Em toda minha trajetória acadêmica, sem dúvidas você, Matheus, foi a maior inspiração que eu encontrei, o Professor que finalmente entendia o que eu pensava.

Aos Professores Durval Muniz e Ramsés Nunes, que aceitaram de bom grado compor minha banca de defesa.

A todos (as) professores (as) do PPGH-UFCG, principalmente Marinalva Vilar, Azemar Soares, Eronides Câmara, Regina Coeli, Gervácio Batista Aranha e Luciano Mendonça.

Ao meu orientador da graduação José Benjamim Montenegro, o maior incentivador da minha pesquisa, uma das pessoas mais incríveis que conheci.

Aos meus professores da Licenciatura em História, Alarcon Agra, Celso Gestemeier, João Marcos, José Otávio, e em especial a Giscard Farias, aquele que me apresentou ao tema do Holocausto, e sempre que precisei, me foi solícito.

À Professora Silêde Leila, um anjo em forma de gente, que foi minha tutora na monitoria da graduação e me auxiliou no estágio do mestrado. Silêde, você não sabe o quanto me fez crescer intelectualmente. Sou eternamente grato a ti!

Ao Professor Iranilson Buriti, por sua calma e sua serenidade contínuas, por me dar tantas dicas valiosas na qualificação.

À professora Maria Luiza Tucci Carneiro, por me ceder um pouco do seu vasto conhecimento e me agraciar com tantas indicações e encaminhamentos na minha qualificação.

Aos meus colegas de mestrado da turma 2017 do PPGH – UFCG, em especial meus amados colegas da Linha III. Vocês, que proporcionaram a mim momentos ímpares de coleguismo e solidariedade, têm um lugar especial em meu coração.

Por fim, agradeço à CAPES e à FAPESQ por me concederem a bolsa de estudos, que permitiu minha pesquisa de uma forma mais confortável.

Minha memória é falaz, e se esqueci de alguém, peço mil perdões, portanto também se sintam agraciados nestes meus agradecimentos.

RESUMO

Auschwitz, território da Alta-Silésia, Polônia, 1944. É nessa cartografia, que se transformaria na mais infame fábrica de morte do Século XX, que é alçada nossa pesquisa. Dois homens. Duas personalidades diferentes, duas visões de mundo. Em comum, têm um rumo único, o destino arquitetado pelo Estado Nacional-Socialista e países colaboracionistas: a morte. Mas, para chegar a este desfecho desejado pelas mãos, olhos e mentes do *Terceiro Reich*, estes e tantos outros milhares de homens passaram por um modelamento: a desinstrução do corpo, dos modos, da própria forma de ver o mundo, de ver a si próprio, ou seja, a criação paulatina do *Homo Läger*. Um apagamento contumaz que era impetrado dia após dia a estes homens. Dentro dessa perspectiva, esse trabalho propõe discutir as formas impostas para que tal objetivo minasse a resistência mental e corporal desses prisioneiros. Esses dois rostos, Primo Levi (1988) e Miklós Nyiszli (1961), deram voz a tantos outros que foram silenciados, pois para estes, restou o testemunho. Do dia-a-dia do campo de concentração, do “aproveitamento” destes prisioneiros na logística e funcionamento, até a força que estes encontraram para documentar o horror, é por estas arestas que passa essa pesquisa. Para tanto, nos apropriamos aqui, principalmente, de Michel Foucault (1987, 2010, 2012) para discutir os conceitos de Adestramento, Docilização e Clínica; de Diwan (2014) e Stepan (2005) para dialogar com o conceito de Eugenia; de Steinberg (2001) para a categoria de *Homo Läger* e, finalmente, de Márcio Seligmann-Silva (2003, 2006) para debatermos o Trauma na Literatura. Sendo assim, tais Literaturas de trauma que foram produzidas pelos sobreviventes citados, nos permite perceber uma outra faceta da disciplinarização do corpo, sendo justamente o oposto da educação destes, ou seja, a tentativa de desinstrução parcial ou total destes sujeitos, onde a escrita, no fim do sofrimento nos campos de concentração, foi usada por estes como uma tentativa de sanar seus traumas, possuindo uma função de elo entre os sobreviventes que resolveram relatar seus testemunhos.

Palavras-Chave: Desinstrução. *Homo Läger*. Holocausto.

ABSTRACT

Auschwitz, Upper Silesia, Poland, 1944. It is in this cartography, that would become the most infamous death factory of the twentieth century, which is elevated our research. Two men. Two different personalities, two world views. In common, they have a unique course, the destiny designed by the National Socialist State and collaborating countries: death. But in order to arrive at this desired outcome by the hands, eyes and minds of the Third Reich, these and so many other thousands of men went through a modeling: the disinstruction of the body, of the ways, of the way of seeing the world itself, of seeing oneself itself, that is, the gradual creation of Homo Läger. A continual erasure that was demanded day after day to these men. In this perspective, this work proposes to discuss the imposed forms for such an objective to undermine the mental and corporal resistance of these prisoners. These two faces, Primo Levi (1988) and Miklós Nyiszli (1961), gave voice to so many others that they were silenced, for to them, the testimony remained. From the day-to-day of the concentration camp, the "use" of these prisoners in logistics and operation, to the strength they have found to document the horror, it is through these edges that this research passes. For this, we appropriate here, especially, Michel Foucault (1987, 2010, 2012) to discuss the concepts of Modeling, Docilization and Clinic; of Diwan (2014) and Stepan (2005) to dialogue with the concept of Eugenia; from Steinberg (2001) to the category of Homo Läger and finally from Márcio Seligmann-Silva (2003, 2006) to discuss Trauma in Literature. Thus, such trauma Literatures that were produced by the mentioned survivors allow us to perceive another facet of the disciplinarization of the body, being precisely the opposite of their education, that is, the attempt of partial or total disinstruction of these subjects, where writing, at the end of the suffering in the concentration camps, was used by them as an attempt to heal their traumas, having a link function among the survivors who decided to report their testimonies.

Keywords: Disinstruction. *Homo Läger*. Holocaust.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. RUMO AO <i>HOMO LÄGER</i>: O PERCURSO QUE DESINSTRUI E COISIFICA O CORPO	26
1.1 A normatização que deforma o corpo: a emergência do <i>Homo Läger</i>	30
1.2 “Aquele trem para Auschwitz”: a pedagogia da desinstrução.	37
1.3 <i>Homo Läger</i> , “os mortos-vivos de Auschwitz”	43
1.3.1 – Sob o comando de Mengele: Nyiszli e sua “disparidade” em Auschwitz	44
1.3.2 – “Então, isto é o inferno?” Primo Levi e sua tortuosa “adaptação”	50
2. DA DESINSTRUÇÃO QUE MOLDA O <i>HOMO LÄGER</i>: A VIVÊNCIA EM AUSCHWITZ	56
2.1 – “ <i>Das Kriminaldoktor</i> ”. A ciência que desinstrui, remodela e mata	62
2.1.1 – “Desinstruindo-se” com o terror? Nyiszli, os gêmeos e outras “anomalias”	65
2.1.2 – O <i>Lager</i> que produz “anormalidades”	73
2.2 – (Des)Instrução, (des)educação e (des)ordem: Primo Levi, um <i>Homo Lager</i>	77
2.2.1 – Viver em Auschwitz – A cartografia do desespero	81
3. CLASSIFICANDO TESTEMUNHOS, DISSECANDO TRAUMAS: O <i>HOMO LÄGER</i> QUE TRANSCENDE OS MUROS DE AUSCHWITZ	86
3.1 – Miklós Nyiszli: Uma vítima “ambígua”?	90
3.1.2 – A escrita do Médico <i>Sonderkommando</i> para a Literatura de Trauma.....	94
3.2 – Primo Levi: A voz de Auschwitz para as gerações futuras?	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
FONTES	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120

INTRODUÇÃO

Estamos em 2019. Sei que é totalmente inoportuno datar assim o início de um texto, inclusive quando este é um escrito fruto da pesquisa de um tema que, pelo teor da discussão, ainda é uma ferida aberta dentro da historiografia, da literatura e dos saberes em geral. Em linhas gerais, nos referimos ao ano da escrita desse texto para que os leitores que vierem a ter contato com ele saibam que, por mero sonho ou por um resquício nosso de fé na humanidade, tudo isto que estamos passando, em patamar mundial, seja apenas um delírio juvenil ou uma onda rasa de extremismos e totalitarismos que teimam em (re)nascer ano após ano.

Ora, no decorrer desta pesquisa, obtivemos a triste informação que na Polônia, terra em que está situada a cidade de Oświęcim¹, lá mesmo, onde o ar ainda é contaminado pelo cheiro do terror e das instabilidades humanas, a extrema-direita volta a ganhar corpo e voz. Logo no país onde, apenas há algumas décadas, o ser humano conheceu seu estado mais voraz, e ao mesmo tempo mais ínfimo no tocante às sensibilidades. Lá na terra de Auschwitz. Pareceria algum conto de terror, ou até mesmo algum capítulo de uma ficção desesperada de algum contista do século XX. Mas, infelizmente, estamos falando do ser humano e de sua memória tão evanescente, ou mesmo da sua evocação por um passado, mesmo que este seja inglório e digno de vergonha. Não absolvemos aqui o caso do Brasil, que em pleno século XXI vê em uma parcela de seus ilustres habitantes o pedido exacerbado pela volta de um regime militar que, guardadas as devidas proporções, foi tão cruel quanto o objeto dessa pesquisa.

Ao fazermos tais tessituras, nos remetemos aos tempos de graduação, onde tomamos ainda mais gosto pelos estudos do Holocausto, tema que causava extrema inquietação desde os tempos escolares. No decorrer do curso de História, realizamos uma pesquisa que problematiza as inserções do Trauma na Literatura e no Testemunho dos sobreviventes do Holocausto, abordando, principalmente, a ênfase discursiva desses sobreviventes e as recepções dos leitores

¹ Nome em polonês do município de Auschwitz, localizado na Alta Silésia, cidade em que foram estabelecidos os campos de concentração de Auschwitz-Bikernau, as maiores máquinas de morte do Holocausto Nazista.

contemporâneos acerca dessas literaturas².

No decorrer desta pesquisa, nos deparamos com algumas problemáticas que se apresentavam para além do que nos lançamos a estudar, dentre elas, dúvidas que pairavam sempre que aparecia algum testemunho que nos tocasse: Por que esses homens e mulheres se deixavam domar, e se apresentavam tão passivos a algumas investidas de seus algozes? Como o ser humano havia se transformado em tal espectro? E de que forma essas questões se articulavam com o real propósito da máquina de destruição nazista?

Quando findamos a pesquisa monográfica, ficou claro que ali não teríamos espaço para responder ou buscar elucidar tamanhas questões. Seriam necessárias novas leituras e novas abordagens acerca do que nos inquietou. Seria possível descrever essa desumanização crescente que se apresentava nos corpos inseridos no campo de concentração?

A saber, quando se pesquisa algo que, territorialmente, está muito distante de nós, precisamos buscar dispositivos para operacionalizar as observações acerca do que se é estudado. No caso do objeto desta pesquisa, que é a Literatura do Holocausto, se torna ainda mais complexo esse exercício, pois, como acima fora afirmado, ainda estamos tratando de um tema que não se fechou totalmente a olhares dentro da historiografia e de outras áreas do saber. No engendrar desta pesquisa, o dispositivo encontrado para sanar as lacunas da pesquisa fora justamente aquele que permeou a pesquisa monográfica que veio antes desta, entrementes, a Literatura de Trauma.

Essa categoria de Literatura está imbricada, primordialmente, aos relatos de experiência daqueles que sobrevivem a eventos limite dentro de contextos em que o caráter humanitário é posto a prova, a saber, ditaduras, governos de exceção e outras formas de agir totalitaristas.

Entrementes, o título desta pesquisa se remete à profissão, antes do encarceramento, de cada um dos sujeitos escolhidos para análise. A saber, o bisturi do Médico e a tabela periódica do Químico. Tais literaturas foram elencadas, pois, como explicitarei no decorrer da pesquisa, estas se apresentam como as primeiras de fato publicadas com o intuito de relato, escritas meses depois do

² Refiro-me a monografia defendida em 2015 de título: "Escritas que rememoram, Palavras que atormentam - O Trauma e o testemunho inseridos em relatos literários sobre o Holocausto", elaborada sob a orientação do Prof. Dr. José Benjamim Montenegro.

confinamento dos dois autores.

No contexto da Literatura de Trauma e testemunho do Holocausto Nazista, podemos salientar que, no decorrer dos anos que se passaram após a barbárie, este gênero literário ganhou cada vez mais espaço nos *best-sellers* e nas prateleiras de leitores do mundo inteiro, mas, infelizmente, sem tanta problematização. Nas palavras de Seligmann-Silva (2003):

Literatura de testemunho é um conceito que, nos últimos anos, tem feito com que muitos teóricos revejam a relação entre a literatura e a “realidade”. O conceito de testemunho desloca o “real” para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só o jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do “real”. Em um extremo dessa modalidade testemunhal encontra-se a figura do *mártir* – no sentido de alguém que sofre uma ofensa que pode significar a morte – termo que vem do grego *mártur* e significa testemunha ou sobrevivente (como o *superstes* latino) (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47, grifos do autor).

É nessa prerrogativa que, a partir da longa seara que se apresentou à nossa pesquisa dentro desse leque possível da Literatura de Trauma, podemos perceber o aporte que sanaria nossos questionamentos acerca das questões que vieram a surgir. É muito importante esclarecer ao leitor que, dentro da produção dessa literatura, estavam inseridos sujeitos que passaram por experiências dentro de um governo de exceção (o nazista) que os condenaria à reclusão, à desinstrução e a um risco de morte iminente, sendo todos esses ingredientes orquestrados e operacionalizados com minúcia, o que talvez difira o Holocausto de todas as outras empreitadas de morticínio realizadas ao longo da história da humanidade, tamanha sistematização engendrada na sua execução, onde, além de todo infortúnio ocasionado aos povos que sofreram essa perseguição, ainda existiam as práticas modeladoras que desinstruíram os corpos e as mentes nesse percurso.

Para tanto, elegemos a História Cultural das Práticas Educativas para a realização destes intentos, uma vez que, a linha de pesquisa a qual este trabalho se vincula, e que possui a mesma nomenclatura supracitada, onde estuda a educação sobre diversos espaços em diversos recortes temporais, assim como os discursos das práticas em ambientes de clausura, produção de conhecimento, e, dentro do

cerne desta pesquisa, a mortificação e a deseducação do corpo e seus sentidos, tendo em vista que a desinstrução também pode ser vista dentro de um viés cultural de uma prática que é o avesso do que se entende historicamente por educação e instrução.

Nesta seara de opções da Literatura de Trauma, figuram nomes conhecidos dos leitores em geral, como o de Anne Frank, Elie Wiesel, Jorge Semprún, do “contemplado” nessa pesquisa, Primo Levi, mas também outros nomes que não são de conhecimento tão próximo do público “comum” de receptores da literatura mundial, como os de Ber Mark³, Binem Heller⁴, Saul Bellow⁵, Ka-tzetnik⁶, entre tantos outros. Dentre estes citados, talvez os mais conhecidos aqui no Brasil sejam, além de Anne Frank, os escritores Primo Levi, com várias obras traduzidas para a língua portuguesa e Elie Wiesel, autor da narrativa quase denunciativa *A Noite*. Wiesel, a partir dos seus escritos de trauma, quebra um paradigma corriqueiro presente nesse tipo de literatura: Ele se furta de usar o termo “Holocausto” nos seus escritos.

Se o termo “Holocausto” pode ser tratado como impróprio para descrever o massacre de milhões de judeus na Segunda Guerra, outros nomes entraram em aporia com essa catástrofe:

Como nomear a “destruição dos judeus da Europa” – título do clássico estudo de Raul Hilberg – perpetrada pelos nazistas, na Segunda Grande Guerra? Este “evento-limite”, na expressão de Saul Friedländer, é inapreensível sob o termo genocídio e sua designação restritiva ao genos – família, tribo ou raça. Sabemos que a existência dos campos de extermínio, no coração da Europa, não afeta apenas este ou aquele grupo humano, mas altera, de modo radical, a própria

³ Autor do primeiro texto documentado como Literatura de Testemunho. Sua obra *O Levante do Gueto de Varsóvia* foi publicado no idioma lídiche, em 1946. Ainda publicou *O Levante do Gueto de Bialystok* (1952) e *A produção literária nos guetos e campos de prisioneiros* (1953). (KINOSHITA, 2015)

⁴ Binem Heller nasceu em Varsóvia e era conhecido, nos anos 1930, como o poeta do proletariado. Viveu durante um tempo em Paris e na Bélgica e, durante a II Guerra Mundial, esteve na URSS. Voltou à Polônia após o conflito mundial, com a esperança de um reflorescimento da cultura judaica no país natal. Decepcionado, imigrou para Israel. Em 1973, publicou, em ídiche, o livro de poemas *Der Varshever Gueto in Khoidesh Nissan* (“O gueto de Varsóvia no mês de Nissan”). (KINOSHITA, 2015, p.20)

⁵ Escritor Judeu-Canadense, ganhador do Nobel de Literatura, em 1976.

⁶ Pseudônimo de Iekhiel De-Nur, autor conhecido antes da guerra, prisioneiro do campo de Auschwitz, escreveu vários romances sobre o “inferno” desse campo, dos quais o mais conhecido é *A casa das bonecas*, que aborda o tema da escravidão sexual de judias dentro dos campos de concentração. (KINOSHITA, 2015, p. 24).

ideia de humanidade. Ao recusarmos o termo genocídio, incapaz de fazer face à complexidade desse evento-limite, nos deparamos com as denominações Holocausto, Churban, Shoah, Solução Final e, muitas vezes, a terrível contundência do substantivo próprio Auschwitz. Todos os termos são parciais e insatisfatórios, impregnados de concepções históricas, políticas, filosóficas ideológicas e teológicas. (DANZIGER, 2007, p.01)

Wiesel usaria nas suas obras termos como “Acontecimento” e “Reino da Noite” para descrever esse massacre, porém, o próprio também se utilizava da palavra Holocausto para se remeter ao mesmo, quando percebe que, por se tratar de um termo bíblico⁷, a matança de milhões de judeus na Europa de Hitler não poderia ser explicado apenas com uma palavra. Surge a partir da visão de Wiesel e de outros escritores, a questão da nomenclatura do massacre que gerou algumas discussões e passara por outros “batismos” como *Churban* e *Shoah*. Embora esse último nome seja mais aceito e até mais utilizado pela Historiografia, também contem nele uma ambiguidade: como é uma palavra hebraica que significa “catástrofe”, pode estar também ligada a desastres naturais, como furacões e terremotos.

Desta forma, nesta pesquisa, optamos pela escolha do nome **Holocausto** para nos referirmos a este acontecimento, pois, além dessa nomenclatura ser mais tratada nas traduções literárias para o português, também é a mais comum para os leitores que não possuem muita profundidade no tema, facilitando assim um entendimento para estes receptores.

No cerne destas discussões, surgem então as nossas fontes de estudos, que foram lavradas a partir desta citada exposição da Literatura de Trauma e testemunho do Holocausto. Este é o caso do relato escrito do Médico *Sonderkommando* Miklós Nyiszli, contido no livro autobiográfico *Auschwitz-O testemunho de um Médico*, com tradução de 1961. Esta Literatura de Trauma contém o relato deste supracitado, que narra seus anos confinados no Campo de Auschwitz-Bikernau, na atual Polônia, onde realizava a tarefa de Médico-Assistente do famigerado Joseph Mengele, médico principal dos intuítos raciais e modeladores/educativos enunciados por Adolf Hitler. Por isto, o escrito se apresentou fundamental para a tessitura desta pesquisa, uma vez que o Médico-Assistente descreve com detalhes os procedimentos, as técnicas, os resultados e o

⁷O termo é usado em passagens da Bíblia cristã ao se referir a sacrifícios feitos com fogo à divindade do cristianismo.

modus operandi assustador com o qual a Medicina baseada no nazismo conduzia suas práticas médico-educativas, e, portanto, modeladoras e destruidoras do caráter particular de humanidade de cada ser.

Para a elaboração desta pesquisa, ansiávamos, inicialmente, tratar mais profundamente a vida dos indivíduos pesquisados, principalmente nas vivências que precederam os campos de concentração e a experiência do nazismo na Europa, mas esbarramos na falta de fontes e de traços biográficos que nos dessem esse aporte, nos contendo, assim, em analisá-los biograficamente de uma forma breve, mas que faça um elo com o que estes sujeitos vieram a passar nos campos.

O escritor Miklós Nyiszli se difere do médico. Esta prerrogativa é flagrante quando temos acesso à sua escrita, presente no livro testemunhal *Médico em Auschwitz*⁸, onde Nyiszli, em vários pontos de sua escrita, remete o leitor a um quase “pedido de desculpas” perante sua colaboração nos ambulatórios e laboratórios de Joseph Mengele, fatos estes discorridos no segundo capítulo deste trabalho. Nyiszli nasceu a 17 de Junho de 1901, na cidade de Szilágysomlyó (Şimleu Silvaniei), localizada na região da Transilvânia, no até então chamado Império Austro-Húngaro. Fez faculdade de Medicina em Kiel, Alemanha, entre 1921 e 1924. Entre 1926 e 1929, fez sua especialização em Medicina Forense na Universidade Silésia Friedrich Wilhelm, em Breslau, no mesmo país. Clinicou na cidade de Oradea, Romênia, até 1942, quando fora enviado, junto com sua família, para o campo de prisioneiros de Desze, também na Romênia, até ser deportado para Auschwitz, em maio de 1944 (TURDA, 2015).

Neste interim, Miklós Nyiszli aparece como um narrador do Trauma dentro de sua perspectiva, onde provido de sua posição e discernimento perante o acontecido, detalha na sua narrativa o cotidiano de um *sonderkommando*, papel que tornou crucial sua sobrevivência, além de ter tonado possível o legado de seu testemunho. Sua obra, supracitada, aparece na Literatura do Trauma como um escrito basilar, pois, apesar de ser uma memória particular do médico citado, abre as alas para se entender como era o funcionamento da categoria de judeus que eram selecionados para o trabalho de colaboração com os nazistas, fato este que tona Nyiszli uma vítima, até certo ponto, ambígua.

⁸ Título da edição utilizada nesse processo de pesquisa, datada do ano de 1961. Outros títulos foram incrementados a este relato no decorrer dos anos, mas, em terras brasileiras, este livro chega com o título *Auschwitz: O testemunho de um médico* na edição de 1974, com prefácio de Bruno Bettelheim.

Observando o lugar de escrita de Nyiszli, podemos perceber que este, possivelmente, permeia seu testemunho de narrativas que buscam “sanar” sua “dívida” perante aqueles que, posteriormente, buscariam ler e saber sobre o papel desempenhado por este médico.

Dessa forma, dentro de um viés historiográfico, não podemos concatenar, de forma homogênea, a escrita de Nyiszli com a de Primo Levi, autor da outra fonte de estudo desta pesquisa, pois para usar tal artifício, nos veríamos estimulados a recorrer da categoria de literatura comparada, metodologia esta muito mais afeita aos estudos puramente literários, dentro de uma teoria que envolvesse majoritariamente conceitos e preocupações linguísticas e estéticas. Se por um lado essa tática se vê possível pelo recorte espacial e temporal desta pesquisa, a saber, ambas as vivências que se passaram em Auschwitz e, coincidentemente, suas chegadas e suas libertações, respectivamente, em 1944 e 1945, por outro, o lugar de fala e de escrita de cada um se difere, e isto nos remete a “separar” estas análises apenas de forma estrutural, imbricando assim somente o que concerne a categoria de desinstrução e modelamento do corpo e dos sentidos, discussão à qual se atrela a perspectiva deste estudo.

Nesse ponto, o quão distante está a escrita de Levi e Nyiszli? De acordo com o que pesquisamos nesse estudo, Levi aparece com um propósito narrativo diferenciado na sua escrita, pois, distintamente de Nyiszli, o autor italiano busca, num teor por vezes poético, narrar o inferno que respondia por Auschwitz, e não apenas documentar o que ocorreu. Isto se dá pelo fato de Levi somar à sua narrativa o “ódio” pelos seus algozes, problemática essa que por vezes é esquecida no ato de narrar do médico:

Isso é observado com detalhes, com a precisão de um cientista, por Primo Levi o Químico, e minuciosamente registrado em sua memória. Como se comportam pessoas que mal podem ter esperança de sobreviver, sob todas as condições de um terror cotidiano, quando a fome é especialmente torturante e onipresente (“o campo é a fome”)? O que sobra de natureza humana quando qualquer emoção humana é regularmente reprimida pelos vigias? O campo de concentração, vê o cientista Levi, é um “gigantesco experimento biológico, no qual cada prisioneiro, na medida em que viveu às seleções de morte, tem de realizar dia-a-dia sua impiedosa luta pela sua existência, onde cada um é rival ou inimigo do outro. O menor erro no comportamento desencadeia a catástrofe. Simplesmente pensar descontroladamente no passado ou no futuro

pode já ser um erro grave que nunca se poderá corrigir (WEINRICH, 2001, p.263).

Então, nos entremeios das nossas leituras e mapeamentos, é sempre necessário distinguir o Levi cientista do Levi escritor e testemunho, sendo que esse segundo é o que se sobressai ao primeiro. Esta talvez seja a maior diferenciação entre a escolha de Nyiszli e Levi, pois o médico propõe, na sua narrativa, explicar o *Lager* do ponto de vista de um douto, de um letrado, já Levi, na maior parte de sua escrita, traz o *Haftling*, ou seja, o prisioneiro comum.

Conforme Weinrich (2001) Levi nasceu em Turim, se notabilizou por sua militância antifascista e fora pego, por ironia do destino, por ser comunista, não por ser judeu, embora não praticasse a religião. Por ser jovem (contava 24 anos no dia de sua prisão), foi enquadrado na ala dos “economicamente aproveitáveis”, trabalhando na fábrica de borracha de Buna-Monowitz, complexo que estava anexado a Auschwitz. Na sua narrativa, percebe-se um humor ácido e por vezes irônico, talvez resultado da sua falta de compreensão perante o horror perpetrado por seres humanos, para seres humanos.

Ao presenciar o “horror pleno” de Auschwitz, Levi lança mão, ao ser “libertado”, a contar as atrocidades que vivenciou ali. Para além de narrador, Levi pode ser entendido também como um estudioso do assunto, pois analisa de uma forma contundente o cotidiano do campo, tendo escrito vários livros sobre o tema. Na presente pesquisa, nos atemos a utilizar como fonte seu livro *É isto um Homem*, que narra sua chegada e o desenrolar da sua desinstrução dentro dos portões e muros do campo de concentração de Auschwitz.

Levi escreve esse livro com a memória ainda incandescente de tudo que vira e ouvira dentro daquele campo. Sua primeira publicação se deu ainda em 1947, aportada por uma pequena editora italiana, que veio a falir, e não permitiu a Levi que seu Testemunho alcançasse um público maior. Apenas onze anos depois, a ideia de Levi fora adotada por uma grande editora, e tornou seu livro um *best-seller* sobre o Holocausto, e seu testemunho enfim foi ouvido por uma seara maior de pessoas, o que era seu intuito basilar (WEINRICH, 2001).

Pelo fato da dificuldade de encontrar as edições mais antigas, nessa pesquisa nos utilizamos da edição da Editora Rocco, datada do ano de 1988, com tradução de Luigi Del Re, edição mais popular e de fácil acesso no Brasil, pois fora relançada

várias vezes e pode ser encontrada nas principais livrarias, assim como também nos sebos e estabelecimentos de venda e troca.

No percurso desta pesquisa, ao analisar as fontes supracitadas, nos deparamos com uma diferenciação flagrante, pois, a transformação do sujeito perante a desinstrução se dá de forma única em cada um destes. Para pensar este processo, dentro de tantas outras nomenclaturas que são atribuídas a estes homens desinstruídos e deseducados⁹, em deferência aos costumes e sensibilidades ocidentais, que torna o corpo o lugar comum das práticas cotidianas e rotineiras, a saber, as necessidades básicas do ser humano, como o alimentar-se, o vestir e o dormir, nos apropriamos, nesta pesquisa, da categoria de *Homo Läger*, utilizada pela primeira vez por Paul Steinberg na sua obra memorial *Speak you Also* (2001).

Este ser, segundo Steinberg (2001), era um prisioneiro programado para viver, inicialmente, apenas alguns meses dentro do campo de concentração, onde seria utilizado como mão de obra escrava, e no decorrer de sua estadia, sem condições básicas de alimentação e higiene, definharia e acabaria por se tornar inutilizado dentro da logística do *lager*, porém, ao saber das burlas e regras próprias do campo, este sujeito passaria a viver mais tempo, arrastando-se no meio da multidão e por vezes passando despercebido, até por ele próprio. Para Steinberg, esse seria o ponto onde o *Homo Läger* (Homem-Campo) surgiria, um espectro já sem vivacidade e destituído de sensibilidades, onde viveria automaticamente atrelado às obrigações do campo, esquecendo-se por vezes do que era antes de adentrar aqueles muros (STEINBERG, 2001).

Essa insurgência, dentro das leituras que realizamos, aparece em variados sentidos para os sujeitos observados na pesquisa, pois, mesmo com a supracitada diferenciação de posição entre os testemunhos, o percurso de desumanização se deu, mesmo que de formas distintas.

Neste interim, nos apropriamos de Michel Foucault para entender e classificar essa desinstrução, a qual também compreendemos como *Homo Läger*, dentro do campo de concentração, utilizando a categoria de adestramento e docilização de corpos, presentes na sua obra *Vigiar e Punir* (2010). O encarceramento do corpo alcança, segundo Foucault (2010), para além de uma questão física, o cerne do fim das resistências e habilidades de discernimento total perante um acontecido

⁹ Refiro-me aqui, principalmente às categorias de *Muselman* e *Morto-vivo*, lavradas por Primo Levi e Elie Wiesel, respectivamente.

traumático, nesse caso, a prisão sumária e arbitrária como um detento do *Reich* de Hitler, onde, agora aprisionado, o corpo passara por transmutações físicas, cognitivas e comportamentais.

Aprisionados, os corpos passam a ser “propriedade” do estado totalitário, no caso, o nazista, onde começam a sofrer manipulações, medições e classificações, para garantir que este se adeque à norma estabelecida, e neste evento específico, o Holocausto, passe pelo processo de deseducação e desinstrução, que pretendia ser total. Na ótica nazista, este corpo, ao bel prazer, deveria ser, depois de manipulado, destruído de forma sistemática, mas não sem antes passar pelo processo de desinstrução, como bem nos lembra Foucault (2010):

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo: eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder [...] O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 2010, p.132-133).

O estado nazista desarticulou, então, toda e qualquer cartografia corporal dos sujeitos submetidos a este inglório regime, onde, já despidos de identidade e autoconhecimento, foram transformados e não aperfeiçoados, mas deseducados, desinstruídos e destruídos:

Para o *Homo Läger*, o silêncio, ainda em vida é imposição e, mais do que isso, efeito que resulta da supressão e da possibilidade e da inutilidade da elaboração simbólica. Se do ponto de vista existencial for possível dizê-lo, eis aqui o *núcleo* do efeito-Holocausto: erradicase nele o atributo básico da natureza humana. [...] O silêncio do *Homo Läger* é seu confinamento ao grito primordial e ao reconhecimento de que só há a dor e, do ponto de vista da expressão, seu urro básico; uma dor sem nome, sem o que a signifique na linguagem (LESSA, 2009, p.86, grifos do autor).

Ao atribuir sua gênese de aniquilação e desqualificação destes sujeitos, o *III Reich* os impunha uma derrota calcada no dia-a-dia, no passar das horas, dos segundos, onde o propósito de extinção se configurava a cada gesto, a cada pancada, a cada ferida exposta. A forma com a qual os nazistas impetraram esse

massacre físico e identitário é, decerto, uma das mais cruéis e sádicas maneiras de aniquilação de corpos, de sujeitos, de mentalidades, de povos.

A construção do *Homo Läger*, pode-se dizer, começa de forma sucinta, onde, os sujeitos eram expostos a leis, restrições e normas impostas pelo estado de exceção. Ao decorrer do tempo, com a adoção de uma política exclusiva para o extermínio das minorias da Europa, esse processo se torna ainda mais sistemático e doloroso para aqueles que o sofrera. No caso específico desta pesquisa, devemos ressaltar a importância que a medicina e a eugenia exerceram para o processo de desinstrução dos sujeitos, onde o corpo, em todos os seus aspectos, se tornaria um objeto de estudo, para a tentativa de aperfeiçoamento da dita raça ariana. Para esta finalidade, autoridades intelectuais nazistas, incluindo cientistas e médicos, se valeram da eugenia, método polêmico empregado para a tentativa de “aperfeiçoar” comportamental e geneticamente o corpo daqueles que eram vistos como as “ervas-daninhas” da sociedade.

A partir das pesquisas de Nancy Stepan (2005) e Pietra Diwan (2014), que abrangem o campo da eugenia, podemos perceber que as discussões desse saber e seus usos pelas políticas do partido nazista foram largamente utilizados para a desestabilização física e mental dos aprisionados. Nesta pesquisa, percebe-se que, com Miklós Nyiszli, este método estava muito mais ligado à própria tarefa do médico dentro do campo, pois o aparato médico nazista se apropriava de técnicas e discursos que a eugenia propunha, se tornando assim, o principal aporte teórico-ideológico da medicina nazi. Já em Primo Levi, podemos ver estes resultados surtirem efeito, pois a eugenia estava diluída no dia-a-dia do campo, nas ordens, na higiene, na alimentação e até na forma de dormir dos prisioneiros.

Hora explícita, e hora implicitamente, a eugenia era, de certa forma, a essência que produzira o *Homo Läger*, tornando o corpo propenso a se transformar em parte da maquinaria desejada pelo Terceiro *Reich*. Embora a eugenia tenha como foco a modelação e a transformação desses corpos, ela passa, primordialmente, pelo processo de desinstrução de alguns, onde seus corpos eram apagados, para a submissão de melhorias para outros, aqueles que se beneficiariam deste processo. Apesar de a eugenia ter destruído estes corpos, emudecido vozes e desmantelado identidades, ela não triunfaria totalmente, pois algumas destas vozes emergiram ao invés de afogar-se, e trouxeram ao mundo, no pós-barbárie o conhecimento acerca desse processo de silenciamento do corpo e de suas

plenitudes.

Sendo por isto, o Historiador e Doutor em Literatura Márcio Seligmann-Silva (2003) conceitua o Trauma como esta carga inenarrável de memória dolorosa. Os “narradores” que se propuseram a descrever os horrores do Holocausto com o intuito de transpassar o sentimento de dor para outras gerações, buscaram também se apropriar do trauma que sentiram nos seus íntimos detalhes, fazendo com que a escrita, a fala, e a imagem de sofrimento pudessem ser aproveitadas como uma resistência intelectual e psicológica para os que viriam. Essa resistência se equilibra numa linha tênue entre o documentar para não esquecer, o documentar para lembrar (quando se pratica “o exorcismo” da escrita, como se quisessem expulsar o que viveram), o documentar para denunciar (OLIVEIRA, 2015), todos no sentido de evitar catástrofes semelhantes às práticas que foram realizadas, dolorosamente, sobre os corpos.

Seguindo um dos propostos mencionados, as fontes que problematizamos apresentam percepções que tem seu lugar na leitura dos discursos, no posicionamento quanto à catástrofe e nos resultados que o trauma os deixara, cada um, a seu modo, transitando entre o documentar para não esquecer, o documentar para lembrar e o documentar para denunciar.

As escolhas aqui elencadas nos fizeram perceber que, no campo da historiografia brasileira, não é de nosso conhecimento pesquisas que relacionem o testemunho do Holocausto às práticas de desinstrução do corpo¹⁰. Dos autores que tratam, aproximadamente, do recorte temático, temos alguns que foram utilizados bibliograficamente nesta pesquisa, tais como Paul Steinberg e sua já citada obra *Speak you also* (2001), onde o autor busca trazer a explicação, dentro de seu relato, do que seria o *Homo Läger* em si; Arthur Caplan traz a cerne das táticas e técnicas da medicina nazista, calcadas na eugenia, na sua obra *Quando a Medicina*

¹⁰ Embora existam inúmeros trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses sobre o Holocausto, dentro do raio de nossa pesquisa, nenhum correspondeu ao teor deste trabalho, ou seja, nenhuma das pesquisas arroladas trazia como tema principal a desinstrução dos corpos e seu adestramento perante o desenrolar do Holocausto nazista. Dentro destes trabalhos, é importante ressaltar alguns, tais como: “A perseguição Nazista aos Homossexuais: o testemunho de um dos esquecidos da memória” de Tiago Elídio; “Transmissão transgeracional do trauma e resiliência em descendentes de sobreviventes da *Shoah*: um estudo qualitativo” de Luciana Lorens Braga; “Escritas que rememoram, Palavras que atormentam: O trauma e o testemunho inseridos em relatos literários sobre o Holocausto”, de Thiago Rafael Oliveira; “A Medicina nos Campos de Concentração de Auschwitz” de Victor Porfírio dos santos Almeida, entre outros.

enlouqueceu (1992), que traz testemunhos e discursos daqueles que sofreram ou presenciaram as atrocidades cometidas pela medicina nazi; Giorgio Agamben traz no livro *O que resta de Auschwitz* as questões sobre o testemunhar daqueles que sobreviveram à catástrofe, como também faz a discussão do *Muselmann*, ser desinstruído que se se assemelha ao *Homo Läger*; Dieter Schlesak, ao escrever *Capesius, o Farmacêutico de Auschwitz* (2015), nos traz a dimensão de “responsabilidade” daqueles que eram *sonderkommandos*, fazendo alusão à Miklós Nyiszli como criminoso de guerra.

No que se refere especificamente às pesquisas brasileiras que dialogam com o tema que estamos desenvolvendo, temos talvez como principal expoente das discussões sobre Trauma e Testemunho da catástrofe, o Literato e Historiador Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva, do qual adotamos como referência as obras por ele organizadas *História, Memória e Literatura: o testemunho na era das catástrofes* (2003) e *Palavra e Imagem: Memória e escritura* (2006), onde vários artigos norteiam o pesquisador e diminuem a dificuldade de trabalhar com tal tema; A Professora Jeanne Marie Gagnebin, que traz discussões pontuais nos aspectos de memória e escrita no seu *Lembrar, escrever, esquecer* (2006). Não podemos esquecer também da primordial coletânea organizada pela Professora e Psicóloga Edelyn Schweidson, chamada *Memória e Cinzas: Vozes do Silêncio* (2009), obra esta que nos apresentou pela primeira vez o conceito de *Homo Läger* e nos deu várias saídas para entender e aplicar este conceito.

Diante de uma Historiografia que ainda não trata o Holocausto dentro de uma perspectiva de desinstrução, onde o deslocamento do humano de seu lugar comum produz uma escrita e uma narrativa que documenta e denuncia, este trabalho tem como meta colaborar com os que anseiam combater discursos revisionistas, fascistas e neofascistas, que estão em crescente no mundo de hoje, mas também tem como objetivo dar um pouco de voz aos que eram silenciados, esquecidos, isolados e desumanizados, e que, por conseguinte, retirados de sua condição humana.

Depois de traçados os métodos e anseios desta pesquisa, dividimos o presente texto dissertativo em mais três capítulos. No Capítulo I, intitulado ***Rumo ao Homo Läger: O percurso que desumaniza e coisifica o corpo***, tratamos de esquadrihar as formas com as quais os humanos submetidos ao massacre, desde a perda de direitos básicos até seu aprisionamento e a política mórbida de morticínio

nazista entrar em ação, passando pelo seu processo de desinstrução e adestramento, o qual lhe tornara mais objeto que humano, trazendo assim à tona o *Homo Läger*. Essa pedagogização às avessas é demonstrada de todas as formas, antes e durante a viagem de trem que modificaria para sempre a vida daqueles que passaram por ela, e em especial dos dois sujeitos estudados nessa pesquisa.

No Capítulo II, de nome ***Da desinstrução que molda o Homo Läger: A vivência em Auschwitz*** buscamos compreender como cada prisioneiro estudado nessa pesquisa passou a conviver com a ideia de sua própria destruição, Nyiszli vivendo como *Sonderkommando* e sentindo uma ameaça pujante perante sua situação, e ao mesmo tempo recebendo os “benefícios” de fazer parte da maquinaria médica nazista. Essa medicina destrutiva buscou, com o aporte discursivo e metodológico da eugenia, aperfeiçoar a raça dita ariana e pura, com meios macabros e desumanos de testes e experiências, tendo como tubo de ensaio o próprio corpo humano. Buscamos também nesse capítulo compreender Primo Levi como um habitante “total” de Auschwitz, passando por todas as intempéries e sanções que os prisioneiros comuns sofriam, e ao mesmo tempo narrando seu cotidiano. Se Nyiszli mostra Auschwitz como algo cruel e desumano, a narrativa de Levi eleva ao quadrado esses adjetivos, quando denuncia, com “ódio”, o agir nefasto de seus algozes perante a condição desumana que era imposta a ele no campo de concentração.

No capítulo III, intitulado ***Classificando testemunhos, dissecando traumas: o homo läger que transcende os muros de Auschwitz*** buscaremos entender como esses sujeitos alçaram forças para testemunhar seus vividos dentro do campo de concentração, tentando, dessa forma, contar suas histórias e narrar suas memórias dos dias de dor.

Procuraremos também mostrar como esses vividos transformaram estes homens, suas sensibilidades, suas psiques, e como tudo que fora vivenciado dentro dos muros de Auschwitz acabou por ser carregado consigo para o resto de suas vidas.

1. RUMO AO *HOMO LÄGER*: O PERCURSO QUE DESINSTRUI E COISIFICA O CORPO

Foram justamente as privações, as pancadas, o frio, a sede que, durante a viagem e depois dela, nos impediu de mergulhar no vazio de um desespero sem fim. Foi isso. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: dela poucos homens são capazes, e nós éramos apenas exemplares comuns da espécie humana (LEVI, 1988, p.18)

“Humanos comuns”. Pais e mães de família. Operários, comerciantes, trabalhadores em geral. Este era o perfil dos deportados nos vagões de gado do Terceiro Reich. Homens, mulheres e crianças, que, sem terem cometido crime algum, haviam sido condenados a um dos maiores massacres do Século XX¹¹. O que nos salta aos olhos nessa citação epigráfica é justamente a expressão de Primo Levi, químico e escritor italiano, sobrevivente do Campo de Concentração de Auschwitz, onde o mesmo categoriza a si e aos seus pares à condição de “humanos comuns”. Sendo assim, este “comum” seria a forma ainda cotidiana dos deportados, pessoas que, na sua maioria, não sabiam o que se passava nos campos. Poucos, como o próprio Levi, possuíam conhecimento que aquela deportação seria a última viagem de todos, ou, com um mínimo de esperança, de muitos.

Entrementes, como poderíamos entender a dissolução do homem, e daquilo que considera ser de sua sensibilidade enquanto humano perante o massacre e a intolerância? Este enveredar por tristes paisagens da alma, por angustiantes negações de si próprio, por uma desconstrução do cerne de “ser humano” ao se tornar um corpo máquina (FOUCAULT, 2010), propenso a incursões do outro, fragilizado por concepções beligerantes e deteriorado pelo assombro do trauma e da violência é o que chamaremos, a partir desta discussão, de *homo läger*.

O que leva Levi a “ocultar” a sapiência do horror, nada mais é do que a própria resignação, que o mesmo nega nessa passagem do livro *É isto um homem*, obra prima da Literatura de Testemunho a qual Levi se prontificou a produzir. Este sentimento estaria ligado a uma falsa expectativa que muitos dos degredados, que

¹¹ O Holocausto Nazista, mesmo sendo o único sistematizado e planejado minuciosamente, não fora o único genocídio do Século XX. Podemos citar, entre outros, o Holodomor (mortes causadas pela fome no regime stalinista da União Soviética), o genocídio armênio, impetrado pelos turcos e o genocídio no Camboja, causado pelo Khmer Vermelho.

acreditavam, num exímio esforço de crença, que nenhum sistema totalitário estaria disposto (ou mesmo “autorizado”) a realizar tal procedimento: aniquilar toda uma etnia com o infame propósito da purificação da raça.

Essa “autorização se dava, em suma, pela forma com a qual esses governos totalitários tratavam os ditos diferentes: animalizá-los para assim, poder matá-los, no pressuposto da matança animal aceita e praticada pela cultura ocidental.

Mas, para além do propósito de “purificação”, existia outra forma de modelamento dos corpos, fixada principalmente pelos nazistas, para a transformação destas cartografias corporais, que por meio do terror psicológico impetrado pelas políticas de segregação do *Reich* de Hitler, já se encontravam em percurso de enfraquecimento. Estava designado, mesmo muito antes da execução do Holocausto em si, o propósito de docilização dos corpos, o adestramento para o desígnio “supremo” do Terceiro Reich: o extermínio dos “indesejáveis”.

Dialogando com Michel Foucault (2010), podemos perceber que o âmbito em que figura essa proposta de docilização é permeada por pressupostos, primordialmente, militares. À medida em que a política de extermínio da Alemanha Nazista galgava passos gigantescos em direção ao sucesso, a execução dessa prática já era desencadeada, de antemão, tanto no viés militar nazista quanto na política de extermínio dos corpos. Ainda para Foucault (2010), esse mecanismo de docilização de corpos figurava no seio militar europeu desde o Século XVIII, porém pode ser remetido a outras épocas, sendo que essa prática se desdobra e se reinventa quando é necessária sua utilização: “Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados”, porquanto, isto impõe ao corpo “limitações, proibições ou obrigações [...] não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente” tornando assim o Estado modelador capaz de “exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo” (FOUCAULT, 2010, p. 132-133).

Apesar de Foucault (2010) se remeter ao Século XVIII, podemos aplicar também estes apontamentos no viés da política de extermínio nazista, pois as práticas citadas cabem e foram utilizadas largamente no período da Segunda Guerra, e antes dela. Não se cuidava do corpo, nazista ou judeu. Eram-lhes

empregados mecanismos de adaptação à situação em que cada corpo se encontrava (no caso nazista, no *front*, no caso judeu, nos campos de concentração). O corpo era ressignificado de acordo com a prioridade que a máquina coercitiva o propunha.

Quando pensamos o caso de Miklós Nyiszli, médico judeu, outro prisioneiro do Reich de Hitler, também no Campo de Concentração de Auschwitz, quando inserido neste âmbito de transformação, que chamaremos de *homo läger*, podemos perceber que sua narrativa propõe esse modelamento do corpo, numa adaptação ao “novo” que lhes era jogado, imposto, de uma forma que as resistências minariam de acordo com o passar do tempo, onde suas obstinações se tornariam cada vez mais escassas. Logo quando narra a deportação, Nyiszli apresenta-se descrente com a longevidade vital daqueles que estavam condenados àquela condição:

É o trem dos deportados. Quarenta vagões idênticos correm sem descanso há quatro dias, primeiro em terra da Eslováquia e depois na do Governo Geral da Alemanha, levando-nos a um destino desconhecido. Fazemos parte do primeiro grupo de cerca de um milhão de judeus húngaros condenados à morte lenta (NYISZLI, 1961, p.11).

“Condenados à morte lenta.” Assim Nyiszli descreve a condição mental à qual aqueles que portavam certo discernimento¹² estavam submetidos. A morte começava ali, dentro de um vagão de trem (destinado originalmente ao transporte de gado) lotado, com vários sentimentos mistos, onde figurava o medo, o desespero, o não pertencimento e a dúvida (NYISZLI, 1961). Essa morte anunciada transfigura-se em toda narrativa do médico judeu-húngaro, onde o mesmo faz questão de afirmar que não existia esperança naquele entremeio.

Naqueles trens de deportação, que rumavam com destino às grandes florestas da Alta-Silésia¹³ estavam esses corpos, iniciados na sua modelação para (e pela) a barbárie e submetidos ao medo mais indelével que habita o imaginário dos seres vivos: o medo da morte.

Mas por que este medo era tão flagrante na vida desses sujeitos? Como dito

¹² Boa parte dos judeus deportados não acreditavam que existiam câmaras de gás ou crematórios, e sim que “apenas” seriam escravizados e postos em campos de trabalho forçado.

¹³ Região da Polônia onde localizava-se o Campo de Concentração de Auschwitz.

no início desta discussão, eram homens comuns, viviam vidas “normais”, faziam parte de um cotidiano. O labor diário, dormir, acordar, pagar contas, se alimentar... Sonhar! Imagine o quão difícil deve ter sido para estes homens do cotidiano se verem obrigados a passar por uma metamorfose tão profunda, dadas às devidas proporções. Nyiszli era médico legista, devia estar, antes da guerra, trabalhando com suas perícias médicas na ajuda forense à polícia, devia estar sonhando com um emprego melhor e uma renda que lhe proporcionasse sustentação e estabilidade financeira. Estava se fixando enquanto médico na Romênia, graduado e admirado como um profissional eficiente e exemplar, quando fora capturado pelas tropas do Reich.

Levi era químico, um promissor estudante nascido em Turim e que vislumbrava uma brilhante carreira acadêmica no seu horizonte, inclusive tendo sido aluno do filósofo e historiador italiano Norberto Bobbio (este tendo sido uma de suas maiores influências na escrita), mas as leis do Reich o oprimiram desde cedo, quando viu seu diploma obtido com méritos, ser marcado com o termo *raça judia*, o que o impediu de seguir sua carreira profissional.

Quando assim pensamos, vemos a história de apenas dois homens incluídas num mar de outras histórias de cidadãos comuns, homens e mulheres que tiveram suas vidas modificadas, “esquartejadas” pelas políticas de segregação do Reich nazista. Outros milhões de pessoas que passaram pela mesma modelação corporal e mental as quais que Levi e Nyiszli foram subjugados, e a esmagadora maioria deles não puderam contar suas histórias, pois, ainda sob a ótica de Levi, estes foram os afogados, os degredados, os violentados dentro de si próprios, e não os sobreviventes, aqueles que carregariam uma culpa indelével por terem sobrevivido, terem chegado além do fundo do poço com suas memórias (LEVI, 1988).

Feitas estas incursões, objetivamos neste capítulo trazer a perspectiva da emergência do *Homo Läger*, sua formação dentro do aspecto da barbárie e como estes corpos, aos quais nos referimos, foram modelados para saírem de um estado ordinário e cotidiano e se transformarem em corpos-máquina, depósitos de técnicas militares de cunho destruidor, onde estes eram talhados para se resultarem em artefatos que seriam utilizados ao bel prazer da Gestapo¹⁴ e da SS¹⁵.

¹⁴ Acrônimo em alemão de *Geheime Staatspolizei*, polícia secreta do governo nazista, responsável por prisões de civis e ações dentro da sociedade dominada pelo III Reich.

1.1 A normatização que deforma o corpo: a emergência do *Homo Läger*

O terreno que se oferece à minha vista está cercado até o horizonte de postes de cimento, dispostos com regularidade e reunidos entre si por fios de arame farpado desde o solo até o cume. Letreiros nos informam que estão carregados de corrente elétrica de alta tensão. Os postes desenham grandes quadrados no interior dos quais centenas de barracões cobertos de papel alcatroado, pintado de verde, formam longas ruas retilíneas e paralelas a perder de vista (NYISZLI, 1961, p. 12).

Estranhamento. Quando se está habituado a um lugar, uma região, uma cartografia em que reinam os hábitos e costumes de nossos pares, qualquer espaço que fuja desta equação nos causa uma estranha sensação de não pertencimento. Eram vários vagões, cada qual com várias sensibilidades e corpos distintos, cada qual com sua particularidade de vida, de sentimentos e aspirações, mas que estavam todos condenados a um destino quase uniforme: as já famigeradas câmaras de gás de Auschwitz, onde estas vidas seriam ceifadas.

Mas a deportação era, de fato, a materialização da violência. Para entendermos melhor essa política de expulsão, como Hannah Arendt (1999) se refere a esta prática, nos remetemos às chamadas que eram feitas nos guetos, destinados para o confinamento dos “condenados” antes desta temida deportação. Os guetos amontoavam pessoas desde a promulgação das Leis de Nuremberg, em 1935. Essas leis foram geridas como uma espécie de “proteção ao povo ariano” contra a “ameaça judaica”. Foram aprovadas com o intuito de criar uma espécie de base legal para excluir os judeus do cotidiano dos alemães, onde estas leis restritivas proclamavam que os judeus não podiam possuir cargos públicos, jantar em restaurantes “comuns” nem andar no mesmo transporte público destinado aos “cidadãos arianos”, além de não poderem se casar ou consumir ato sexual com alemães. Segundo Robert Gerwarth (2013), estas leis foram expandidas no mesmo ano de 1935 para excluírem também ciganos e negros da vida pública dentro da Alemanha. Dentro dessas leis, também estava a proibição do desempenho de funções públicas pelos judeus, a não ser que estas fossem realizadas dentro de

¹⁵ *Schutzstaffel*. Seção paramilitar ligada a Adolf Hitler, uma espécie de tropa de elite nazista.

repartições totalmente dirigidas e voltadas para o público semita.

O plano de Hitler se posiciona para além de varrer os judeus da Europa, era clara e evidente a estimativa sobre quais rumos o continente europeu devia tomar após a segunda guerra, no caso de vitória nazista, e nesses planos nenhum resquício judaico deveria estar incluído, nem mesmo as ações que levaram ao extermínio de milhões. O modo sistemático de assassinato impetrado aos judeus transforma a Shoah¹⁶ num evento quase incomparável, pois sabiam quantos iriam morrer por dia, como e onde, gerando assim um nível de frieza e de crueldade quase impossível de apagar da memória de quem presenciou esse fato e que, lógico, conseguiu sobreviver.

Não obstante à tentativa de aniquilação total de qualquer esfera da existência judaica na Europa, os nazistas buscavam também anular a sensação de pertencimento à comunidade europeia que os judeus carregavam consigo, pois através dos séculos estes construíram uma relação forte na esfera econômica e na social. Para Hitler, a “grande ameaça” judaica poderia clamar sua identidade europeia, fazendo assim com que houvesse, para além de uma resistência judaica, uma resistência civil da população da Europa. O “ser judeu” aparecia como uma forma identitária que era calcada majoritariamente na religião, e foi nesse ponto que os nazistas usaram seu discurso para dissociar, principalmente os alemães, dos que pertenciam ao povo judeu (ARENDDT, 1999).

Ainda pensando na descrição de Hannah Arendt (1999) sobre o que acontecia na esfera das convivências na Europa daquela época, a filósofa nos apresenta uma questão polêmica sobre o “ser judeu” nos tempos sombrios guiados pelo nazifascismo, pois além de judeus, eles também exerciam a função de cidadãos comuns na sociedade, entretanto esse papel de homem comum poderia aparecer como uma fuga da realidade e uma “incitação” ao ódio cada vez mais abundante da máquina nazista. Quando ela remete à questão da identidade, podemos assimilar que a mesma está apresentando outra face do cidadão judeu da Europa hitleriana, que aparece como a de um cosmopolita normal que tem suas obrigações e direitos, mas que fora engolido física e identitariamente pelos partidários de Hitler.

Todos esses anseios e angústias que assolavam o povo judeu vinham sendo

¹⁶ Termo em lídiche para Holocausto.

talhados gradativamente, como já citado, dentro de todos os âmbitos sociais e políticos da Europa. Quando pensamos nisto, lembramos a questão que Roudinesco (2010) levanta sobre este deslocamento dos judeus dentro do solo Europeu, onde a autora nos remete a ideia de que a perseguição antijudaica se uniu ao antissemitismo e esses dois paradigmas calcados no preconceito pregado contra o povo judeu, como se duas pilastras de ódio se unissem em uma só.

Dentro de todos esses paradoxos que envolviam a figura judaica na Europa da época pesquisada, nos salta aos olhos a coisificação do corpo em si, quando não se importava mais sobre sentimentos, sensibilidades ou outros elos afetuosos que viessem a existir nos indivíduos. Dialogando com Pesavento (2005), podemos entender que a experiência do sensível, lacuna nesses tempos sombrios, pode ser entendida como uma “dinâmica interativa com a realidade, que definimos como anterior à capacidade reflexiva e racional”, onde o ser que passa por um trauma ou uma dissolução de sua identidade enquanto cidadão do mundo “organiza as sensações que se apresentam, interpretando-as e complementando-as por meio de imagens, lembranças, experiências” (PESAVENTO, 2005, p.128).

Essa busca por imagens do real ou do racional é o que permeia o imaginário daqueles que se viam obrigados a passarem por este processo de destruição física e psíquica. Lembrar de lugares, de olhares, cheiros, sons, tudo o que lhes apetecia antes da barbárie ser estabelecida, era uma espécie de refúgio dentro do protótipo antagônico que se estabelecera com a ascensão do Reich Nazista. Nyiszli (1961) busca, na citação supracitada, trazer a ambientação, através da educação do olhar, do que lhe era familiar, do que seu sentido teria sido pedagogizado antes de adentrar ao campo de concentração. Mas agora era diferente. A cartografia sensorial de Auschwitz se apresentava como algo único, talvez até um paradigma ilusório, onde nenhum ser jamais devia ter penetrado: os umbrais do inferno.

Podemos entender bem essa afirmação ao pensarmos em Levi (1988), quando este descreve a antessala em que os prisioneiros recém-chegados ao campo de concentração de Auschwitz-Bikernau permaneciam após sua “aterrissagem” em tão escuso local, onde o tempo custava a passar e as sensações eram de impotência e angústia penetrantes. Mas por que Levi a descreve como inferno? Vale salientar, de antemão, que o autor italiano, na sua obra chamada *É*

isto um homem?, faz um joguete de palavras entrelaçando a aterradora sensação de se estar em Auschwitz à maneira como Dante Alighieri¹⁷ descrevia o inferno na sua obra *Divina Comédia*, principalmente em passagens em que ele cita a jornada de Ulisses ao regressar para casa, mas que não encontra nenhum rosto amigo ou algo semelhante, porém a derrocada final de seus sonhos:

Diferente do que na *Odisséia*, de Homero, que na sua época não conhecia em original, no canto 26 Dante descreveu em seu Inferno a última viagem de Ulisses de modo que ela não acaba na volta para casa, mas no naufrágio e fim. Assim, em Dante, Ulisses narra essa história como morto, e (pelo pecado de conselhos enganosos) é condenado ao fogo do Inferno. Por esse motivo, também o leitor de Dante, arrastando pelo campo um latão de sopa com “repolhos e nabos”, na sua *recitatio Dantis* tem subitamente a ideia de que a última viagem de Ulisses poderia muito bem ser uma imagem de sua própria situação no campo de extermínio de Auschwitz. (WEINRICH, 2001, p.261)

É assim que Levi demonstra suas sensibilidades perante o “Inferno” de Auschwitz: como uma divina comédia que, de um jeito ou de outro, acabaria em tragédia como acabara para Ulisses no poema de Alighieri. Ao se remeter ao Inferno de Dante, Levi faria assim outro exercício de escrita e de representação: Narrar para os seus pares (italianos) num formato de “código” que soaria como um grito desesperado de dor e de angústia, como se aquele exercício de gritar enterrasse seus fantasmas e exorcizasse os “demônios” absorvidos naquela estadia no Inferno, e enclausurados na alma de Levi até que ele os expulsasse através do movimento do escrever para não esquecer. Contudo, antes dessa chegada em Auschwitz, temos que entender o processo pelo qual estes homens passaram para poder, enfim, chegar aos umbrais deste inferno. As políticas para controlar o corpo já estavam lançadas. É interessante ponderar que as Leis de Nuremberg também esboçavam outros “programas de aperfeiçoamento da raça ariana”, dentre os quais os mais famosos e cruéis podem ser elencados como uma prerrogativa para o que viria a seguir.

¹⁷ Escritor, poeta e político Florentino, nascido na atual Itália, autor de obras como *A Divina Comédia* e *Sobre a língua vulgar*.

O *Lebensborn*¹⁸ buscava aperfeiçoar a “raça ariana”, incentivando casamentos entre alemães ditos “puros” e realizando um programa para inibir os números de aborto de mulheres alemãs, crescentes naquela época de crise financeira (Gerwarth, 2013). É de vital valor salientar que o *Lebensborn* estava completamente ligado à política eugenista de higienização racial, presente na Alemanha daqueles tempos. Abordaremos a questão da Eugenia Nazista de forma mais completa no capítulo II desta dissertação, mas é sempre bom salientar que esta prática fora realizada na Alemanha com o intuito de limpeza étnica, racial e social. “Podar” da árvore do Estado as ditas “ervas daninhas” por meio de assassinatos, mas também por intermédio de experimentos, causando uma morte lenta através de práticas destrutivas e modeladoras do corpo (BAUMAN, 1999).

Além do *Lebensborn*, outra política de limpeza étnica também fora utilizada na Alemanha Nazista com o intuito de eliminar os ditos mais “fracos” no ideário da engenharia social: a *aktion T4*¹⁹. Bauman (1999) classifica esse “programa” como uma espécie de “alívio financeiro” para os cofres da Alemanha:

O cálculo era meticuloso e escrupuloso e os resultados transpiravam respeitabilidade científica: Em 1933 o estado prussiano gastou com cada *Normalvolksschuler* [aluno normal] 125 marcos, mas 573 marcos com cada *Hilfsschuler* [aluno atrasado], 950 marcos com cada *Bildungsfähige* e *Geisteskrank* [deficientes mentais] e 1.500 com cada um dos *blindoder taub-geborenen Schuler* [alunos cegos ou surdos]. Os dados quase não precisaram de comentários. A razão moderna curvava-se aos fatos: o problema tinha sido claramente formulado, o resto era questão da correta solução tecnológica (BAUMAN, 1999, p. 40).

Nos moldes de operação do *T4*, esses números representavam apenas uma coisa: a eliminação desses sujeitos que, mesmo sendo dispendiosos ao estado, não dariam o “retorno” suficiente para as ambições do dito “estado jardineiro” Nazista. Eliminá-los também significava outro propósito: Poupar dinheiro para os conflitos beligerantes vindouros, mesmo que isto custasse vidas, pois, na ideologia

¹⁸ Que numa tradução aproximada do alemão, pode ser interpretada como “fonte vital”.

¹⁹ Programa de eugenia e eutanásia forçada, realizado na Alemanha Nazista conjuntamente com o *Lebensborn*. Intuíva na eliminação dos ditos “doentes incuráveis”, como doentes mentais, deficientes físicos e “vagabundos irrecuperáveis”. Talvez tenha sido um dos primeiros indicativos das atrocidades genocidas que viriam a ser praticadas em longa escala pelo Reich Nazista.

nazifascista, a guerra era a redenção do homem (GERWARTH, 2013).

E mais uma vez percebemos nesses discursos, muitas vezes aportados pela ciência e pela política da época, que o corpo nada mais era que um tubo de ensaio para os anseios de um estado “moderno” que se mostrava como manipulador, modelador e destruidor desses corpos e mentes. Não adiantava ir contra: era o “preço do progresso”. O estado Nazista sabia bem o que tinha nas mãos, sabia usar o discurso e a propaganda como seus aliados, e convencia cada vez mais o povo alemão que aquilo, mesmo que imoral, era o que devia ser feito para que o país pudesse alcançar um *status* de moderno, avançado e evoluído.

Foucault (2010) nos alerta que este estado dito moderno, busca, com suas aspirações e agindo de forma dinâmica e rápida, trazer à tona todo um dispositivo de coerção e de disciplina que vieram sendo galgados há muito tempo, com o intuito de transformar o corpo em uma máquina austera, onde o estado iria inferir seus propósitos, mesmo que isso custasse a destruição parcial ou total desse corpo:

A “invenção” dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral (FOUCAULT, 2010, p.134).

Quando fala de “fachada de um método geral” o autor se refere ao propósito que era abordado para a transformação do conceito de corpo, que começa no Século XVIII, onde tornara-se um protótipo de formas de controle e disciplina do corpo, sendo que o objetivo final seria a docilização total ou parcial deste.

Com todas as políticas de controle desse corpo, que, em tese, já estava fatigado, sem forças e sem sentido para lutar, o estado Alemão conseguira uma de suas aspirações desde o começo do processo de modelamento do corpo judeu: aniquilara qualquer forma de organização e resistência, pois, fragilizados, estes indivíduos passariam a travar uma luta pela sobrevivência diária, onde o cerne individual prevalecia ao coletivo.

Para além destas políticas do corpo, é muito importante ressaltar também os eventos que sucederam estas normas e editos, pois estes foram de suma

importância para a realização do plano nazista de aniquilação judaica na Europa. Antes de qualquer coisa, é preciso esclarecer a questão da dissolução da “vanguarda” do partido nazista, onde uma ala menos radical fora toda dizimada pelos militantes que, posteriormente, seriam chamados de SS ou de Gestapo. Estamos falando da famigerada “Noite das facas longas” que consistiu na eliminação da ala mais “branda” do partido.

Segundo Gerwarth (2013), esta ação se deu por conta que Ernst Röhm²⁰, co-fundador e líder da SA²¹, ansiava “tomar” a liderança do partido nazista e era visto como uma séria ameaça, pois gozava de muito prestígio dentro dessa ala da organização nazi. Toda essa discussão acerca desse flanco nazista foi reforçada pelas acusações de práticas homossexuais de Röhm (conduta totalmente rechaçada por um partido ultraconservador como o nazista) e de sua suposta traição, o que veio a culminar com a chamada “Noite das facas longas”, em 30 de Junho de 1934. Nessa ação, todos os líderes da SA foram executados, incluindo Ernst Röhm, que fora assassinado dois dias depois, ao recusa-se a tirar a própria vida dentro da prisão de Stadelheim, em Munique. Assim, os nazistas mais fervorosos com a questão de limpeza racial eliminaram um dos obstáculos a serem vencidos para o estabelecimento do III Reich.

Outra ação que também se enquadra nessa busca dos nazistas por um território perfeito para a disseminação de sua prática de engenharia social foi a chamada *Kristallnacht*, ou noite dos cristais. Fora chamada assim por conta dos vidros das lojas espalhados pelo chão, e que brilhavam como cristais ao amanhecer. Esta ação, conforme a discussão de Gerwarth (2013), se deu por conta de uma represália ao assassinato de Ernst Vom Rath, diplomata alemão, por um judeu polonês. A partir deste ocorrido, na noite de 9-10 de Novembro de 1938, dezenas de comércios judeus foram destruídas, pilhadas e saqueadas por forças voluntárias nazistas, as chamadas *freikorps*. Estima-se que cerca de 90 judeus foram sumariamente executados e outros 300 presos e mandados para campos de trabalho forçado, o que precederia a formação e execução dos temíveis guetos²²,

²⁰ Oficial alemão, que exerceu um papel crucial nos primórdios do partido nazista.

²¹ *Sturmabteilung* (Destacamento Tempestade, numa aproximação de tradução). Foi uma milícia paramilitar que servia aos comandos do alto escalão nazista. Fora substituída posteriormente pelas SS.

²² Quando as políticas de disciplina e destruição sistemática do corpo já estavam estabelecidas no III Reich alemão, foram criados os locais para, agora de uma forma concreta, aprisionar o corpo daqueles ditos “indesejados” pela política de engenharia social alemã: ao guetos. Para entendermos

que serviriam como um tipo de “incubadora” do horror, um tipo de “laboratório” para se testar antes do extermínio do corpo.

1.2 “Aquele trem para Auschwitz”: a pedagogia da desinstrução.

Ao sair da Cracóvia, nosso trem corre apenas uma hora e depois para numa estação de certa importância: Auschwitz; foi assim que, por uma inscrição em letras góticas, aprendemos seu nome. Este não nos dizia absolutamente nada, pois nunca havíamos ouvido falar dela (NIYSZLI, 1961, p.12).

Oświęcim, Polônia, maio de 1944. A primavera europeia, tão mista entre dias ensolarados e chuvosos, sobrevinha com uma sensação diferente para o romeno Miklos Nyiszli: a penumbra tenebrosa de uma deportação. A violência é extrema contra o sentir, o ouvir, o falar, o existir. A violência é propagada de um corpo para outro (BECKER, 2011), o castigo é perpetrado às pessoas que estavam ali subjugadas por uma condição. Que condição seria esta? Qual crime ele teria cometido? Que espécie de terrível transgressão esse médico e sua família teriam praticado contra aqueles homens, tão lotados de ira e de palavras agressivas, chutes, pontapés, cotoveladas e pauladas? Por que seus vizinhos, que antes pareciam tão “tenros e gentis”, agora atiravam lama e cuspiam na face de Nyiszli e de seus familiares, tão assustados com aquele cenário? Estas são questões que, mesmo inseridas no campo da historiografia, da literatura e em outros aportes intelectuais sobre o Holocausto, ainda não podem ser respondidas com plena certeza, tal foi a grande banalização do mal arquitetada contra a condição humana de judeus, ciganos, negros, homossexuais, eslavos, testemunhas de Jeová, entre outras minorias da Europa da época (ARENDRT, 1999).

Na citação acima, o autor nos admite que nada sabia sobre Auschwitz, mas,

melhor essa política de expulsão, como Hannah Arendt (1999) se refere a esta prática, nos remetemos às políticas de segregação que eram feitas nos guetos, destinados para o confinamento dos “condenados” antes da temida deportação para os campos de concentração. Os guetos amontoavam pessoas logo após a promulgação das Leis de Nuremberg, em 1935. O maior deles, o de Varsóvia, chegou a confinar mais de 400 mil pessoas, num espaço que, com muito esforço, caberiam 80 mil sem nenhum conforto (MCDONOUGH, 2015). A vida nos guetos, dadas às devidas proporções, era um emaranhado de confusão, medo e revolta, pois muitos não aceitavam a condição de estarem ali, submetidos a leis que não entendiam e não concordavam.

infelizmente, esse lugar existia. Fora forjado nas profundezas das florestas sombrias da Alta-Silésia, num local aproximado entre as fronteiras da atual República Tcheca e da Eslováquia. Estava ali disposto por ser um local escuso, de difícil acesso e localização, cartografia perfeita para a execução do plano maior da solução de extermínio dos judeus da Europa. O que podemos também mapear na fala de Nizlyi (1961) é que ele fora educado, logo na sua chegada, a “aprender” sobre este local com uma pedagogia distinta: a pedagogia da dor. Mesmo que ele não soubesse nada de Auschwitz, os muros, as casernas e as câmaras de gás sabiam muito sobre ele, pois, na altura do ano de 1944, que data de sua chegada ao campo, a cifra de judeus assassinados naquele local já ultrapassava os seis dígitos.

Para a maioria dos condenados àquele destino, Auschwitz aparecia mesmo como uma incógnita, pois, até então, era um local totalmente desconhecido para muitas pessoas. Fora construído de forma estratégica, pois aquela região possuía uma forte influência industrial para o restante da Polônia. Também estava posto de forma proposital por ficar próximo ao campo de concentração de Cracóvia, local de onde provinha muita mão-de-obra qualificada para trabalhar no campo, principalmente por que essas pessoas tinham experiência no fabrico de artefatos bélicos (McDONOUGH, 2016).

O campo de Auschwitz era dividido em três campos principais: Auschwitz I, onde estava localizada a parte mais burocrática do campo, como administração, reserva de armas e alojamento de soldados; Auschwitz II (ou Auschwitz-Bikernau), o mais conhecido, centro de execuções onde estavam localizadas as câmaras de gás e os fornos crematórios; e por fim, Auschwitz III (ou Auschwitz-Monowitz-Buna), onde estava alocada a fábrica de borracha e os escritórios de famosos centros industriais da época, como a IG-Farben e a Siemens. Neste terceiro campo, estavam confinados trabalhadores aptos e experientes na indústria, e estes possuíam uma expectativa de duração maior no campo.²³

É nesta cartografia, tortuosa e sombria, que as políticas sobre os corpos seriam finalmente postas em prática em sua forma plena. Segundo a discussão de Becker (2011), os judeus lotados em Auschwitz passaram por dois momentos de extermínio: o extermínio selvagem e o industrial. No selvagem, segundo a

²³ Informações extraídas do site oficial do Museu Estadunidense do Holocausto (United States Holocaust Memorial Museum) <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007961>. Acesso em 14/01/2018.

concepção da autora, os prisioneiros do campo de extermínio eram assassinados aleatoriamente, pois, ainda não existiam as famigeradas câmaras de gás. Os métodos mais comuns de execução utilizados nesse recorte eram os fuzilamentos e enforcamentos, impetrados contra aqueles prisioneiros que burlavam as regras ou contrariavam as ordens dos carrascos da Gestapo e da SS que guarneciam Auschwitz. Já o extermínio industrial, que contava com uma organização digna de uma grande indústria multinacional, com números, estimativas e comandos, seria aquele que estava robotizado, estilo linha de montagem, com aqueles homens, que também haviam recebido uma educação para o corpo-máquina, fazendo o papel de carrascos contra aqueles que estavam sendo educados pelo horror e para a destruição do seu cerne de ser humano (BECKER, 2011).

A agonia daqueles aprisionados por um estado de exceção parecia piorar logo quando lhes foram ditadas suas extradições. Sair de casa, por vezes no meio da noite, sendo arrancados do lar por meio de gritos, empurrões, socos, chutes e cusparadas, onde, nesse trajeto sórdido, não foram poupados idosos nem crianças. As bagagens de roupas, mal arrumadas, as joias, os pertences, que por muitas vezes eram economias e lembranças de várias gerações de famílias, agora estavam ali, perdidos, com a mentirosa promessa que lhes seriam devolvidos assim que chegassem ao seu destino (LEVI, 1988). O trem. Este grande invento humano que trouxe, para muitas sociedades, o sinônimo de modernização e de avanço tecnológico, ocasionou para aqueles, perseguidos, como rememora Levi, um misto de medo, apreensão e terror, “uns rezaram, outros se embebedaram; mergulharam alguns em nefanda, derradeira paixão” (LEVI, 1988, p. 15). O barulho distante do trem chegando às estações de deportação transferia-se num ruído amedrontador para estes corpos.

Isto nos ajuda a compreender o porquê do trem ter modificado as percepções sensoriais dos confinados. Como lembra Levi (1988, p.18), o som do apito do trem o condicionava automaticamente a sentir aflição, calafrios e dor, antes mesmo de adentrar aos seus vagões: “Era isso mesmo, ponto por ponto: vagões de carga, trancados por fora, e por dentro, homens, mulheres e crianças socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo”. Primo Levi, até então, não havia estado em um Campo de Concentração, todavia, isto não o impedia de ter o discernimento do triste fim que estava reservado para ele e seus pares: a decomposição da sua identidade, do seu reconhecer-se enquanto

humano. Tratava-se, pois, de um Levi um tanto já transmutado e docilizado.

Essas sensibilidades são rememoradas a todo tempo nas literaturas de trauma utilizadas como aporte para este trabalho. O percurso do trem, as cidades, os cheiros, as sensações, a educação do olhar, tudo era flagrante para aqueles que, de uma forma forçada, talvez realizasse sua primeira e última viagem sobre trilhos. Ali, no trem, já se percebe a mutação, a transformação sistemática e cadenciada de corpos que, até semanas atrás, estavam cheios de vigor, de sonhos e de inebriantes planos para o futuro, que, por uma centelha de azar, não se concretizaria. O trajeto do trem rumo ao desconhecido fazia aqueles homens e mulheres pensarem e repensarem o que realmente os esperava, como enuncia Levi:

O trem viaja devagar, com longas e enervantes paradas. Pelas frestas, vimos desfilar as altas e pálidas rochas do Vale do Ádige, os últimos nomes de cidades italianas. Cruzamos a fronteira, o Passo do Brennero, às doze horas do segundo dia; todos levantaram, mas ninguém disse nada. Eu tinha no coração o pensamento do retorno e, cruelmente, imaginava qual seria a alegria sobre-humana dessa nova passagem, com as portas dos vagões escancaradas (ninguém pensaria em fugir) e os primeiros nomes italianos... Olhei ao meu redor, e pensei quantos, desse mísero pó humano, seriam eleitos pelo destino (LEVI, 1988, p. 18-19).

Reduzidos a pó. Assim estes corpos são retratados. A partir deste experimento, a experiência do trem que educa para destruir. O trem não servira somente para iniciar a emergência da “espécie” do *Homo Läger*, mas também para consolidá-la. Foi por meio deste dispositivo que os verdugos nazistas operacionalizaram a condução de milhões de seres humanos, de forma docilizada, como recordara Levi (1988). A liquidação dos guetos, dos *shtetls*²⁴ conforme Arendt (1999) se deu por uma questão de comodidade que os nazistas encontraram para dar cabo a *Edsolung den Judenfrage*²⁵, pois estes guetos (Varsóvia, Vilnius, Lodz, entre outros), estavam localizados no seio de grandes cidades europeias, que davam nomes a eles, e que, por uma questão de localização espacial, deixava

²⁴ Vilarejos, geralmente alocados no seio do Leste Europeu, onde viviam judeus, geralmente agricultores ou pequenos comerciantes.

²⁵ “Solução Final para a ‘questão judaica’”. Termo cunhado durante a conferência de Wansee, em 1941, onde o alto escalão nazista se reuniu para traçar o desejado fim da comunidade judaica na Europa

flagrante as práticas de tortura, execuções e arbitrariedades, em suma, o adestramento cruel dos corpos.

O percurso do trem rumo ao desconhecido reservava, antes de qualquer coisa, a estupefata espera. Dentro desses vagões de gado existiam todos os tipos de pessoas: educadas, atrapalhadas, indiferentes, desesperadas. Nos relatos pesquisados, podemos apreender que as viagens, para cada um dos indivíduos, foram tensas e desgastantes. Existiam tensões, desde brigas por espaço, desentendimentos antigos entre vizinhos e outros tipos de conflitos. Necessidades apareciam nessa trajetória, e não era difícil, segundo os relatos, que algumas pessoas defecassem ou urinassem no meio das outras. Eis aqui mais uma partícula do processo de desumanização. Já não existia vergonha, ações que requeriam privacidade eram executadas ali mesmo, entre estranhos, como se a selvageria apelasse contra qualquer sinônimo de pudor naqueles condenados (LEVI, 1988).

Vários e extremos sentimentos regavam aquela cartografia sobre trilhos. Lembremos que, na Europa, em várias partes do ano, o frio assola e castiga como uma navalha invisível. Aquelas pessoas, ali, sem nenhum tipo de proteção contra esta força natural, praguejavam e se apegavam a qualquer subterfúgio para aplacar aquela esfera de sofrimento:

São poucos os homens que sabem enfrentar a morte com dignidade, e nem sempre são aqueles de quem podíamos esperar. Poucos sabem calar e respeitar o silêncio alheio. Frequentemente, o nosso sono inquieto era interrompido por brigas barulhentas e fúteis, por imprecações, por socos e pontapés largados às cegas, reagindo contra algum contato incômodo, mas inevitável. Então alguém acendia a chama mortífera de uma vela, revelando no chão um escuro fervilhar, uma massa humana confusa e contínua, entorpecida e sofrendo, erguendo-se aqui e acolá em convulsões repentinas, logo sufocadas pelo cansaço (LEVI, 1988, p. 19).

Aquelas pessoas, que até pouco antes possuíam uma vida, mesmo com restrições, atarefada com suas obrigações, cuidados e afazeres, estavam ali, flagrados naquele vagão, sendo identificados agora como uma “massa humana confusa”. Essas transformações do corpo e da mente faziam parte do processo para, enfim, coisificar aqueles seres. Estavam, de fato, todos condenados à mutação do corpo, num modelamento contínuo que, com o advento da deportação,

se transformava numa espécie de “mecanismo obrigatório”, onde estes corpos estariam, a partir desta prerrogativa, sob vigilância permanente e abaixo de controles e da disciplina do corpo. O dispositivo de poder do estado nazista agora tinha em mãos o tubo de ensaio perfeito para suas investidas modeladoras, ou seja, o próprio corpo humano.

Ao adentrarem nos Campos, os “condenados” sabiam seus destinos de uma forma quase que imediata: as rampas de seleção. Encontradas nos campos de concentração, definiam quem iria morrer de imediato e quem estava apto para o trabalho pesado dentro dos campos. Na rampa de Auschwitz, como um maestro que rege uma batuta macabra do “sim ou não” para o desfecho fatal, estava o Dr. Mengele (NYISZLI,1961,p.15). Os que eram mandados para a esquerda (velhos, crianças, deficientes físicos e mentais) conheciam seu destino poucos minutos depois: as câmaras de gás, criadas com o intuito de “limpeza” mais rápida e sistemática, onde dentro de segundos pessoas definhavam e encontravam o fim de sua vida. Os mandados para a direita eram tidos como “aproveitáveis” para trabalhar, então teriam direito a mais alguns momentos de vida. Vida? O que se passava naquela cartografia estava longe de ser chamado de existência, dignidade ou qualquer espectro de condição humana. Os corpos eram dilacerados em todos os sentidos que possamos imaginar, a tortura era física, mas também psicológica, e acontecia, como supracitado, sob a batuta dos profissionais da saúde que permitiam alguns dias a mais de vida, ou a morte imediata. É neste âmbito que o *Homo Läger* começa a emergir de fato. Ao saírem das rampas, os que eram “condecorados” com o direito de viver uns dias a mais, se viam conduzidos às salas de desinfecção, onde tinham os cabelos e os pelos pubianos totalmente raspados, para evitar a proliferação do tifo, doença causada pelos piolhos, que eram abundantes dentro de Auschwitz (LEVI, 1988). Outro fator que choca os perseguidos logo na entrada do Campo é o nauseabundo cheiro de carne queimada, adjacente às enormes labaredas que pululam aos olhos destes, conforme Nyiszli:

A usina é portanto um crematório. Um pouco mais longe, percebo um segundo edifício com sua chaminé. Num pequeno bosque quase escondido, descubro um terceiro, cujas chaminés expelem as mesmas chamas. Um vento débil dirige para mim a fumaça. Meu nariz, depois a garganta, são alcançados pelo odor nauseabundo da carne que queima e dos cabelos que torram. Haveria aí ainda um

vasto campo de reflexões, mas, nessa ocasião, começa a segunda fase de seleção. Em colunas de um, homens, mulheres, crianças e velhos devem desfilar diante da comissão de seleção (NYISZLI, 1961, p.15)

O corpo era então, condicionado a se acostumar com a iminência da morte. Aquele corpo que estava ali, já arrebatado por uma viagem longa, se via agora diante do fim que lhe esperava: tornar-se cinzas em meio à vastidão do mundo. Mas, segundo Nyiszli (1961) aquela morte inglória poderia se tornar uma redenção, pois, o corpo sacrificado, queimado em Holocausto, estaria livre de toda a barbárie que ainda lhe seria imposto. Da mesma forma que Nyiszli faz estas incursões, podemos observar na fala de Levi (1988) algo parecido. A chegada ao campo trouxe conjuntamente a indagação de tantos outros prisioneiros: O que seriam aquelas chamas? Ao passar por todo este ritual de “purificação”, coube aos judeus estudados nessa pesquisa se adaptarem à cartografia peculiar de um Campo de Concentração. Como nos alerta Foucault (2010), o corpo precisava ser educado, modelado, para poder ser categorizado como um dispositivo propício para as irrupções dos planos do Reich.

Sendo assim, como esses corpos eram introduzidos fisicamente nos campos de concentração? De acordo com Rees (2018), o “ritual” imposto pelos nazistas na chegada dos prisioneiros variava segundo a perspectiva de cada campo. Como estamos falando de Auschwitz, nesse *lager* a chegada se dava em uma ampla plataforma de desembarque construída na entrada do campo. Logo que as portas dos vagões se abriam, esses sujeitos eram obrigados a descer dos vagões, sob uma grande sequência de pancadas, gritos e humilhações. Logo em seguida os prisioneiros eram, como supracitado, selecionados para dois destinos possíveis: o trabalho forçado ou a morte imediata nas câmaras de gás.

1.3 *Homo Läger*, “os mortos-vivos de Auschwitz”

Começo da manhã. Uma brisa leve e inebriante afaga os vales da Alta-Silésia, trazendo o orvalho da noite, contido nas árvores, para o tato e olfato de

seres condenados. Curva do barracão C. O faminto Primo Levi carrega consigo sua gamela de sopa vazia para tentar, num esforço exímio, saciar aquela fome que já durava semanas, o sonho de uma sopa grossa, cheia de carne, com substâncias essenciais aos viver. Cansado, se escora numa tábua de madeira solta, e observa, ao longe, outro ser, semelhante seu, mas com um artefato que os diferenciava: o jaleco. Tratava-se do médico Miklós Niyszli. A estrela de Davi bordada no peito de suas vestes era a única coisa que os tornavam pares, ou existia outra perspectiva, além disso? Estavam ali, frente a frente, seres humanos, judeus, separados apenas por uma condição que destoava um do outro: a sorte, ou pensando melhor, o azar?

Este cenário, apesar de fictício, indica bem a diferença entre os dois *homo läger* observados nessa pesquisa: a disparidade de tratamento que os dois recebiam. Levi, podemos dizer, sofreu um tanto mais a política de destruição do corpo, pois passou por tudo aquilo que um campo de concentração podia dispor para lavrar o sofrimento humano no seu estado mais assombroso e cruel. Niyszli, por sua vez, mesmo sofrendo a mutação genérica que era designada a todos os prisioneiros, gozava de certo privilégio por sua posição profissional, o que o condicionava a se acostumar com um cotidiano diferente, menos tortuoso fisicamente, embora degradante para a alma, como discutiremos a seguir.

1.3.1 – Sob o comando de Mengele: Niyszli e sua “disparidade” em Auschwitz

Um prisioneiro arregança a manga esquerda da minha jaqueta, lê o número inscrito na minha ficha. Depois, com a habilidade proveniente de longo hábito, realiza, com instrumento cheio de tinta, grande número de pequenas picadas no meu braço [...] Estou tatuado: o doutor Nyiszli Miklos deixou de existir para nada mais ser do que o prisioneiro KZ nº. A8.450. De repente, recordo outra cena. Há quinze anos o decano da Faculdade de Medicina da Universidade “Frederico Guilherme”, de Breslau, apertou-me a mão desejando-me um futuro brilhante e entregou-me o diploma, “com felicitações do júri” [...] O doutor Mengele espera de mim trabalho de médico [...] não me deram o burel dos prisioneiros e sim excelentes vestes civis (NYISZLI, 1961, p.21-23).

Polônia. Terra da Faculdade de medicina de Breslau, pioneira nos transplantes de órgãos, referência mundial nos estudos médicos coronarianos. Lá, Miklos Nyiszli recebeu seu diploma, sua condecoração atribuída ao seu esforço como um estudante brilhante e promissor, das mãos de pessoas que o reconheciam e viam naquele jovem médico um prodígio no ofício de esculápio. Polônia. Terra do Campo de Concentração de Auschwitz-Bikernau, maior centro da política de extermínio nazista, referência mundial em tortura e execução dos ditos “inapropriados” ao estado alemão. Lá, Miklos Nyiszli recebeu sua tatuagem, sua condenação por ser judeu, das mãos de pessoas que, provavelmente, teriam sido seus pacientes em macas e leitos dos hospitais da vida.

Neste recorte espacial, nesta cartografia tão comum a Nyiszli nos áureos tempos de sua faculdade, tempos em que este sonhava com a execução do ofício que lhe fora ensinado, o de médico, depois de árduos anos de aprendizado, lhe foram arrancadas várias pétalas de suas sensibilidades: sua identidade, seu nome, sua sanidade mental, suas perícias, seu eu. O doutor Nyiszli, provável orgulho de sua família, era agora apenas um número, outro número em meio a milhares. Aquela classificação o colocava como par de outros tantos que ali viviam: ele agora era um prisioneiro do campo de concentração (KZ), um dispositivo onde o estado nazista impetraria seu poder para que ele se tornasse, como todos os outros, no corpo-máquina tão difundido pela política nazista de modelamento do corpo.

No exercício da escrita de seu testemunho, Nyiszli faz questão de trazer consigo duas recordações distintas, que mesmo sendo de um mesmo recorte espacial, se distanciam enormemente por questões de contexto político: a mesma Polônia que o acolheu como estudante é aquela que o aprisionou como judeu. Ao recordar, como aponta Pollak (1989), Nyiszli faz o exercício de encontrar efetivamente uma escuta, um ouvinte que assimilaria e validaria aquela memória proposta pelo sobrevivente, numa interposição que coloca o leitor como uma espécie de receptáculo de suas memórias, o que evitaria, em suma, que o pensamento e o aporte memorialístico de Nyiszli ficasse na penumbra, perpassasse de uma memória válida para os limites do “não dito”.

Entrementes, apesar de ter sido tatuado e enumerado como todos os outros, fica exposta a primeira situação privilegiada de Nyiszli perante os demais degredados: a vestimenta. Não lhe fora dada a famosa roupa listrada, que consistia em um casaco, uma calça e um gorro, e sim lhe deixaram usar suas vestes civis,

como se existisse uma perspectiva de diferenciação para este condenado em específico. Neste contexto, a vestimenta continha um importante signo de relações de poder dentro do campo de concentração, pois, era um traço que distinguia aqueles prisioneiros que possuíam “privilégios”, e mesmo aqueles que utilizavam o afamado traje listrado, o mesmo se apresentava, pelo menos, asseado, e isto é enfatizado nas memórias de Nyiszli (1961, p.24): “Enfim sai o chefe do barracão, bem vestido e bem nutrido. Também estava vestido de prisioneiro, mas seu traje está limpo e engomado[...]”.

Na citação que abre este subtópico, podemos perceber que o médico judeu fala, em claras palavras, que o dr. Mengele esperava que ele fizesse o trabalho, que o auxiliasse. Joseph Mengele, médico do campo de concentração de Auschwitz, talvez o mais famoso dos esculápios nazistas, provavelmente havia realizado alguma espécie de pesquisa acerca do prisioneiro Nyiszli: não eram todos os médicos que chegavam a Auschwitz que gozavam desse privilégio de serem selecionados para auxiliar o famigerado “anjo da morte”²⁶. Nyiszli, antes de adentrar aos umbrais de Auschwitz, era um renomado médico legista, que auxiliava a polícia forense da Transilvânia, terra onde iniciou seus trabalhos como médico, com dissecações e autópsias, tendo sido condecorado com o diploma de doutorado em Medicina no ano de 1929, onde em sua tese, defendeu a medicina forense nas autópsias de corpos suicidas (TURDA, 2014). Mas, antes de falar dos privilégios que Nyiszli possuía dentro da cartografia de Auschwitz, é necessário atentar para o fato de que ele, mesmo sendo médico, já havia sido inserido no processo de desumanização, na transformação em *homo läger*, uma vez que, tatuado, aquele número servia como um tipo de extinção de Nyiszli enquanto médico, enquanto doutor, o “rebaixando” e o tornando um condenado como os outros, num espaço em que dependia apenas de um “sim” ou de um “não” para morrer ou continuar vivo.

Além destas prerrogativas, também é exequível comentar que Nyiszli, sofrendo os taciturnos golpes que lhe foram impetrados pelos carrascos de sua sorte, também passara pelo artifício de seleção e classificação ao qual os outros prisioneiros de Auschwitz também foram submetidos, a saber, todo o processo de desinfecção que lhes eram debelados, como o tosquio dos cabelos e de todos os pelos corporais (NYISZLI, 1961). Este ir e vir de destruição dos sentidos coloca

²⁶ Apelido que Mengele obteve no campo de concentração, por sempre tratar com um sorriso no rosto aqueles que, mais tarde, mandaria para as câmaras de gás.

Nyiszli, antes de qualquer coisa, como um degredado, que a partir de então saberia sua sorte dentro dos muros e cercas de arame farpado de Auschwitz.

Durante esse processo o médico conheceria, em primeiro panorama o desígnio de sua função dentro do campo de concentração: o de *sonderkommando*²⁷, nome dado aos judeus que desempenhavam tarefas mais críticas dentro deste espaço, como retirar corpos de dentro das câmaras de gás e enterrá-los (SCHLESACK, 2015). Nyiszli, neste ponto, aparecia como o médico que faria o trabalho “sujo”, aquele que dissecaria corpos e os autopsiava para o deleite e a satisfação do Dr. Mengele, que o havia designado para essa função considerando sua experiência dentro da área de médicos forenses e legistas.

Tal posição remetia Nyiszli a ser diferenciado do antes citado Levi: Ele possuía um tratamento distinto, pelo seu papel de médico. As ditas regalias se davam através de funções simples do cotidiano: ganhava uma alimentação melhor, dormia com um pouco mais de conforto e, vez por outra, recebia regalos quase inimagináveis de se conceber naquele espaço: cigarros, conhaque e chocolates (NYISZLI, 1961). Esses “presentes” eram recebidos por um simples fator: O médico era assistente direto do Dr. Mengele, que, mesmo sabendo do lugar de judeu de seu comandado, proferia um espectro de respeito ao mesmo, por conta da profissão de esculápio que repartia com o prisioneiro A8450. Nyiszli encarava essas vantagens com naturalidade, pois, mesmo sendo um prisioneiro, estava ali condicionado a uma vivência cotidiana melhor que os outros aprisionados:

Há três dias que não tenho ocupação. Recebo a ração alimentar devida aos médicos. Descanso às vezes estendido no meu catre, às vezes sentado nos degraus do estádio, vizinho do campo F [...] No domingo, reina ali uma atividade esportiva animada (NYISZLI, 1961, p.39).

A dita ração devida aos médicos consistia em uma sopa mais grossa, um pão de melhor qualidade, queijos e manteiga, realidade extremamente distinta aos outros

²⁷ Este grupo atuava nos campos de concentração com o intuito de realizar tarefas específicas, como as citadas no corpo do texto. Geralmente, possuíam algumas regalias em relação aos outros aprisionados, como uma melhor alimentação e acesso a áreas restritas dentro do *läger*. Essa categoria de presos realizou um levante, segundo a descrição do historiador Dieter Schlesack (2015), no ano de 1944, que logo fora abafada e todos os culpados pela revolta foram sumariamente executados.

cativos. A visão que o médico possui do campo, como podemos perceber, é muito diversa do outro prisioneiro que nos propomos a estudar nessa pesquisa. Nyszli vê o Campo em outra ótica, passa até três dias de descanso, aparentemente com um sono de melhor efetividade, sem atividades de trabalho, e até cita práticas esportivas, fato que se encontrava distante do conceito de cotidiano dos outros condenados. No que concerne à questão do *Homo Läger*, poderíamos aqui dizer que Nyszli não sofreu esta metamorfose, pois estava um “degrau” acima dos outros aprisionados. Mas não é bem verdade: Nyszli havia também sido modelado em *Homo Läger*, pois mesmo com essas distinções, estava propenso a agressões físicas e verbais, ameaças à sua família (mulher e filha estavam presas na ala feminina do campo). Para além dessas bifurcações, Nyszli sofria outro tipo de modelamento mental que o transformava e o colocava como um cativo ainda mais pressionado mentalmente: realizava dissecações e autópsias, muitas vezes de amigos, parentes e entes queridos seus, o que o colocava numa situação muito delicada perante suas sensibilidades (NYISZLI, 1961).

Portanto, diferentemente de Levi, o seu modelamento se deveu muito mais ao governo de sua psique, abalado pela exposição diária a qual ele foi submetido, onde via pares seus sendo transformados em ratos de laboratório, numa desumanização constante, através de ações que foram inclusive do próprio Nyszli, uma vez que este, mesmo agindo debaixo de obrigação dos seus “superiores”, estava desencadeando ali uma colaboração com as políticas médicas nazistas sobre o corpo. Distintamente de Levi, que obteve sua transmutação muito mais através do tato, do paladar e da dor física, Nyszli impetrou esta modificação através do seu próprio sentimento de culpa, sabendo que muitos de seus amigos estavam sendo assassinados ali, enquanto ele era privilegiado dentro do campo.

Mesmo com todos esses artifícios que o tomavam de si próprio, como o sentimento de culpa e o desprazer de ver ali, naquele campo de concentração, seus pares judeus sendo modelados e coisificados enquanto cobaias para o enaltecimento da política de extermínio nazista, Nyszli, em sua narrativa mnemônica, parece inebriar-se em suas próprias práticas de lembrar, onde, o mesmo se coloca como um ser modelado e disciplinado com aquela situação, como veremos na citação abaixo:

Segundo tudo o que aprendi, não estou insatisfeito de ter tido a coragem de tentar melhorar minha situação. Obtive emprego de médico e assim, desde o primeiro dia pude evitar ficar perdido na massa e afogado na sujeira do campo de quarentena (NYISZLI, 1961, p.26).

Erroneamente temos a concepção de que a educação, em termos de modelamento para a destruição, dá-se sempre pela aplicação do poder de forma totalmente negativa, a exemplo de torturas físicas e mentais, impetração da fome, da sede e do privar de outros elementos essenciais ao cotidiano humano. Entretanto, Foucault (2010) compreende o adestramento do corpo como dispositivo de poder que se aplica por meio das práticas citadas, mas também por imposições comportamentais camufladas, onde o corpo que recebe esse modelamento, como o de Nyiszli, mesmo estando no meio de um jogo de relações de poder, que é exercido “de cima para baixo”, não percebe que está em mutação contínua e numa desumanização latente, onde este corpo é iludido à perspectiva que pertence ao maquinário que o está educando.

No caso de Nyiszli, esse fato é explicitado pelo ambiente que ele está alocado e pelas relações entre sujeitos que se dá nesse espaço. Nyiszli dorme em instalações médicas, conforme ele afirma, “numa cama de cabina médica” (NYISZLI, 1961, p.26) e os outros prisioneiros com os quais ele convivia eram também médicos europeus tão renomados quanto ele, o que o colocava numa situação um tanto “confortável”, pois, mesmo estando em um regime de exceção como um condenado, sendo diariamente adestrado para a ocasião, exercia a medicina como fazia antes, o que tornava esses médicos judeus, e até mesmo os médicos nazistas que o comandava numa situação de mais semelhança com o próprio, isto na concepção de ilusão, do que os próprios degredados que estavam alocados naquele *läger*.

Esses signos ilusórios, mesmo dentro do *KZ*, podem ser representados como os artifícios proponentes de uma situação igualitária perante os filhos de Hipócrates: o conhecimento médico, a formação, a familiaridade de profissões e especialidades, o jaleco, o juramento e a ética médica, que, mesmo sendo inexistente dentro de uma cartografia como Auschwitz, era respeitada nas relações entre esses esculápios.

Essas incursões nos permitem perceber que Nyiszli, ao conviver no meio destes médicos, fora educado e adestrado para se tornar um mero instrumento da

política nazista, o que provoca uma ambivalência na sua figura enquanto judeu no campo de concentração: ele entendia que, sendo um semita, não figurava como par daqueles médicos alemães, mas se deixava inebriar e por vezes se iludir, por meio desta educação contínua, que era um privilegiado, que beberia da fonte de sua utilidade dentro do KZ, e isto lhe daria uns dias de vida a mais, ou, por sorte, o deixaria sair pelos portões e Auschwitz, e não pelas chaminés, como os que possuíam menos sorte que ele. Ainda que, Nyiszli (1961, p.26) apresente em suas memórias que, naquelas circunstâncias, fosse “difícil lembrar que se é um ser humano, e mais difícil ainda que se é médico” o exercício da dedicação exclusiva à profissão o modelava a entender que, mesmo judeu como Levi, prisioneiro, e psicologicamente torturado, era fisicamente contemplado.

1.3.2 – “Então, isto é o inferno?” Primo Levi e sua tortuosa “adaptação”

Emergiram, em compensação, na luz dos holofotes, dois grupos de sujeitos estranhos. Caminhavam em linha de três, com um andar esquisito, atrapalhado, cabeça baixa, os braços rígidos. Um boné ridículo, uma longa túnica listrada que, apesar da escuridão e da distância, adivinhava-se esfarrapada e imunda. Deram uma larga volta ao redor de nós, sem aproximar-se, e, silenciosamente, começaram a remexer em nossa bagagem, a subir e descer dos vagões vazios.

Entreolhávamo-nos sem dizer uma palavra. Tudo era incompreensível e louco, mas entendêramos algo: aquela era a metamorfose que nos esperava. Amanhã, nós também estaríamos assim. (LEVI, 1988, p.23)

Levi, no aterrissar em Auschwitz, vivia na mesma delimitação fronteira de Nyiszli. Como ressalta Jay Winter (2006 p. 73) “há uma espécie de toque de mãos em tais encontros”. As narrativas se entrecruzam, porém, como o mesmo autor afirma, “a pessoa que sofre sabe de um mistério – o mistério do mal e o milagre da sobrevivência [...]”. Mas o que seria este mistério? Nada mais que a apropriação do sofrimento por cada um dos sobreviventes. Ora, o “cientista” Levi não é recebido por oficiais, não existe nenhuma espécie de “pompa” em sua chegada, apesar de

sua titulação, um químico respeitado. Ele é sumariamente vigiado por outros, examinado, como se ali estivesse chegando um estranho. Primo Levi, ao contrário de Miklos Nyiszli não ficou destituído de perder-se na massa e afogar-se em meio àquela metamorfose animalesca que o esperava.

De fato era assim: o projeto nazista planejava não apenas cometer o etnocídio e memoricídio das minorias, mas apagá-los completamente, e retirar de seus corpos aquilo que os diferenciava. Com Levi retirou-se seu título, a sua formação, esta tampouco foi preconizada, posto que, o colocaram como mais um judeu na “multidão”. O químico observava a massa confusa de mortos-vivos, sabendo de véspera que aqueles corpos dilacerados eram o seu espelho de amanhã.

O *homo läger*, o qual sua emergência dá-se também por meio do apagamento de si, para Levi, consolida-se paulatinamente, pelas insígnias que transmitem fisicamente o seu corpo, tais como o processo de tosquia ao qual ele fora remetido logo da sua chegada ao campo: “com pincéis, navalhas e tesouras para a tosquia” (LEVI, 1988, p.27) a desinfecção começa. Nas lembranças de Levi, “num instante estamos barbeados e tosquiados”. Seria este processo de desinfecção apenas de cunho higiênico? Não. A higiene aqui demonstrada serve para apagar sua identidade como judeu, e transformar Levi e os demais degradados em um emaranhado de homens “trancados, nus, tosquiados e de pé, com os pés na água [...], quer dizer que vamos tomar banho” (LEVI, 1988, p. 27-28).

Esta sequência de atos nos transmite uma sensação de indelével angústia, onde a dignidade do ser, aquela fagulha de esperança que advém com a iminência da tragédia, é apagada segundo por segundo. Levi não foi apenas privado dos entes queridos, da sua casa, dos seus hábitos, mas da roupa que o identificara e do seu próprio nome, ou seja dos seus referentes históricos que o faziam lembrar e ter o sentimento de pertencimento a um determinado lugar. A memória, como cita Pollak (1989), precisa ser ininterruptamente alimentada por esses referenciais históricos, de passados, de lembranças. Dessa forma, semelhante ao que se pratica em uma prisão, deram a Levi um fardamento listrado que o colocava como “igual” aos demais, e por fim, seu re-batismo tornava-se oficial: seu “nome” agora

era 174.517²⁸. E, desses pequenos hábitos e objetos que faziam parte destes condenados, como órgãos vitais, a política de extermínio nazista intenta apagá-los, porque estes elementos produtores de recordações conservam e reavivam as lembranças que compõem as identidades desses prisioneiros (LEVI, 1988), que se articulam a uma memória judaica e coletiva.

Para além de coisificado e animalizado, Levi (1988) nos mostra outra faceta da sua imersão no campo de concentração: o homem é transformado em um número, e apenas se aceitando e se enxergando como tal, se pode fazer parte da “engrenagem”. Negando este papel, se estaria excluído das novas cartografias sociais e espaciais atribuídas ao campo. Levi começaria assim a entender o papel que o campo desempenhava: a desumanização total, o chamado “fundo do poço”, que Levi denomina de “etapas de destruição do judaísmo europeu” (LEVI, 1988, p.34).

Aqueles que conseguiam um sopro de sobrevivência, habitavam nos barracões, as famigeradas casernas de Auschwitz (ARENDDT, 1999), onde dormiam e passavam o tempo quando não estavam trabalhando. “As camas são de tábuas removíveis, cada uma com um fino colchão de palha e dois cobertores”. (LEVI, 1988, p.41). Dormiam dois prisioneiros por cama, o que aumentava exponencialmente o risco de doenças contagiosas se alastrarem. Ao lermos a descrição de Levi podemos encontrar nesta fala uma triste realidade: Se as tábuas eram removíveis, imaginamos que elas eram feitas para serem modificadas, ou seja, serviria para outro prisioneiro, já que todos os dias se morria em Auschwitz. Este espaço, mesmo que falsamente fosse designado para um “descanso”, não servia para este fim: era mais um dispositivo de tortura e de iminência de tragédia, mas também de pedagogia do corpo, pois não se dormia, se pensava constantemente na morte vindoura, tão comum que passara a ser um fato corriqueiro para os que ali estavam. Se o sono, ou melhor sua ausência, contribuía para fragilizar e matar paulatinamente o corpo humano pela condição coisificada que lhe era atribuída, característica semelhante notamos nas práticas destinadas ao comer. O ritual da refeição, sacralizada principalmente pela cultura judaico-cristã, tornara-se um espetáculo animalesco, onde a irrisória comida que lhes era oferecida, não servia para suprir os nutrientes básicos do corpo humano.

²⁸ Número de prisioneiro de Primo Levi no campo de concentração de Auschwitz.

Cada cativo recebia uma ração diária de sopa e pão. Vendo esta descrição, o leitor pode imaginar que não era de todo uma péssima refeição, entretanto quando temos contato com as memórias gustativas de Levi (1988), encontramos os dissabores de uma alimentação indigesta, tanto para o corpo quanto para as sensibilidades da boca e dos olhos:

Sonham que comem; esse também é um sonho de todos, um sonho cruel; quem criou o mito de Tântalo deve conhecê-lo. Não apenas se vê a comida; sente-se na mão, clara, concreta; percebe-se seu cheiro, gordo e penetrante; aproximam-na de nós, até tocar nossos lábios; logo sobrevém algum fato, cada vez diferente, e o ato se interrompe. (LEVI, 1988, p.86)

Sonhava-se com a comida. Um banquete que, ao menos, saciasse a fome daqueles que, diariamente, recebiam apenas uma gamela de sopa de nabos rala e um tijolinho cinzento de pão preto (LEVI, 1988). O ato de comer tornou-se uma caçada, um momento de disputa que gerava discussões, brigas e acusações, o que de fato, apetecia o desejo dos nazistas, pois, os encarcerados ali muitas vezes se destruíam por conta da escassa comida. Os prisioneiros mais antigos conheciam os “atalhos” das práticas do Campo, o que deixava os recém-chegados numa desvantagem visível. Os já “educados” sabiam como pegar mais sopa, o pedaço de pão maior, e era esta prática que gerava as contendas que, de forma rotineira, eram cessadas com execuções sumárias, fuzilamentos em massa ou enforcamentos.

É a partir dessas prerrogativas que entendemos que, aqueles já educados e modelados para a destruição sabiam como se “portar” perante a máquina nazista, onde o corpo humano passava pelo processo de destituição de sentidos e de memórias, um assassinato crescente do corpo e da alma. Traçando um paralelo com o outro *homo läger* estudado nessa pesquisa, podemos perceber que Nyiszli traz suas memórias dentro de Auschwitz como um paralelo de narrativa a Levi. Recorrendo de novo a Winter (2006), essa espécie de “toque de mãos” nas narrativas de testemunho dos sobreviventes do Holocausto não se enclausuram e nos dão o aporte para, ao menos, tentar entender as subjetividades que se encontram, muitas vezes, ocultas nas narrativas. Nyiszli, ao narrar o que “ouvia

falar” dos barracões, faz uma descrição semelhante à de Levi, mesmo que os dois nunca tenham se cruzado nos corredores de Auschwitz:

Pelos seus relatos, chego a conhecer a vida nos barracões [...] demasiado apertados para poderem se estirar, deitam-se ao longo e através, com os pés de um na cabeça, nos pescoço ou no peito dos outros. Desprovidos de toda dignidade humana, estes desgraçados empurram-se, atropelam-se, mordem-se e dão-se pontapés tentando conseguir alguns centímetros a mais para dormir melhor[...] (NYISZLI, 1961, p.24)

Por apenas ouvir falar, Nyiszli somente narra o que não viu, devido a sua condição afastada do epicentro do que de mais cruel acontecia. Porém ao realizar esse exercício de narrar algo que já lhe fora narrado, o mesmo nos exemplifica que a memória, especialmente a que é pautada no testemunho, é elaborada não somente pelas práticas de viver um acontecido, mas pelos atos do ouvir e do escutar. Dentro do campo de concentração existia assim, a transmissibilidade de narrativas, conforme nomeia Jeanne Marie Gagnebin (2004) ao se referir à elaboração das memórias por meio do ato de narrar, que se oferece através da escuta.

Assim, a formação do *Homo Läger* pode ser descrita, na pesquisa do caso destes dois prisioneiros, como multifacetada, pois, foi uma experiência distinta para ambos, isto a depender do lugar institucional de cada um. Entretanto, o caso de Nyiszli deve ser compreendido como uma exceção, um evento raro dentro de um campo de concentração, já que mesmo alguns prisioneiros tendo formação, cujos seus conhecimentos apresentassem funcionalidade para a política nazista, isto não significaria que o tratamento que ele receberia no campo se igualasse ao modo como Nyiszli fora estabelecido: Levi e tantos outros tinham formação acadêmica, a qual poderia servir de aporte para as pesquisas do Terceiro Reich e, por conseguinte, ocasionar um tratamento diferenciado. Todavia, os saberes e práticas desenvolvidas pelos nazistas eram quase que totalmente, isto no âmbito do campo de concentração, voltados para as experiências médicas, ocasionando assim uma hierarquização de saberes, onde o saber médico se sobrepunha aos demais.

Para além do campo de concentração, o *homo läger* é “formado”, como problematizamos nessa proposta, muito antes de sua imersão concreta no *läger*. As políticas do corpo, a tensão perante as prisões e deportações, o terror psicológico impetrado pela insurgência dos editos, das leis, dos guetos, como mostramos, foram de caráter excepcionalmente fundamental para a pedagogização do corpo judeu e de outras minorias europeias.

Essa pedagogia do corpo, portanto, embora parta do pressuposto da eliminação da cultura judaica e de quaisquer resquícios de traços civilizatórios, a partir da aniquilação do corpo, ainda não fora traçada, neste recorte aqui exposto, de uma forma plena. É importante salientar que essas políticas pedagogizantes foram disseminadas com o intuito da destruição sistemática, porém, necessitava de práticas de “produção” de *homo läger* para sua execução, mesmo que estas fossem, de início, “mascaradas” por discursos que colocavam a política nazista como apenas coercitiva, modeladora e não de extermínio. Todo esse percurso de desumanização, que começava dentro das casas dos judeus, continuava nos guetos, nos trens e nas seleções, era executada, de fato, nas câmaras de gás, onde o dispositivo de poder nazista desencadeava seu plano, a “Solução Final Para a Questão Judaica”, ou seja, a destruição, enfim, total do corpo.

2. DA DESINSTRUÇÃO QUE MOLDA O *HOMO LÄGER*: A VIVÊNCIA EM AUSCHWITZ.

As formalidades são realizadas segundo o mesmo processo, trata-se de suicídio ou assassinato. De noite, no momento da chamada, são riscados do efetivo e colocados no carro mortuário que os transporta ao depósito de cadáveres. É ali que o caminhão vem buscar, cada dia, de cinquenta a sessenta para leva-los a um dos crematórios. (NYISZLI, 1961, p. 34).

Apenas riscados. Eliminados da máquina de morte, e ao mesmo tempo sendo tragados por ela. É com essa naturalidade que os mortos de Auschwitz são tratados e contados, no dia após dia do *läger*. Cadáveres empilhados, cremados ou triturados, corpos despedaçados de tudo que se proclama de dignidade. Desnudos, seja de identidades, vestes ou sensibilidades. O ato de riscar um número de uma lista, como um item a menos de um inventário macabro, não passava pelas mãos do alto comando Nazista. Era tarefa dos *Sonderkommandos*, categoria do campo de concentração à qual pertencia o médico Miklós Nyiszli.

Ser um *sonderkommando*, trazia a Nyiszli regalias, como as citadas no capítulo anterior, mas também acarretava uma série de situações desconfortáveis e perturbadoras. Antes de qualquer coisa, lhes eram atribuídas funções de difícil execução, e estes eram proibidos de outros tantos movimentos dentro do campo de concentração, como podemos ver em Didi-Huberman (2012):

O seu trabalho? É necessário repeti-lo: manipular a morte de milhares de semelhantes. Ser testemunha de todos os últimos momentos. Ser obrigado a mentir até o fim (um membro do *Sonderkommando* que quis informar as vítimas acerca do seu destino foi queimado vivo no fogo do crematório e os seus camaradas tiveram de assistir à execução). Reconhecer os seus e nada dizer. Ver entrar homens, mulheres e crianças na câmara de gás [...] Eles não tinham figura humana. Eram rostos destroçados, enlouquecidos, disseram os detidos que os conseguiram ver. Eles sobreviviam, contudo, durante o tempo que os deixavam sobreviver, na ignomínia da tarefa que cumpriam. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 16-17)

Esta visão do *Sonderkommando* descrita no trecho acima nos faz refletir acerca da condição de Nyiszli dentro de Auschwitz: um “privilegiado” que, além de

sofrer com sua condenação a se tornar prisioneiro, corria contra o tempo, e talvez, contra suas crenças e convicções. Estar ali, perante um julgamento cotidiano, trazia uma ambivalência para a posição do médico dentro do *läger*. O preço de sua aproximação com a profissão na qual investiu era, em suma, ser um escravo da morte, delegando a seus pares o cruel destino que, dentro de meses, era também imposto a tantos outros que exerciam o papel de *sonderkommando*.

A eliminação parcial (que se desejava total, por parte dos nazistas) do ser enquanto pensante e portador de identidades e ideologias era o que dava operacionalidade ao campo de concentração. Essa tentativa de apagamento do ser gerava um novo ser, sem brilho, cabisbaixo, incomodado com as novas tarefas que lhe eram atribuídas. Podemos pensar aqui, nesta pesquisa, que o *sonderkommando* era uma “espécie” de prisioneiro que podia ir além do *homo läger*, pois, afora de todas as intempéries que sofria como prisioneiro do *Reich*, ainda carregava consigo uma carga extra de responsabilidades, onde eliminar e até mesmo ocultar os cadáveres de seus pares era uma tarefa diária, e na lógica de extermínio dos nazistas, deveria se tornar algo corriqueiro, desprendido de qualquer tipo de arrependimento, minando assim as sensibilidades daqueles sujeitos perante a barbárie.

Assim, nessa tempestade de ambivalências, reaparece Miklós Nyiszli, agora já “ambientado” à Auschwitz e com sua tarefa determinada dentro do campo de concentração: seria um *sonderkommando* médico, com a incumbência de analisar relatórios e fazer o dito “trabalho sujo” dos médicos nazistas, ou seja, a dissecação e a autópsia de corpos tidos como objetos de estudo para a medicina do terceiro Reich.

Nesse contexto, o médico começa a não apenas perceber, mas assimilar seu “lugar” dentro do *läger*, e todas as tarefas que lhe serão impostas a partir daquele momento. Na escrita de Nyiszli (1961), é sobressaliente a forma como ele, ciente de tal responsabilidade, começa a evocar suas memórias, seus lugares de conforto, e assim que o Dr. Mengele sai de sua sala depois do primeiro contato entre eles, Nyiszli prepondera sua posição, onde a medicina que lhe fora ensinada, antes perpassada por intuítos de cura, agora seria usada para a destruição do próprio povo:

Entro em meu quarto, sento-me para pôr um pouco de ordem nos pensamentos. É uma tarefa difícil. Começo pelo princípio. É a imagem do meu lar abandonado que aparece. Vejo a pequena casa com seu terraço ensolarado e seus quartos agradáveis onde passei tantas horas graves com meus doentes, mas também a satisfação do alívio que lhes dava. A pequena casa onde também passei inúmeras horas de felicidades com os meus [...] Era tão bom amá-los e tão agradável ajuda-los. Não tenho dúvida alguma a respeito dos seus destinos. Estão certamente a caminho num dos comboios compostos de quarenta vagões que os trazem aqui à rampa judia de extermínio em Auschwitz. (NYISZLI, 1961, p. 44).

O médico Dr. Miklós Nyiszli compreendia então, que agora fazia parte daquela maquinaria macabra, aquela mesma que iria dizimar seus entes queridos, seus ex-pacientes enfermos, que com tanta dedicação atendia naquelas tardes ensolaradas no aconchego do seu lar. Mas agora, a realidade se resumia a uma sala fria, impessoal, onde, numa trapaça torpe do destino, poderia dissecar o corpo de algum amigo, ou com muito azar, de um familiar.

Essa evocação de Nyiszli pelo passado, numa procura de perdão interno, se dá pelo fato do médico estar, “portanto, sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional, de assimilar o choque, o *trauma*”, como bem nos lembra Gagnebin (2004, p. 87), onde essa busca por lugares e memórias de outros tempos serviria de consolo, ou até mesmo de refúgio para a barbárie pela qual esse sujeito atravessava, onde suas sensibilidades eram apagadas a cada segundo.

A condição de Nyiszli se assemelhava a de outros tantos *sonderkommandos*, que recebiam a maldição da vida que atravessava a morte, dia após dia. A dificuldade de assimilar essa verdade, esse trauma cotidiano, se dava pelo fator de que nada mais era como antes, e a busca dentro de si próprio pelo seu eu anterior, do homem que existia antes daquela situação infernal, e que fora substituído pelo espectro que apanhava as cinzas de seus entes queridos com pás, ou abria os crânios de seus amigos mortos nas câmaras de gás, como se aqueles agora fossem meros objetos, movidos para a condição de corpo/tubo de ensaio para a medicina e outros campos de estudos nazistas.

Ao ser submetido a esta posição, Nyiszli realiza um jogo de ambivalências, onde em alguns momentos sente alívio por poder exercer sua profissão dentro do campo de concentração, cercado por pares que também exerciam a medicina, e em

outros instantes amaldiçoava sua condição, como se carregasse o peso do mundo nas costas. É perceptível notar a angústia de Nyiszli em alguns pontos de sua narrativa, onde se indaga pela incerteza do destino de seus pares, e se sente mal por ter tido algum tipo de fortuna na sua trajetória, até então, dentro de Auschwitz:

Engulo os bocados com dificuldade, Lembro-me dos meus camaradas de infortúnio expulsos dos seus lares que antes da deportação reuniram e prepararam, com lágrimas, o seu viático. Tinham fome, mas nada comeram durante toda a viagem, a fim de guardar suas parcas reservas para os seus velhos pais, seus filhos e dias mais difíceis. Os dias mais difíceis não vieram; os alimentos ficaram intactos na sala do vestiário dos crematórios (NYISZLI, 1961, p. 47).

Talvez esse fosse o ingrediente mais doloroso na degustação do jantar de Nyiszli: aquela geleia, aquele pedaço de presunto ou de bolo que o fora servido quiçá resultasse, de certa forma, dos restos que sobraram dos seus irmãos de infortúnio, que com muito esforço, haviam sido guardados para um posterior deleite, que não chegou a acontecer.

No contexto da vivência de Nyiszli dentro de Auschwitz, seu lugar de *sonderkommando* estava “assegurado” perante sua posição como médico, mas o apagava enquanto judeu, e essa “fratura” identitária se deve, em parte, pelo enorme sentimento de culpa que alguns desses comandos especiais carregavam consigo. Seu lugar como testemunha se via, frequentemente, ameaçado pelo apagamento parcial ou total dessa identidade, que estava atribuído justamente por esta posição. A figura dos *sonderkommandos* aparecia, de forma contundente, como uma nova espécie de flagelo a estes já condenados seres, que embora se beneficiassem de algumas “mordomias” no contraste com outros prisioneiros, eram acometidos pela triste sensação de traição perante seus pares, uma vez que eram ameaçados pelo “inelutável desaparecimento do próprio testemunho” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 19).

Do outro lado do campo, nos referindo tanto a uma questão geográfica quanto sensível, estava Primo Levi. No seu testemunho escrito, percebe-se que ele está muito mais atento a operacionalidade do campo de concentração que Miklós Nyiszli, e esse paradoxo possui uma explicação palpável: Nyiszli, ao adentrar os portões de

Auschwitz, fora tomado rapidamente para ocupar os barracões destinados aos *sonderkommandos* médicos, enquanto Levi, ao ser levado para o “trabalho” dentro do campo, passara por toda a ritualística possível que era engendrada dentro daquele local, desde as humilhações até, mais uma vez, a tentativa de apagamento total de sua identidade enquanto judeu, e numa tentativa mais voraz, como ser humano:

Infundáveis e insensatos são os rituais obrigatórios: cada dia, de manhã, deve-se arrumar a cama, perfeitamente plana e lisa; passar nos tamancos barrentos a graxa patente para isso destinada; raspar das roupas as manchas de barro (as de tinta, gordura e ferrugem, pelo contrário, são admitidas); à noite, a gente deve submeter-se ao controle dos piolhos e ao da lavagem dos pés; aos sábados, fazer-se barbear e raspar o cabelo, cerzir ou fazer-se cerzir os farrapos; aos domingos, submeter-se ao controle geral da sarna e ao dos botões, que devem ser cinco. (LEVI, 1988, p.44)

Nesta descrição de Primo Levi, percebemos mais uma vez a disciplina a qual os corpos eram submetidos, num controle infinitesimal sobre aquela cartografia corporal. Todos os movimentos eram, de alguma forma, dominados e vigiados pelos superiores, que puniam severamente aqueles que destoassem da norma ou desobedecessem as regras impostas. Cada ação, cada hora, cada minuto, era manipulada pelos nazistas e pelos próprios *sonderkommandos* dentro do campo.

Levi nos remete, assim, a pensar essa disciplina mais uma vez como modeladora dos sentidos, num movimento que faz com que o *homo läger* passe por um processo de desinstrução, onde agora, mais que nunca, aquele corpo seria totalmente desestruturado, no intuito de servir e obedecer às regras do campo de concentração, sob a batuta dos nazistas, que naquele momento já tinham domínio perante esse corpo, minando sua resistência, e transformando o ser pensante em mero instrumento descartável.

Nesse entremeio entre a disciplina e a humilhação, Levi nos permite navegar para dentro de sua angústia na escrita. Fica claro o desespero deste ao perceber que, para azar daqueles prisioneiros, a maioria das tarefas impostas para execução não lhes era familiar, pondo ainda mais em risco o breve e parco pavio de existência que aqueles seres condenados ainda carregavam, pois uma simples falha significaria a morte. Tudo agora se resumia a obedecer. A desobediência passa a

ser então uma palavra exterminada do dicionário daqueles que queriam sobreviver, ou pelo menos acreditar que sobreviviam. Todas as coisas giravam agora em torno de uma ordem que, para os prisioneiros, regia sua vida, suas sensibilidades, seus pensamentos e seus comportamentos onde, lembra Giorgio Agamben, “a margem de liberdade e de escolha real era praticamente inexistente, reduzindo-se muitas vezes ao grau de consciência interior com que se obedecia a uma ordem” (AGAMBEN, 2008, p.63).

Agamben (2008) nos coloca então, outra dúvida acerca do *homo lager*. Este ser insurgente dentro dos campos de concentração nazistas era, irrefutavelmente, alguém que renunciou totalmente a liberdade e vivia como uma espécie de *morto-vivo*, privado de qualquer resquício de sensibilidade ou de humanidade? Ou este era um mero instrumento de desumanização e desinstrução, talhado dia após dia pela máquina de morte nazista, onde, uma vez fora daqueles muros, restituiria sua humanidade e retomaria sua vontade de viver, de retornar ao seu eu, de deixar aquele espectro dentro dos muros de Auschwitz, onde nunca deveria (ou mereceria) ter entrado?

Este é um paradoxo que perturba qualquer leitor mais atento que entra em contato com as obras de Nyiszli e Levi, pois estes narram, de formas distintas, suas experiências dentro do *lager*, e em cada escrita podemos perceber traços, facilmente identificados como angústia, raiva e até um sentimento de vingaa em Levi, e apenas um arrependimento e traços de uma vergonha velada nos escritos de Nyiszli.

Feitas estas incursões iniciais pelas funções e lugares preconizados pelo Terceiro Reich aos prisioneiros Nyiszli e Levi, pretendemos com este segundo capítulo analisar como ambos, posicionados de maneiras distintas, “vestiram-se” de *homo lager* para se ambientarem ao campo de concentração: Nyiszli com sua medicina, antes tão esclarecedora e messiânica, agora talhada pelo mal e pela loucura da limpeza racial nazista, um médico que, de tanto objetivar a medicina, fora subjetivado pela mesma; e Levi, com o dia-a-dia de um tpico prisioneiro, dentro do “verdadeiro” inferno de Auschwitz, sendo tragado para dentro dos próprios pesadelos, onde busca incessantemente o retorno de sua condição humana, algo que já lhe escapa a cada dia em que este é transformado pela violência e desinstrudo pelas práticas cotidianas do campo de concentração.

2.1 – “*Das Kriminaldoktor*”²⁹. A ciência que desinstrui, remodela e mata

Esse mesmo médico criminoso fica durante horas ao meu lado entre os microscópios, os estudos e as provetas, ou então horas inteiras perto da mesa de dissecação com uma blusa maculada de sangue, as mãos ensanguentadas, examinando e buscando como um louco. O objetivo imediato é a multiplicação da raça alemã, o objetivo final sendo a produção de alemães puros, em número suficiente para substituir os povos tcheco, húngaro, polonês, condenados a serem destruídos do território declarado espaço vital do III Reich e momentaneamente habitado por esses povos. (NYISZLI, 1961, p. 67-68).

Realização da cura. Salvação para os enfermos. Anjo na terra. O médico, na sua intocável imagem que fora construída durante os séculos, obteve na virada do XIX e XX ainda mais notoriedade. Com todos os avanços da ciência e da tecnologia advindas da dita “modernidade”, essa ciência passou a ser exercida com ainda mais perícia. Mas agora estamos falando de outra realidade. Quando se fechavam os portões de Auschwitz, a medicina era utilizada para outros vieses, para outros intuitos, de modo que os doutores nazistas eram doutrinados desde seu alistamento no partido nazi. Eles sabiam para quê seriam úteis.

Quando falamos dessa medicina, no despontar do século XX, nos referimos a uma “entidade” paradigmática da modernidade, onde todas as inovações corroboraram para que esta área fosse bastante desenvolvida. É certo que a medicina percorria um caminho de avanços desde fins do Século XVIII, com o estabelecimento dos hospitais e a opção, principalmente das classes dominantes, pela medicina farmacológica ao invés da homeopata ou outros saberes e práticas curativas chamadas de alternativas ou ditas “populares”³⁰. Esse aporte científico,

²⁹ Numa tradução mais segura, significaria “doutor criminologista”, mas na análise de Nyiszli, esse termo pode ser designado como “doutor criminoso”, pois está se referindo a Joseph Mengele e a outros médicos nazistas que tinham como obsessão a “pureza racial ariana”.

³⁰ No decorrer do recorte temporal do qual ensejamos pesquisa, a homeopatia era compreendida com uma forma terapêutica alternativa à medicina farmacológica ou alopática. Um sistema médico complexo “que inclui doutrina, semiologia, diagnose e terapêutica, alternativa e concorrente à medicina oficial, isto é, com uma racionalidade médica específica, portadora de um saber vitalista, que partilha da fisiologia e da anatomia da medicina moderna, de forma não mecanicista. Nesse sentido, a homeopatia somando-se ao curandeirismo, o espiritismo, entre outras, apresentava-se como alteridade terapêutica concorrente com a alopática no mercado nos serviços de saúde.” (PEREIRA NETO, 2001, p. 87 e 98). E, para desqualificar os mencionados saberes concorrentes, a medicina novecentista os denominava de “populares”.

nos referindo à medicina científica, fora dado primordialmente pelo discurso médico e higienista que chega aos ouvidos da Europa junto com as conclamadas efígies da modernidade, tais como avanços urbanos e em outras áreas do saber, e nessa trajetória, o médico se torna uma figura exaltada. Para Foucault (2011), essa medicina moderna traria consigo um olhar mais sólido sobre o corpo, mais apegado ao palpável, mesmo que isto tornasse a relação médico-paciente um tanto quanto fria e impessoal. O que a diferenciava da antiga medicina era, justamente, essa nova posição que os médicos haviam tomado durante essas inovações. O médico era visto agora como um detentor de verdades, um guardião da vida, onde a racionalidade reinava e conhecia, de forma irrefutável, todo o cenário hospitalar, as patologias, os pacientes, o espaço onde desenvolviam seu trabalho.³¹

Mas na medicina talhada pelos nazistas, essa figura do médico desaparecia intensamente, e dava lugar a um novo tipo de esculápio: O “doutor” sepulcral, que se interessa muito mais pelo corpo morto, onde o corpo vivo perde seu valor, e não mais figurava o juramento de Hipócrates³², no qual, ainda que seja permissiva a manipulação da fisiologia humana para a morte ou para a vida, a produção de um cadáver jamais poderia ser produto do exercício da profissão médica.

Como percebemos na citação acima, exercendo essa função mórbida, o Dr. Mengele remexia o corpo de uma forma inescrupulosa, se banhava de sangue e se despiava de culpas, pois aquelas vísceras, mesmo sendo de um corpo rejeitado pelos nazistas (o corpo judeu), seriam agora um aporte para novas descobertas daquele médico, que mesmo com a contradição perversa de estar estudando um corpo “sub-humano”, iria usar aquelas inovações em benefício da raça ariana.

No entanto, aqui está uma questão complexa de ser debatida, pois, num estado de exceção, a ética sofre mudanças, e pontos de vista ditam o ritmo de como essa moral será imposta. De qualquer forma, o estado nazista se propôs a irromper as fronteiras do legal e do ilegal, pois, como já fora dito antes, eles agora possuíam o mais perfeito tubo de ensaio e a mais eficiente cobaia para inferir seus bisturis e seus conhecimentos: o corpo humano.

Podemos ensinar, assim, a ideia que o médico nazista era um clínico e um cirurgião às avessas, pois, enquanto o desejo destes, no seu “estado normal”, é proporcionar o tratamento e a cura para os enfermos acometidos com qualquer tipo

³¹ Discussão feita no prefácio do livro “A Invenção da Clínica”, de Michel Foucault (2011).

³² Disponível em <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3>. Acesso em 31/05/2018

de patologia, o médico nazista também é uma espécie de Caronte³³, onde guiaria para a morte aqueles que foram condenados pelo regime do qual esses profissionais faziam parte.

Todas as inovações, as técnicas, os elementos medicamentosos, as substâncias, agora eram utilizadas ao contrário. O médico passava a ser uma espécie de “açougueiro”, onde sua principal função era “abater” vidas para um avanço científico com um propósito controverso, que já dito, seria o benefício e o aperfeiçoamento da raça dita ariana.

Essa discussão pode ser vista nos escritos de Nyiszli (1961), onde o *sonderkommando* mostra a operacionalidade e o aparato do qual dispunham os médicos do escalão nazista, sempre respaldados, obviamente, por Mengele:

O laboratório de anatomia patológica foi fundado por iniciativa do meu chefe Mengele e estava destinado a satisfazer suas ambições de investigação médica. Acaba de ser terminado há apenas alguns dias. Esperava apenas um médico anatomista para começar a funcionar. No território do KZ há vastas possibilidades de pesquisa, de um lado para o estudo, do ponto de vista da medicina legal, dos numerosos casos de suicídio; por outro lado, para a exploração anatomopatológica dos casos relativamente numerosos de nanismo, gigantismo e outras anomalias do desenvolvimento humano. (NYISZLI, 1961, p. 63-64).

Nyiszli, no processo de transmutação em *homo läger*, percebe esse aparato como positivo, pois daria novo fôlego à ciência e aos avanços médicos. Percebemos que ele, o prisioneiro, não assimila seu lugar enquanto este e fala apenas do lugar de médico, não admitindo que o próximo corpo que poderia ser analisado, ali mesmo naquele laboratório, seria o seu. O médico judeu, apesar disso, parece muito mais fascinado com aquele aparato técnico e científico voltado para a medicina, que lhe fora entregue graças a sua posição enquanto esculápio legista. Vale salientar aqui que, mesmo Nyiszli sendo um forense conclamado em sua terra natal, ainda não havia trabalhado com aparelhos de ponta, com a “nata” da ciência daquela época, tudo isto agora ao seu alcance pelas mãos de Mengele.

A medicina nazista, ainda que às avessas, pelas atrocidades que

³³ Na mitologia grega, é um barqueiro que carrega as almas dos mortos sobre o rio Estige e Aqueronte, que seriam uma espécie de fronteira entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos.

discorreremos a seguir, se utilizou de um poder sobre o corpo estabelecido pela própria medicina acadêmica e dita moderna, a saber, a [...] “multiplicação de suas intervenções, algumas delas tocando a integridade da pessoa, seus modos de reprodução e sua maneira de morrer” (MOULIN, 2011, p.15). Obviamente, Mengele e seus auxiliares extrapolaram as possibilidades de ter o corpo como um tubo de ensaio, ultrapassando quase todas as barreiras da ética e do aceitamento médico e jurídico, o que fez, posteriormente, cair por terra essas permissões dadas dentro de um estado de exceção, como o nazista.

De modo que, assim como várias cartografias corporais estavam à disposição dos médicos nazistas, dentro de categorias patológicas clássicas para a época, como a tuberculose, a sífilis e o tifo, existiam também outras patologias que não eram compreendidas como doenças, e sim sinais particulares que, por algum motivo, foram produzidos pela própria hereditariedade humana. Bem como existia, então, um “arsenal” cadavérico que nenhum outro espaço da medicina possuía, pois bem sabiam que “os hospitais das grandes capitais mal chegam a fornecer cem ou cento e cinquenta cadáveres aos institutos de medicina legal e de anatomia patológica para pesquisa”, em contrapartida a isto, “o KZ de Auschwitz dispõe, ele, de cadáveres cuja quantidade pode ser estimada em milhares” (NYISZLI, 1961, p.64).

2.1.1 – “Desinstruindo-se” com o terror? Nyiszli, os gêmeos e outras “anomalias”

Um homem acanhado, com braços e pernas encurtados, ligados ao um tronco pequeno. Com traços faciais ligeiramente distorcidos, os quais acompanhavam a citada composição corpórea. Esta tipologia humana, “anã”, por vezes utilizada para “divertir” e causar risos, pela repugnância de suas deformidades, passou, no decorrer do final do Século XIX a ser objeto de estudo para a ciência. Mas antes mesmo que a medicina buscasse compreender esses sinais particulares, a sua aparência, ainda assim, era lida pelo olhar dos saberes médicos, e da população como um todo, composta de indícios anômalos ou, em termos científicos, anormalidades (COURTINE, 2011).

Conforme Courtine (2011, p. 255), o termo “anormal” circulava comumente no Século XIX, empregado para designar “fenômenos vivos, deformações humanas ou animais extraordinários” e serviam como dispositivos de normalização para “ensinar” os benefícios da norma para aqueles que desobedeciam aos aparelhos de poder que ditavam a normatização, isto ocorrendo por meio da exibição de seu contrário, isto é, pela apresentação de uma imagem inversa, monstruosa, dita anormal.

Esse “monstro”, que poderia ser um anão, ou mesmo indivíduos portadores da gemelidade³⁴ siamesa, por possuírem traços que fugiam do que se dizia normal, tiveram suas representações desassociadas de uma desordem cega para concepções médicas que regularizavam estes corpos a uma própria ordem do ser vivo. A medicina em finais dos oitocentos, nas suas especialidades genética e embrionária, definiu o anormal com sendo um organismo que teve seu desenvolvimento interrompido, e, portanto, produtor de um homem inacabado (COURTINE, 2011).

Esta última forma de categorizar os anormais apresentou-se nos escritos de Nyiszli (1961) explicitando a maneira pela qual a medicina nazista os compreendia. Trata-se de um anormal que aparece como uma cartografia diluída dentro de preceitos raciais, que se liga a ideias eugênicas de que não seria possível a elaboração de uma raça pura e superior, no caso nazista a raça ariana, sem a preocupação de regenerar o homem ariano a partir da dizimação de todos os signos que, apenas pelo olhar, indicavam descrições de anormalidade e de inferioridade racial.

A “degeneração” é física, mas também cognitiva e intelectual, pois todos que não conseguem ser normatizados, os que não alcançam subjetivar a norma, seja de uma forma voluntária ou involuntária, deveriam, primeiramente, ser enviados para o *lager*, para serem mortos, dissecados e estudados (DIWAN, 2014). No entremeio serviriam de cobaias para a descoberta de patologias, e, posteriormente, seus esqueletos seriam expostos nos “halls espaçosos dos grandes museus” (NYISZLI, 1961, p.128), onde conviriam de “exemplo” de degeneração a não ser seguido, porque, “a extensão do domínio da norma se realizou através de um conjunto de dispositivos de exibição do seu contrário, de apresentação de uma imagem invertida” (COURTINE, 2011, p. 261).

³⁴ Termo referente a gêmeos, utilizado por Miklós Nyiszli e por Mengele para estudar o fenômeno de nascimento desses sujeitos.

Este olhar que intensifica a anormalidade para a etnia judaica, posto que, para as políticas raciais do Terceiro Reich, se o judeu é um anão, ou um gêmeo, o seu caráter anormal é potencializado, o que o torna, pelo olhar da medicina nazi, a “matéria-prima” ideal para embasar teorias genéticas, em construção nos campos de extermínio, para gerar ideais que, no pensamento eugênico e antissemita da época, excluiria esses corpos degenerados de uma futura convivência social alemã.

Todavia, para pensar a eugenia³⁵ como campo de conhecimento diluído na medicina nazi, faz-se necessário compreendê-la a partir de suas duas facetas: a) Como movimento científico e social de práticas do conhecimento sobre a hereditariedade, com a finalidade de “melhorar” a reprodução humana, encorajando a reprodução de indivíduos “adequados”, ou, desencorajando outros tipos como inadequados e produtores de gerações ditas inadequadas; e b) Movimento para o aprimoramento da raça humana e para a preservação da pureza racial de grupos específicos (STEPAN, 2005).

Todas essas formulações acerca das práticas eugênicas nos faz perceber que, na Alemanha produzia-se, desde antes da ascensão do Partido Nacional-Socialista, ideais que já comungavam com estas facetas supracitadas³⁶. No entanto, de acordo com Diwan (2014), essas práticas ainda não teriam sido postas em vigor, pois, ainda não havia relação entre eugenia e antissemitismo antes da ascensão do *Führer* ao poder em 1933. A partir de então, como já citado no capítulo I desta pesquisa, as leis e editos raciais foram postos em voga pelo governo nazi. A relação entre os ideais eugênicos, antissemitismo, e a prática *ipsis litteris* da eugenia, calcada no discurso médico higienista e aportado por vários “homens de ciência” da época, só vai ser efetivada de fato dentro, inicialmente dos campos de concentração, e posteriormente nos campos de extermínio nazi.

A historiografia que trata sobre os saberes e as práticas eugênicas, a exemplo de Nancy Leys Stepan (2005, p. 10), compreende que apesar de outros países, tais

³⁵ O termo eugenia vem do grego “bem nascido” e, historicamente, foi inventado pelo cientista britânico Francis Galton em 1833 para se referir às leis da hereditariedade humana (STEPAN, 2005).

³⁶ Desde a década de 1920 a prática da esterilização era defendida, principalmente por eugenistas, e ansiava-se que ela fosse institucionalizada no país. Em 1927, a criação do Instituto Kaiser Wilhem (ironicamente, com financiamento da família judia Rockfeller) deu ainda mais suporte a esses ideais, que não chegaram a ser praticados em suma pelo fato dos direitos civis da população alemã rechaçar essa prática. No entanto com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933, finalmente os eugenistas puderam por em ação essas políticas de esterilização, tendo como “alvos”, a saber: pessoas com debilidade mental congênita, esquizofrênicos, loucos, epiléticos, cegos, surdos, e malformados corporalmente. (DIWAN, 2014).

como os Estados Unidos, terem se destacado na operacionalização das práticas de esterilização, ultrapassando em números efetivos a própria Alemanha Nazista, o estado ditatorial do III Reich conseguiu a proeza de se sobressair no conjunto de políticas sobre o corpo “onde a eugenia chegou ao auge do extremismo e crueldade”, mesmo que, ainda segundo a autora, a devida atenção não fora dada pela historiografia ao caso da eugenia na Alemanha Nazi. Pois que, este episódio se apresentou de forma tão contumaz, que a autora categoriza como “uma aberração histórica” (STEPAN, 2005, p.13), na qual a eugenia nazista teria ocasionado uma ruptura dentro das próprias práticas eugênicas que ela toma por referência, tamanha crueldade impetrada naquelas práticas.

É justamente no decorrer das experiências aterrorizadoras da eugenia nazista que Nyiszli se constituiu enquanto *Homo Lager*, a partir da ambivalência de si, onde mesmo com o sofrimento acarretado pela sua “situação” enquanto judeu no campo de Auschwitz, em que as políticas do corpo eram aplicadas também contra ele próprio, sua condição de médico lhe enchia de esperança e orgulho perante os avanços obtidos com a experimentação em larga escala impetrada dentro dos campos de concentração. A começar:

Desde a chegada dos comboios, soldados percorrem as filas diante dos vagões, em busca de gêmeos e anões. As mães esperam para eles tratamentos de favor e entregam sem hesitação os filhos gêmeos. Os adultos gêmeos sabem que são interessantes do ponto de vista científico; na esperança de condições melhores, apresentam-se voluntariamente. O mesmo acontece com os anões [...] Deixam-lhe as roupas civis, guardas os acompanham aos barracões especialmente designados para eles e onde lhes reservam certos cuidados. A comida é boa, as camas são confortáveis. Há possibilidade de higiene e são bem tratados. (NYISZLI, 1961, p. 64-65).

Neste entreposto entre ser judeu, cobaia e prisioneiro, o *Homo Lager*, num rol que se incluem todos os prisioneiros que tiveram de passar por tais transmutações acarretadas do efeito-holocausto (LESSA, 2009, p.85), se despe de todos os seus direitos relacionados à sua identidade e suas dignidades, uma vez que, estes paradoxos já não existem conscientemente para este condenado. A condição imposta aos indivíduos expostos a tal mutação a base do terror os faz,

primordialmente, abdicar de sua dignidade humana, agindo, estes, como animais em seu instinto básico, o de sobrevivência, onde não importava os meios, sendo que os fins deveriam garantir a estes ao menos minutos, horas, ou dias de vida, tornando-os cobaias, e por consequência, coniventes com aquelas práticas assassinas.

Dessa forma, Miklós Nyiszli, mesmo com a condição estipulada pela sua posição de médico, não se isenta de ser também uma cobaia, pois este, pelo instinto do efeito-holocausto e no impulso básico pela sobrevivência, termina por ser, também, um experimento, onde, servindo ao bel prazer do Terceiro Reich, torna-se mero instrumento de imposição de poder, de saberes e de deveres. Nesse sentido, torna-se também cúmplice, porque enquanto um dos assistentes de Mengele, era do seu conhecimento que aqueles sujeitos que chegavam ali, mesmo com toda a ilusão de bom tratamento, comida e um sono confortável, serviriam apenas por algumas horas ou alguns dias, e que seriam descartados posteriormente. Tornar-se-iam mais um número da macabra imensa contagem de vítimas do Holocausto.

A chegada até o “necrotério” era antecipada pela classificação das ditas anormalidades conforme gravidade e natureza na qual “o cientista moderno [refiro-me ao nazista] admira, [...] mas, além disso, compreende, busca explicar a si mesmo o espetáculo que tem sob os olhos” (COURTINE, 2011, p.291). Nyiszli (1961, p.65), como espectador, uma vez que, boa parte destes procedimentos iniciais eram realizados por Mengele, os descreve pelo ato de lembrar e de testemunhar: No barracão 14 do Campo F entram anões e gêmeos. “É ali que se efetuam neles todos os exames médicos que o corpo humano é capaz de suportar. Tomadas de sangue, punções lombares, trocas de sangue entre irmãos gêmeos” bem como “inúmeros exames, todos cansativos e deprimentes” (NYISZLI, 1961, p.65)

Continuando a descrição desses procedimentos iniciais, aos quais Nyiszli, numa linguagem médica os chama de experiências *in vivo*, sucederá a mais importante fase do experimento anatomopatológico, e que o médico define como o estudo comparativo entre órgãos com funções normais e anormais. Porém, para este estudo, “como para todo o estudo de anatomia patológica, são necessários cadáveres” (NYISZLI, 1961, p.66), preferivelmente de gêmeos mortos, ao mesmo tempo, pelas mãos do Doutor Joseph Mengele.

Na contrapartida em que o médico assistente compreende todos estes procedimentos como “deprimentes” ao serem executados por um aspecto inescrupuloso, Nyiszli, por alguns segundos parece encantado com as descobertas

científicas que estes experimentos poderiam ocasionar, quando após presenciar as iniciais práticas intervencionistas que foram sucedidas pelas mortes das cobaias, ele afirma ter pensado: “Aconteceu aqui uma ocorrência única na história das ciências médicas do mundo inteiro. Dois irmãos gêmeos morrem juntos e ao mesmo tempo e se tem a possibilidade de submetê-los à necropsia” (NYISZLI, 1961, p.66).

Com relação às finalidades desses procedimentos, cabe-nos enfatizar algumas ressalvas. Como bem dissemos a eugenia nazista e suas aplicações no campo da medicina, especialmente da medicina genética, tinha como objetivo controlar os “fatores que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras” ou, ainda nas palavras de Courtine (2011, p.307), “livrar-se dos indesejáveis, multiplicar os desejáveis”. Obviamente, pelos traços animais e grotescos, os anões de Auschwitz deveriam sucumbir legitimamente pela sua dita inferioridade talhada em seus corpos, pois, segundo as políticas raciais do Terceiro Reich, estes indivíduos não possuíam nenhuma característica ou atributo que pudesse aperfeiçoá-los, fazendo assim com que estes sujeitos se tornassem uma parte “descartável” de uma futura “supergeração”.

Diferentemente dos anões, a gemelidade, ainda que pudesse transmitir a ideia de anormalidade, poderia desvendar o segredo da multiplicação da raça, por intermédio de estudos que explicariam como um mesmo organismo conseguia produzir dois seres ao mesmo tempo, idênticos no tocante à aparência. Consistindo, possivelmente, no principal projeto científico desenvolvido por Joseph Mengele no laboratório que este comandava, coube a Nyiszli a responsabilidade de constatar as hipóteses que seu chefe e outros médicos auxiliares haviam chegado através das experiências empreendidas por estes anteriormente, quando ainda existia o soprar da vida nestes corpos. Nas palavras de Nyiszli (1961, p.67) “Só faltam as constatações da anatomia patológica. Sua execução está a meu cargo”.

Nyiszli, portanto, foi sendo testado nos seus máximos limites, onde estava imbuído de refutar ou confirmar protótipos médicos estipulados por outros, no projeto insensato, como o próprio se refere, de fazer com que futuramente toda mãe de raça aariana desse a luz a gêmeos perfeitos, de acordo com a visão do Reich e seu discurso de corpo ariano impecável. Miklós Nyiszli, diferentemente dos outros *Homo Lager*, que seriam as cobaias nos experimentos médicos, conseguia, ainda que de forma limitada, pelo medo da morte, enxergar as consequências que um mero erro ou qualquer diagnóstico fora das pretensões do corpo médico de Mengele poderia

lhe acarretar. Por isso exercia com maestria a experiência clínica para decifrar com detalhes o depósito humano que estava diante de seus olhos. A medicina moderna dedicava também ao médico legista o poder ao olhar e aos demais sentidos “humano” para trazer à luz uma verdade desconhecida, ou mesmo inacabada (FOUCAULT, 2011):

Retiro a calota do crânio. Extraio simultaneamente o cérebro e o cerebelo. Examino o conjunto. Seguem a abertura do tórax e a retiro do esterno. Depois afasto a língua por uma abertura realizada debaixo do queixo. Junto com a língua vem o esôfago e, com as vias respiratórias, os dois pulmões. Lavo os órgãos para vê-los bem. Tudo está cheio de sangue. A menor mancha ou a diferença de cor mais insignificante pode fornecer indícios importantes. Faço um corte transversal através do pericárdio. Tiro com uma colher o soro que ali se encontra. Faço sair depois o coração; ponho-o debaixo da torneira para lavá-lo. Viro-o e reviro-o na minha mão para examiná-lo. Nas paredes exteriores do ventrículo esquerdo há uma pequena mancha vermelho-pálido, provocada por espetadela de agulha e que apenas difere da cor do conjunto. Posso enganar-me. A espetadela foi realizada com agulha muito fina. Evidentemente é uma agulha de injeção. Recebeu uma injeção, mas com qual objetivo? [...] Breve o saberei. Abro o coração, começando pelo ventrículo. Habitualmente retira-se o sangue do ventrículo esquerdo com colher pesando-o em seguida. Essa maneira de proceder não pode ser aplicada no caso presente, pois o sangue está coagulado numa massa compacta. Com a pinça trituro o coágulo e levo-o ao nariz para cheirá-lo. Impressiona-me o odor característico do clorofórmio. Recebeu injeção de clorofórmio no coração [...] instantaneamente a morte por parada cardíaca (NYISZLI, 1961, p. 68-69).

A relação entre Nyiszli e Mengele pode muito bem se caracterizar em um vínculo puramente carcerário. O primeiro, o médico legista e prisioneiro de Auschwitz. O outro, oficial da SS e médico renomado. Trata-se de uma relação de poder pautada na repressão e na censura. Ora, Mengele o exerce escolhendo o melhor médico legista forense dentro dos aprisionados para possivelmente testar o seu silêncio. Nyiszli, por sua vez, desvenda uma forma de assassinar até então oculta dentro dos muros de Auschwitz, afora as execuções em câmaras de gás e os fuzilamentos, que seria a morte através da injeção de clorofórmio no coração, a qual se passava para os olhos leigos como uma morte natural. Nesse sentido, Nyiszli acaba por produzir um saber sobre o corpo que positivamente é fruto do poder (FOUCAULT, 2012). Um saber que, todavia, pelo seu teor criminoso, deveria ser

velado e não transcrito nos relatórios das autópsias que o médico assistente produzia. Por este silêncio, que chega a deixar Nyiszli excitado pela descoberta, porém temeroso pela sua vida, o médico judeu não apenas passa a sobreviver mais alguns dias no campo, como adquire uma espécie de “respeito”, “admiração” e “excelência”, e que, a partir de então, passou a autopsiar todos os corpos que Mengele classificara como objeto de estudo do propósito delituoso de multiplicação da raça ariana.

Dessa forma, Nyiszli estaria sendo submetido a um teste quase que diário, onde, perante seus pressupostos de êxitos, teria recebido uma espécie de recompensa: a atenção de Mengele, que, mesmo enxergando o médico como judeu e inferior, passaria a perceber seus dotes dentro da medicina, com tarefas que este realizava com destreza. Relacionado a este fato, Mengele questiona Nyiszli: “Ele indagava qual a marca da máquina [de escrever] a que estou habituado. ‘Olympia Elit’, digo. ‘Muito bem; vou enviar-lhe a máquina. Você a receberá amanhã” (NYISZLI, 1961, p.68, *grifos do autor*). O referido diálogo se passa entre os dois médicos logo após Mengele não entender a grafia de Nyiszli em um dos relatórios, e este último dizer que era preferível trabalhar com uma máquina datilográfica. Percebemos, nesse ponto, que, se formos observar a relação de outros oficiais com prisioneiros de Auschwitz, seria quase inimaginável conceber a ideia de que um Capitão da SS cederia aos “caprichos” de um mero condenado. Neste episódio fica clara a determinação de Mengele em manter vivo o Dr. Nyiszli, pois este se apresentava como crucial para os anseios de Mengele dentro do seu plano³⁷.

Por outro lado, Mengele construía um ambiente em que Nyiszli, mesmo sabendo que seu trabalho era importante para o desenvolvimento dos planos do doutor nazista, temia que qualquer intempérie ou mesmo qualquer erro básico transtornasse este médico fazendo com que o mesmo ordenasse ou ele mesmo desse cabo de sua execução. As recordações de Nyiszli estão permeadas pela descrição do seu estado nervoso: “Trago dois comprimidos de Gardenal³⁸ de dez centigramas cada um. Adormeço. Tinha uma grande necessidade de agir assim;

³⁷ Esta ideia de que Mengele passa a confiar em Nyiszli é ainda mais acentuada quando o médico nazista confia ao médico judeu a autópsia de um oficial SS, que teria sido assassinado por um grupo de revoltosos. Este caso dá pertinência para que quase todos os corpos das autoridades nazistas, mortas em combate naquelas redondezas, passem pela mão do Dr. Miklós Nyiszli. (NYISZLI, 1961)

³⁸ Medicamento a base de Fenobarbital. Indicado para tratamento de convulsões em indivíduos com epilepsia ou crises convulsivas de outras origens. Age diretamente no sistema nervoso central. No caso específico de Nyiszli, o medicamento era utilizado para melhorar ou aprofundar o sono.

sentia-me com os nervos esgotados”. E continua: “Em tais circunstâncias, o sono provocado pelo Gardenal é o melhor remédio. De manhã acordo com a cabeça pesada [...] A sensação de peso provocada pelo Gardenal também desaparece” (NYISZLI, 1961, p. 77-79).

Sua condição nervosa também está associada ao cotidiano que lhe aterrorizava o olhar e os outros sentidos. Neste dia-a-dia o Dr. Nyiszli ouvia gritos de outros médicos sofrendo torturas e sendo descartados (leia-se assassinados) pelas mãos de seus algozes; grupos de mulheres sendo executadas sumariamente perante seus olhos, ficando a seu dever selecionar os corpos ditos “estudáveis” e descartando os outros para os crematórios; pertences de vizinhos e amigos pululando a seus olhos enquanto estes sufocam nas câmaras de gás; crianças que chegam de forma inocente para as dependências dos laboratórios médicos de Auschwitz e saem dali sem vida, tendo estas sido ceifadas pelo médico, aquele profissional que deveria salvá-las. Mas também por deparar-se com condições humanas que se tornavam “anormais” em sua aparência devido aos maus tratos que sofriam no campo, como a fome, os castigos físicos, a sede, entre outros flagelos (NYISZLI, 1961).

2.1.2 – O Lager que produz “anormalidades”

Apesar de o Estado alemão ter obtido destaque entre os modelos de medicina social entre os séculos XVIII e XIX a partir de práticas médico-interventivas as quais tornaram as suas cidades higienizadas, isto é, limpas da sujeira aparente e dos comportamentos humanos que a produziam (FOUCAULT, 2012), os campos de concentração parecem ter sido projetados propositalmente para fugir a esta normatização. Por não terem sido estruturados para garantir o bem estar humano e nem proporcionar conforto para aqueles que os adentrassem, os campos consistiam em um espaço ideal para a proliferação de doenças e epidemias, tendo em vista o emaranhado de pessoas sujas e desnutridas de diferentes localidades que ali se encontravam.

A começar pelas próprias casernas, local de confluência de prisioneiros para

os horários de inatividade. Os ambientes sem ventilação, superlotados e de mínimo espaço para circulação de ar, umedecidos pelo clima frio e pela alta taxa de fluidos corporais que se moviam, tornava o espaço propício para o desenvolvimento de micro-organismos e suas respectivas doenças que poderiam ceifar vidas de forma coletiva (NYISZLI, 1961).

As doenças e epidemias de Auschwitz desenvolviam-se, em suma, através do contágio pela convivência próxima dessas pessoas. Essas formas de enfermidades, dentre elas a escarlatina, o tifo e a disenteria³⁹, tornavam os aspectos dos prisioneiros cadavéricos e ulcerosos, o que, numa triste constatação, também categorizava estes como anormais, não sendo exagero dizermos que, assim como os “anormais” congênitos, os doentes do *lager* tornavam-se fenômenos vivos com deformidades humanas através do desvio patológico e fisiológico em face da norma (COURTINE, 2011).

Para este aspecto, Nyiszli recebeu outra importante missão da parte de Mengele, que seria detectar, a partir do surgimento de epidemias dentro do campo de concentração, o foco e o motivo principal dessa infestação a partir das autópsias. Ocorrendo a confirmação de algumas das doenças supracitadas, Mengele realizava o procedimento da SS para sanar a proliferação das doenças e, que na linguagem médica chamava-se “luta intensiva contra a propagação da infecção”, ou em outros termos “os resultados dessa luta são sempre um ou dois caminhões de cinzas” (NYISZLI, 1961, p.110).

Nyiszli e outros médicos *sonderkommandos*, cientes dessa prática coletiva de sanar a circulação da doença pelo assassinato em massa, aprenderam a burlar os laudos médicos, evitando diagnosticar doenças infectocontagiosas pela dúvida no laudo através da descrição de sintomas produzidos pelo corpo, e não contagiosos, que produzem outras doenças, mas que se assemelham em sua sintomatologia às doenças contagiosas supracitadas:

³⁹ As caracterizações das enfermidades aqui destacadas são as seguintes: a) Escarlatina: doença infecciosa que causa vermelhidão, coceiras, náuseas e vômitos e mal-estar geral; b) Tifo: uma doença epidêmica que causa dores de cabeça, dores nas articulações, febre alta, manchas e ulcerações na pele; c) Disenteria: doença bacteriana que provoca eliminação de matéria fecal com muco e sangue, acompanhados de fortes cólicas intestinais, que podem chegar a provocar desmaios. Disponível em: <portals.saude.gov.br> Acesso em 30/06/2018.

Trazem-me, uma manhã, dois cadáveres de mulheres [...] foram-me enviados pelo Dr. Mengele para a necropsia [...]. Na rubrica “diagnóstico” encontro respectivamente as palavras “febre tifoide” e “enfraquecimento do coração”. Cada uma dessas menções aparece seguida de ponto de interrogação. [...] Desta vez ainda, a minha decisão foi rapidamente tomada. Como resultado da necropsia, o Dr. Mengele não receberá de mim um diagnóstico de febre tifoide. A descrição da doença dos dois cadáveres comporta numerosas lacunas [...] O Dr. Mengele não está seguro de seu trabalho. [...] Foi por esta razão que enviou os dois cadáveres. Efetuei a necropsia. O intestino delgado dos dois cadáveres está no estado ulceroso característico da febre tifoide de três semanas. O baço também está inchado. Está fora de dúvida que se trata de febre tifoide nos dois casos. [...] Anuncio-lhe o diagnóstico: inflamação do intestino delgado com úlcera externa. Faço uma exposição comparativa para o Dr. Mengele entre o estado de ulceração do intestino delgado [...] e a ulceração que ocorre às vezes na ocasião da inflamação do mesmo órgão. Faço-lhe notar que a inchação do baço acompanha muitas vezes a inflamação do intestino e que, por conseguinte, não se trata de febre tifoide, mas de grave inflamação do intestino delgado, causada provavelmente por intoxicação provocada pela carne. O Dr. Mengele é um biólogo da raça, e não um especialista de anatomia patológica. (NYISZLI, 1961, p.110-112).

Da mesma forma que Miklós Nyiszli, em algumas situações, forja laudos para facilitar o trabalho de Mengele, com a habilidade que desenvolveu nessas burlas cotidianas, consegue forjar também laudos para proteger os judeus, mesmo que esta prática causasse a circulação da epidemia entre os prisioneiros. Podemos dizer que ao conseguir realizar este feito, Nyiszli externa, em alguns momentos, certos resquícios de vaidade. Todavia, também ciente de sua posição, apresenta-se consciente de que necessita praticar “a outra face da moeda” que lhe permite sobreviver no campo, ou seja, oferecer os laudos e os diagnósticos de forma correta, quando não havia possibilidade de maquiagem estes. Para este caso, Nyiszli lembra que os numerosos casos de autópsias realizadas em cadáveres acometidos pela disenteria, apresentava-se impossível afirmar o contrário, pois, os sintomas epidêmicos eram flagrantes: “Tais são, em linhas gerais, e de modo compreensível até aos leigos, as conclusões de minhas necropsias” (NYISZLI, 1961, p. 122).

Para Foucault (2011), a experiência clínica perpetrada pela medicina moderna, permite aos médicos apresentar certa unanimidade a despeito das maneiras como leem o corpo humano quando acometido por uma enfermidade. Passa-se então a uma educação das sensibilidades do clínico para compartilhar com outros aparelhos sensoriais maneiras dialogadas de ler, perceber e investigar a

aparência dos tecidos, dos órgãos e da estrutura corporal em si. Em contrapartida, isto não torna impossíveis as discordâncias entre diagnósticos, mas ocasiona a recorrência de discrepâncias nas práticas de identificar doenças e causas de morte no campo da medicina. A clínica, portanto, ao mesmo tempo em que torna o erro mais evidente, faz dele menos recorrente. E é nessa perspectiva que Nyiszli se adapta a utilizar o saber clínico e suas análises para as situações distintas citadas.

Em decorrência desse processo de desinstrução, Nyiszli, a partir de então, continua a exercer a função como auxiliar de Mengele, intermediada pela ajuda de outros médicos que ocupam a condição de subalternos ao trabalho do médico judeu. Diante da rotina hospitalar e científica que se instalou no laboratório de Auschwitz, e o trabalho excessivo que era realizado, Nyiszli parecia inconsciente a respeito do tempo em que se encontra nessa condição de médico prisioneiro. Apesar de afirmar que se encontra há oito meses no campo de concentração de Auschwitz, dissecando corpos, a sua descrição acerca do que se passava em torno do cotidiano no *lager* denunciam tratar-se de aproximadamente entre quatro e seis meses, isto a contar a partir da sua entrada⁴⁰.

Isto, porque Nyiszli notou que “nos quatro crematórios o trabalho está em plena atividade” (NYISZLI, 1961, p.125), sinalizando que a máquina de morte nazista estava buscando apagar os rastros de todos os crimes que haviam cometido naquela localidade, haja vista que já estavam em fins de 1944, ao passo que a frente ocidental e oriental da guerra já avançavam de forma ameaçadora em direção a Berlim, o que levava os nazistas a perceberem que aquela empreitada já se encontrava próxima do fim (FEST,1973).

A medida em que a morte de fato, predominava em relação aos experimentos e às práticas médico-científicas, ocasionando uma desordem em ritmo acelerado da medicina nazi, Nyiszli tomou consciência do que estava ocorrendo, saindo da sua zona de conforto e percebendo, finalmente, do que se tratava todo aquele aparato:

Não é um instituto científico, mas um instituto pseudocientífico. Sustentados pelo conceito de raça superior, os trabalhos do Dr. Mengele sobre a gemelidade são uma pseudociência. Igualmente falsa é a teoria da degenerescência dos estropiados e dos anões

⁴⁰ Nyiszli entra no campo em Maio de 1944. Na descrição do mesmo, estariam no outono da Europa, ou seja, entre Setembro e Novembro de 1944.

baseada na inferioridade da raça judia. Evidentemente, isso não se faz para o momento imediato, nem para o povo alemão de hoje, pois ele ainda não acreditaria. Mas para o momento em que a raça dos senhores haja obtido a vitória final e ganhado a guerra do espaço vital e da defesa da raça. Os esqueletos dos estropiados e dos anões que foram mortos aqui, munidos de seus nomes, idades e ocupações, etc., serão colocados em *halls* espaçosos dos grandes museus.

Embora Nyiszli, em algum dado momento de seus pensamentos tenha tomado consciência que foi cúmplice e testemunha de um projeto médico-eugênico que destoou dos propósitos de uma consciência médica ortodoxa, o mesmo não se pode dizer de suas constatações acerca do significado de tamanha quantidade de mortes em um curto espaço de tempo⁴¹. Pela citação acima, o médico assistente tinha somente uma certeza, pelo menos até este momento: a de que os judeus estavam sendo exterminados de uma forma sistemática pelo estado nazista, sem talvez cogitar que, assim como ele, outros prisioneiros haviam desenvolvido mecanismos e burlas para sobreviver mesmo estando na sua condição traumática de *Homo Lager*, a exemplo do prisioneiro 174.517, número de infortúnio do italiano Primo Levi, identificado através de suas memórias.

2.2 – (Des)Instrução, (des)educação e (des)ordem: Primo Levi, um *Homo Lager*.

Hoje, e aqui, o nosso objetivo é aguentarmos até a primavera. No momento, não pensamos em outra coisa. Depois desse objetivo não há, por enquanto, outro. De manhã quando, formados na praça da chamada, esperamos longamente pela hora de irmos ao trabalho, e cada sopro de vento penetra por baixo da roupa e corre em arrepios por nossos corpos indefesos, e tudo ao redor é de cor cinza, e nós também somos cinzentos; de manhã, quando ainda está escuro, todos esquadrihamos o céu ao nascente, à espera dos primeiros sinais da primavera, e cada dia comenta-se o levantar do sol – hoje um pouco antes do que ontem, hoje um pouco mais quente; em dois meses, num mês, o frio abrandará, teremos um inimigo a menos. (LEVI, 1988, p. 102).

⁴¹ Na descrição de Miklós Nyiszli, cerca de três mil pessoas por dia eram incineradas nos fornos crematórios de Auschwitz. Embora os dados sejam imprecisos até hoje, a historiografia do Holocausto acredita que, na etapa final da guerra, a média de corpos incinerados pairassem entre 1,5 mil e 5 mil pessoas por dia.

Temperatura negativa. Os pés congelados não sentem mais tocar na superfície. As feridas se espalham por toda pele, muitas delas necrosadas pelas temperaturas congelantes. Ao redor, milhares de prisioneiros, iguais a ele, morrendo de fome, de frio, de maus tratos. As câmaras de gás superlotadas, assim como os fornos crematórios. É assim que Primo Levi (1988) descreve seu pequeno inferno particular. Já não há objetivos em que ele e seus outros companheiros de infortúnio se apeguem. Apenas querem afugentar o frio. É nessa perspectiva que desaparece o homem Levi e insurge um ser que, apesar das intempéries sofridas, quer apenas o básico para sobreviver, já que é o que lhe resta, e isto lhe é alçado apenas por um resquício de instinto animal que o resta. Ao esquadrihar o céu, Levi estaria pedindo não uma intervenção divina, mas um sentido para continuar ali.

Observando esse panorama, nos deparamos com uma realidade muito distinta entre os dois sujeitos analisados nessa pesquisa. Levi e Nyiszli se distanciam em quase todos os quesitos, e a única semelhança que os contempla é o fato de serem prisioneiros judeus de Auschwitz. Tudo mais os difere. Levi passa por um processo em que uma espécie de transmutação biológica, e até mesmo psicológica, irrompe em quase todos os âmbitos de vivência e convivência do condenado. Ao falar de Levi, Giorgio Agamben (2008), é enfático ao referir-se à condição do prisioneiro enquanto afastado de sua humanidade, e como este sugere que, mesmo se questionando se *É isto um homem?*, mantém uma dubiedade em seu próprio julgamento, onde, se nos atentarmos de fato à escrita de Levi, perceberemos que esta pergunta, que dá título à sua obra prima, é um ponto em que surgem várias interpretações, onde Primo Levi nos oferece um amplo leque de debates sobre sua condição dentro do *lager*.

Essa nuance de análise da figura do *Homo Lager* estampada em Primo Levi, no tocante a sua desinstituição, permeia vários pontos de sua obra, mas nesse ponto destacado na citação acima, o fato que mais choca ao leitor é justamente essa forma que, uma vez inseridos e “afogados”⁴² no campo de concentração, os prisioneiros que viveram tais transformações de forma plena, como é o caso de Levi, tratam suas vidas, onde qualquer forma de dignidade e até mesmo de identidade humana é suplantada pelos instintos básicos de sobrevivência. O movimento de

⁴² Termo usado por Levi em alguma de suas obras para retratar o estado dos que estavam presos no campo de concentração. Ver mais em suas obras *Os Afogados e os Sobreviventes* e *Assim foi Auschwitz*.

importar-se mais com a temperatura do que com tudo que o rodeava naquele momento nos dá a dimensão aproximada do processo em que Levi estava imerso desde sua entrada no *lager*: o processo de desumanização ao qual fora remetido.

No interim desse processo, e acompanhando Levi no cotidiano do campo, estava presente o flagelo que se apresenta como mais cruel para um ser: a fome. A descrição que Levi faz de alguns episódios em que a fome está presente, chega, de alguma maneira, a parecer delírio, tamanha a tristeza que aporta a narrativa. Dentro daquele âmbito, o *Homo Lager* estava já cravejado de desinstruções, e talvez a mais dura delas fosse a obrigação de ter que aprender a não comer:

Como poderíamos pensar em não ter fome? O Campo é a fome; nós mesmos somos a fome, uma fome viva. Além da estrada, trabalha uma escavadeira. A sua concha, suspensa nos cabos, escancara suas mandíbulas dentadas, paira um instante, como que hesitando na escolha, de repente arremete contra a terra mole e argilosa, abocanha ávida, enquanto da cabine sai um jato satisfeito de fumaça branca e densa. Logo torna a levantar, dá um quarto de volta, despeja a presa que estava carregando e recomeça. Apoiados em nossas pás, olhamos fascinados. A cada mordida da escavadeira entreabrem-se as bocas, os pomos de adão sobem e descem, miseramente visíveis por baixo da pele frouxa. Não conseguimos renunciar ao espetáculo do banquete da escavadeira (LEVI, 1988, p. 106-107).

Nesse torpe espetáculo da escavadeira, descrito na citação acima, podemos imaginar outro triste desvelo de Primo Levi ao narrar a desumanização latente naquele lugar: a escavadeira era os prisioneiros, os prisioneiros eram a escavadeira. Tamanha era a objetificação do homem perante aquela situação, que eles próprios se imaginaram no lugar da máquina. Mas a máquina possuía uma sorte mais aprazível que a destes condenados, pois pelo menos se alimentara de terra. O deleite desses prisioneiros ao ver uma simples máquina tragando quantidades de argila para seu interior nos remete a pensar a situação limite que estes estavam vivendo.

Com essa descrição de Levi presenciemos, pois, um rebaixamento da espécie humana, que sonha muitas vezes com a longevidade da vida, emaranhada nos seus planos e na fascinação de imaginar o porvir. Mas, em Auschwitz, tudo se tornara diferente, pois “o que sobra de natureza humana quando qualquer emoção

humana é regularmente reprimida pelos vigias?”, e dentro deste espectro que tornara o homem Levi no prisioneiro Levi, o paradigma de toda existência é o campo, onde “cada prisioneiro, na medida que sobreviveu às seleções da morte, tem de realizar dia-a-dia sua impiedosa luta pela existência, onde cada um é rival ou inimigo do outro” (WEINRICH, 2001, p.263).

Se o “campo é a fome”, Levi nos mostra que ele próprio é a fome, é o sujeito transformado em fome, e é a partir dessa prerrogativa que podemos perceber que sua transmutação já o desinstruira perante os fatos que ocorriam. O que permeia essa vivência marcada por uma degradação contínua são os fatores que fazem de Levi e dos outros prisioneiros seres à mercê do que o campo lhes apresentava. Se o frio ia diminuindo seu vigor com o passar dos meses, a fome aparecia como uma âncora conjugada à mente deles todas as horas do dia, pois a chamada “ração” distribuída no campo de Auschwitz era irrisória e pouco nutritiva. Mesmo assim, num estalo de realidade, Levi vez por outra voltava do seu estado de *Homo Lager* e reaparecera como um “homem comum”, com sofrimentos e preocupações corriqueiras e inerentes aos que estavam fora dali:

Ao pôr do sol, toca a sirena do *Feierabend*, do fim do trabalho, e, já que todos estamos fartos (ao menos por algumas horas), não há brigas, sentimo-nos bem-dispostos, o *Kapo* não tem vontade de espancar-nos, conseguimos pensar em nossas mães e em nossas mulheres, o que raramente acontece. Durante algumas horas, podemos ser infelizes à maneira dos homens livres. (LEVI, 1988, p.111)

É nessa prerrogativa que Levi, ao descrever o cotidiano do campo, nos mostra como se contentava com pouco. Até uma volta à realidade soava como um sonho, um apego desesperado em voltar à triste vida infeliz de um cidadão, que ao menos era livre. Estas digressões quase que permanentes na escrita de Levi nos remete ao seu estado de espírito, velado e cansado, onde já não mais se tinha esperança de viver, pelo menos de uma forma digna. Mas essa esperança era corroída com o violento despertar, pois a realidade o fazia perceber que “nessa luta pela sobrevivência o prisioneiro tem de ser econômico até com sua memória. Já é horrível o bastante que de noite as lembranças de um mundo melhor povoem seus

sonhos”, e esse fato de haver uma luta interna de sensibilidades que eram interrompidas, “pelo menos de dia sua atenção tem de se dedicar inteiramente ao problema da sobrevivência, e com a intenção de nada querer esquecer do sofrido nem admitir que jamais seja esquecido pelo mundo” pois nesse exercício, “a lembrança é para os sobreviventes o único dever auto-imposto, por mais dolorosa que essa lembrança possa ser” (WEINRICH, 2001, p.263).

Se a lembrança dos dias anteriores ao aprisionamento se misturam com a esperança dos dias vindouros que, num sonho quase impossível, seriam melhores, esse horizonte é esfacelado com o cotidiano permeado de terror que é imposto a cada habitante do *lager*. Weinrich (2001) apresenta esse dilema que permeia a vida não apenas de Levi, mas da maioria dos prisioneiros dos campos de concentração. Sonhar é isentar-se da realidade cruel, e isso poderia ser um ato imperdoável, pelas próprias regras que o *lager* apresentava, e também pela condição e posição que cada prisioneiro tomara. Sendo assim, Auschwitz aparece como uma cartografia distinta de tudo que aqueles condenados já haviam vivido, e outra dificuldade que se apresentava a eles era o fato de que, de uma forma ou de outra eles estavam sendo vigiados permanentemente, seja pelos guardas SS nas guaritas do campo de concentração, seja pelos próprios companheiros, haja vista que habitar o interior dos muros de Auschwitz criava uma nova ética e uma nova forma de rigores e leis entre os prisioneiros.

2.2.1 – Viver em Auschwitz – A cartografia do desespero

A equipe de atendimento era recrutada exclusivamente entre os próprios deportados. Os médicos escolhidos, em exame prévio, entre os que tivessem anunciado, ao entrar no Campo, que tinham diploma em medicina, dando-se prioridade aos que dominassem o alemão ou o polonês [...] Assim, enquanto os médicos geralmente demonstravam razoável competência e certo grau de civilidade, os auxiliares se distinguiam pela ignorância ou desprezo por qualquer norma higiênica, terapêutica e humanitária [...] Os doentes recebiam surras frequentes por faltas irrisórias; a distribuição dos alimentos não ocorria com regularidade; doentes que se tornassem culpados de faltas mais graves – por exemplo, furtar o pão de algum companheiro – eram punidos com a dispensa imediata do hospital e pronto regresso ao trabalho, com a prévia aplicação de chibatadas

nas costas (geralmente 25), ministradas com grande vigor com um tubo de pano revestido com borracha. (LEVI, 2015, p.35)

Essa breve descrição de Primo Levi, compilada no livro póstumo *Assim foi Auschwitz*⁴³, mostra bem a diferença de realidade entre o âmbito dos *sonderkommando*, retratado por Nyiszli, e o cotidiano dos prisioneiros “comuns”, categoria à qual está inserido o químico italiano. As regras, ministradas muitas vezes pelos próprios judeus, faziam parte de um conjunto de normas que circulavam dentro do campo. É importante ressaltar que, na maioria dos casos, esses judeus que se sobressaíam no quesito de liderança dentro de Auschwitz eram parte integrante do *Judenrat*⁴⁴, que, por sua vez, faziam valer sua força dentro do âmbito de convivência entre os judeus para que os seus próximos, a por vezes os que os subornavam, obtivessem vantagens perante os outros presos.

O campo de concentração funcionava com uma administração diferenciada, em termos de um dispositivo de vigilância, e nesse caso, o campo de Auschwitz, sua amplitude determinava uma imposição de normas ainda mais forte. Podemos dizer que Auschwitz tinha dimensões de uma cidade, e um governo próprio, similar ao de uma urbe. Não é de se admirar que Levi (1988), em muitas passagens de seus textos, nos faz perceber que a magnitude envolvendo essas normas e preceitos próprios fazia de Auschwitz um inferno ainda pior de se viver. Demorava-se para se habituar. Os mais velhos se aproveitavam dos “novatos” do campo, em quase todos os quesitos, fosse na dormida, na distribuição de alimentos, no vestuário (LEVI, 1988). As burlas eram comuns. Aprendia-se, com essa cartografia do campo, que certos manuais de sobrevivência, obtidos com as “surras” cotidianas e com a observação de como tudo funcionava, eram necessários e por vezes imprescindíveis no campo de concentração. Levi aciona, por muitas vezes, esses códigos de

⁴³ Obra póstuma que consiste numa compilação de textos de Primo Levi e Leonardo Benedetti, mostrando a funcionalidade do Campo de Auschwitz. Recolhe relatórios, depoimentos, críticas, cartas e outros textos escritos ao longo de quarenta anos. Nessa obra, Levi testemunha seu legado pessoal e literário a respeito da barbárie que acometeu a Europa durante os anos de domínio do Terceiro Reich.

⁴⁴ Numa tradução livre da língua alemã, significa “conselho judeu”. Era composto por membros da comunidade judaica – a priori nos guetos – e muitos deles estenderam esse papel para dentro do campo de concentração, onde, de uma forma por vezes corrupta, colaboravam com os comandantes nazi. Foram criados para gerenciar a segurança dos guetos, servindo até mesmo como uma espécie de “polícia judaica”. Mesmo muitas vezes sendo forçados a exercer tal posicionamento, muitos do que faziam parte deste corpo se aproveitavam de suas condições “privilegiadas” para extorquir outros judeus (CYTRYNOWICZ, 1990).

sobrevivência como fundamentais para sobreviver e manter uma relação, no mínimo, de respeito com os outros prisioneiros, pois esta era uma tarefa também difícil, tendo em vista a imensidão de pessoas que viviam ali, e conseqüentemente, essa mistura de identidades e mentalidades ocasionava confrontos.

Era preciso, com o passar do tempo, compreender as perícias que eram inerentes a essas práticas de sobrevivência, onde as burlas e os regulamentos alternativos alternavam-se em tarefas, muitas vezes, de difícil execução, e pairava até às tarefas mais simples do cotidiano, como a troca de pertences, que “embora [...] seja totalmente proibida [...] os chefes de bloco ponham a correr mercadores, clientes e curiosos, no canto nordeste do campo”, que por ser o lugar mais afastado dos holofotes da SS, “vagam ali, às dezenas, de lábios entreabertos [...] na absurda esperança de que apareça a pechincha de uma troca vantajosa com algum ingênuo que não esteja a par das cotações do dia” (LEVI, 1988, p. 113-114).

Essas cotações, ainda segundo Levi, eram o valor de troca que cada mercadoria obtinha de acordo com a variável do dia: se fosse um dia mais frio, um casaco ou um pedaço de pano para se aquecer valeria mais; se fosse um dia onde o trabalho exercido se mostrasse mais exaustivo que o comum, o pedaço de pão ou uma fração da gamela de sopa era de extrema valia, e poderia ser uma moeda de troca com muito potencial.

Um prisioneiro novato, ou desavisado dessas práticas, poderia perecer ou ser enganado com facilidade, assim como algum que poderia agir com avidez, sem pensar nas provisões futuras, e acabar por gastar todas as provisões adquiridas nessas trocas, tendo em vista que a pressão mental, e por muitas vezes a fome e o frio, poderia acabar por acarretar nessa prática desenfreada e com pouco raciocínio no tocante às trocas e outras formas de convivência cotidiana em Auschwitz (LEVI, 1988).

Outra prática recorrente, e por muitas vezes perigosa dentro da vivência de Levi em Auschwitz era o contrabando, que consistia na troca e no porte de artefatos proibidos aos prisioneiros do campo, como bens materiais, cigarros e bebidas alcoólicas. Geralmente, quem guiava essa prática dentro de Auschwitz eram os *sonderkommandos*, pois estes obtinham um acesso um pouco maior a esses materiais. Um detalhe sórdido dessa informação é a precaução que os guardas SS possuíam perante a iminência de um contrabando, pois estes se consideravam

“donos” de tudo que aqueles prisioneiros possuíam, chegando ao ponto de desejarem seus dentes de ouro:

Todos os tráficos até agora mencionados baseiam-se no contrabando de materiais pertencentes ao Campo. Por isso, os SS são tão rigorosos ao reprimi-los; até o ouro dos nossos dentes é propriedade deles, porque, arrancado dos maxilares dos vivos ou dos mortos, cedo ou tarde acabará nas suas mãos. É natural, portanto, que se empenhem para que o ouro não saia do campo (LEVI, 1988, p.121).

A ideia de que ouro não devia sair do campo conciliava com o ideal de posse que os SS impetravam, principalmente no corpo dos prisioneiros. Tudo ali pertencia a estes soldados, e por vezes a maldade era tamanha, que os guardas deixavam os roubos e os contrabandos acontecerem tranquilamente, para depois poderem espoliar ainda mais benefícios materiais após a morte daquele condenado (LEVI, 1988).

Levi, ao destacar essa nuance de convivência no campo, o coloca numa condição de “experiência biológica e social” (LEVI, 1988, p.127), onde nenhum homem mereceria ou deveria estar, e onde, mesmo que nenhuma experiência seja vazia, esta fora muito destrutiva para que algum homem saísse dali sem nenhuma ferida, seja ela física, sentimental ou cognitiva.

Para Levi, dentro daquele contexto de sobrevivência em Auschwitz, emerge uma teoria muito conhecida por aqueles que estudaram posteriormente o que foram os campos de concentração: um amálgama de seres, onde existe um antagonismo claro – os que se salvam e os que se afundam – e, concordando com Levi, podemos pensar que todos os outros mecanismos contrários, como bem e mal, inteligentes e torpes, entre outros, podem passar despercebidos, pois, dentro de Auschwitz, a sobrevivência era raridade, e aqueles que a alcançaram, merecem ser destacados dentro de qualquer análise sobre esta cartografia.

O *Homo Lager*, em suas infundáveis análises, aparece na obra de Levi como mais humano, e ao mesmo tempo mais bestializado, pois, na ótica do químico italiano, este ser despontava como alguém já sem vida, e que serviria apenas para desempenhar as tarefas do campo, e por fim morrer em algum fuzilamento ou nas câmaras de gás, e seu corpo seria cremado e jogado em grandes volutas cinzas no

céu. O que Levi não esperava era o fato de que, assim como muitos outros *Homo Lager*, ele sobreviveria, e teria que se recompor enquanto “homem comum”, com os sofrimentos inerentes ao cotidiano de um cidadão, que, por sorte, se reconstituiria a partir da libertação do campo.

A cartografia de Auschwitz destruiu fisicamente muitos homens e mulheres, tragando suas vidas e os transformando em um número que seria falado posteriormente por várias gerações. Mas também aniquilou psicologicamente aqueles que conseguiram sobreviver ao massacre: Estes nunca mais seriam os seres humanos que viviam suas vidas longe daqueles muros, antes da barbárie. O grande aparelho de morte construído em Auschwitz e em tantos outros campos de extermínio desinstruíram e barbarizaram inúmeros seres humanos, que depois desse episódio, desistiriam de entender como aquilo tudo se deu. Os que possuíram um pouco mais de sorte puderam contar suas histórias através dos relatos, que posteriormente serviriam como um rico arsenal para entender a mente daqueles que, mesmo destroçados, conseguiram contar suas histórias para as gerações seguintes.

3. CLASSIFICANDO TESTEMUNHOS, DISSECANDO TRAUMAS: O *HOMO LÄGER* QUE TRANSCENDE OS MUROS DE AUSCHWITZ.

Fomos capazes, nós sobreviventes, de compreender e de fazer compreender nossa experiência? Aquilo que comumente entendemos por “compreender” coincide com “simplificar”: sem uma profunda simplificação, o mundo ao nosso redor seria um emaranhado infinito e indefinido, que desafiaria nossa capacidade de nos orientar e decidir nossas ações. Em suma, somos obrigados a reduzir o cognoscível a um esquema: tendem a este objetivo os admiráveis instrumentos que construímos no curso da evolução e que são específicos do gênero humano, a linguagem e o pensamento conceitual. (LEVI, 2004, p,31)

O dever de fazer lembrar. O limite da memória enfática é tênue até a mesma se tornar uma memória traumática. Na escrita de Primo Levi, pode-se perceber que o autor do relato nos informa que, para além de uma rememoração, há a possibilidade do nunca esquecer. Levi reforça essa afirmativa a cada parágrafo em que se propõe a contar sua história, mostra nuances que às vezes fogem do âmbito de memória coletiva (do povo judeu) e passam a adotar uma perspectiva quase uniforme de memória individual, onde a organização das memórias se torna algo intencional, quando se trata de um relato que contém consigo um trauma vivido:

Admitamos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias. (HALBWACHS, 1990, p.53).

Sendo assim, poderíamos entender que Halbwachs (1990) entrega esse dever da memória ao indivíduo, e esse trabalho do rememorar, unindo-se ao de outros sujeitos, tornar-se-ia a memória coletiva de um povo. Mas estamos falando de

Auschwitz. Depois de Auschwitz, nada mais é sereno ou compreensível. O árduo dever de lembrar já traria aos nossos dois personagens, Levi e Nyiszli, as lembranças dos dias de terror vividos ali, e já não há antídoto para este sofrimento. A escrita torna-se, para além de um “exorcismo”, uma prática consoladora, mesmo que não aplaque a dor dos que por ali passaram.

Podemos enxergar que a escrita, para além de uma forma de testemunho, é também uma forma de resistência velada, onde os relatores buscam, ao escrever, passar para o papel todo o recalque⁴⁵ e o trauma que presenciaram fazendo com que essa dor seja compartilhada e contada de geração a geração. Essa busca incessante, que presenciamos principalmente em Miklós Nyiszli e Primo Levi, pretende construir uma temporalidade que se mostra além de Auschwitz, aparece como uma forma de tentar obliterar, no presente, o trauma vivido no passado.

Ao escreverem sobre seus dramas, sejam eles em um sótão, um trem, uma caserna ou à beira de uma vala comum, os sobreviventes buscaram representar o que acontecera, dentro de seus pontos de vista, realizando assim uma sugestão de prevenção a qualquer tipo de estudo ou de prática que negue que aquele massacre existiu. Esse exercício também busca alertar as gerações posteriores ao Holocausto sobre o que foi o Nazi/Fascismo, suas formas de ação e de reação, sua organização operacional quase perfeita que por pouco não destruiu a Europa e por consequência o mundo inteiro, liderado por homens que desconheciam o sentido de compaixão humana, de respeito ao próximo e de valorização à vida.

Analisando a ideia de Blanchot (2011) sobre o ato de escrever para fugir da morte, podemos perceber que esses dois autores aqui pesquisados buscaram, para além do testemunho e do relato, fugir da própria morte, que flertou tão de perto com ambos em Auschwitz. A escrita para eles se apresentava além do documentar, pode ser lida como algo transcendental, uma quase epifania. Por terem sido tão ameaçados continuamente com a ideia de morte, o ato de escrever pareceu ser para esses sujeitos também uma forma de evitar o fim físico, dada a voracidade em que ambos agiram, ao sair dos muros do campo de concentração e logo em seguida documentarem seus vividos.

Nos escritos dos dois sujeitos observados nessa pesquisa, podemos perceber

⁴⁵ O **recalque**, ou **repressão**, é um dos conceitos básicos da psicanálise e foi desenvolvido por Sigmund Freud. Segundo Freud (2004), o recalque é um mecanismo mental de defesa, criado por pessoas que não admitem a compatibilidade de ideias que não sejam suas.

que, dado o caráter falaz da memória, ambos buscaram com avidez documentar suas experiências no campo de concentração, mas com uma preocupação gritante de não negligenciar esses vividos, tão importante seria a mensagem deles para as gerações vindouras.

A violência e o terror vividos naquele tempo, trouxeram para os sobreviventes marcas indelévels de dor, de apagamento do ser e também “os traumas, não apenas os cerebrais; a interferência de outras recordações ‘concorrentes’; estados anormais da consciência; repressões; recalques.” (LEVI, 2004, p.19). Todo esse amálgama de consequências físicas e mentais ocasionou aos que conseguiram sair com vida da tragédia a chamada Síndrome do Sobrevivente⁴⁶. A culpa estava ali presente, mesmo que esses indivíduos não possuíssem nenhuma responsabilidade sobre o ocorrido.

A grande maioria dos sobreviventes do Holocausto preferiu o silêncio, pois, narrar aquele trauma era, de uma forma ou de outra, revivê-lo novamente.

Quero examinar aqui as recordações de experiências extremas, de ofensas sofridas ou infligidas. Neste caso atuam todos ou quase todos os fatores que podem obliterar ou deformar o registro mnemônico: a recordação de um trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evoca-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor. Quem feriu expulsa a recordação até as camadas profundas para dela se livrar, para atenuar seu sentimento de culpa. (LEVI, 2004, p.20).

Nesse fragmento da fala de Levi, podemos identificar uma analogia paradoxal entre a vítima e o opressor, onde ambos podem apresentar a culpabilidade por um trauma sofrido, mas, segundo o que lemos e estudamos em diversos relatos de sobreviventes⁴⁷, a dor é massivamente mais aterradora naquele que a sofreu, ficando velada apenas a resignação do carrasco.

⁴⁶ Termo utilizado na psicanálise e apropriado pelo sobrevivente Elie Wiesel, que descreve aqueles que sobreviveram a uma catástrofe e carregam em si a culpa de terem sobrevivido, em detrimento à morte de outras pessoas.

⁴⁷ A saber, algumas obras indispensáveis sobre a Literatura do Holocausto, como *A Noite*, de Elie Wiesel, *A grande viagem*, de Jorge Semprún, *O diário de Anne Frank*, *Shoah*, de Claude Lanzmann, *A espécie humana*, de Robert Antelme, dentre outros.

Nas leituras que realizamos até agora para a presente pesquisa, entendemos que não se pode, em nenhuma hipótese, aliar a dor de um soldado nazista que executou centenas ou milhares de pessoas àquela dos que presenciaram tal matança, embora possa existir dor também no opressor. O chamado “Vínculo de cumplicidade da Memória”⁴⁸ excluía e culpabilizava os executores, sem nenhuma anistia ou perdão para estes. A memória de quem sofreu com tal perseguição tornara-se, então, o ponto de partida para criminalizar esses carrascos e tentar fazê-los se tornarem, finalmente, culpados.

Essa perspectiva da memória enquanto um paradigma de existência é de alguma forma a batuta que rege os relatos dos sobreviventes do Holocausto. Mas aqui mora o “perigo” de uma análise historiográfica mais superficial: é-nos dada a obrigação de entender um escritor de testemunho com um olhar apaixonado, horrorizado, e até certo ponto de caráter religioso sobre o tema. Por esse motivo, há de se entender que as falas de Levi e Nyiszli são distintas, pois, como já debatido nessa pesquisa, os dois ocupavam lugares diferentes, o que sugere também locais de memória díspares. Podemos pensar tal proposição também para os carrascos, pois, além de possuir um local de memória diferente, também pertenciam a um universo narrativo completamente distinto daqueles que sofreram os traumas⁴⁹.

O ponto de partida dessa afirmativa se dá, primordialmente, pelo próprio trajeto de escrita dos autores aqui analisados. Nyiszli nos deixou apenas uma obra, justamente a estudada nessa pesquisa. Sua escrita sugere, primordialmente, um “pedido de desculpas” ao povo judeu, onde o médico narra suas experiências sempre tomando cuidado com os termos utilizados, deslizando às vezes, mas com uma minúcia perspicaz quando descreve seus papéis dentro de Auschwitz, trazendo na sua escrita uma possível busca por absolvição, execrando assim seu lugar de cúmplice, que era concomitante com o de vítima.

Primo Levi se distingue de Nyiszli, entre outros aspectos, justamente na questão da escrita em si: deixou várias obras escritas de testemunhos do Holocausto, principalmente *É isto um homem?*, analisada nessa pesquisa. Levi, ao

⁴⁸ Nome dado por Primo Levi à memória daqueles que sobreviveram aos campos, memória essa atrelada aos momentos mais mórbidos e assombrosos que os olhos foram capazes de presenciar. Termo cunhado na sua obra *Os afogados e os sobreviventes* (2004).

⁴⁹ A figuração de memória presente nessas narrativas apresenta-se numa perspectiva diferente da estudada nessa pesquisa, pois ressalta o sentimento de culpa e arrependimento daqueles que agiram primordialmente como carrascos dentro do espectro dos campos de concentração, como pode ser percebido nas Literaturas *Capesius, o farmacêutico de Auschwitz* (Dieter Schlesak) e *As mulheres do nazismo* (Wendy Lower).

contrário de Nyiszli, expõe uma espécie de “raiva” dos nazistas na trajetória de escrita dessa obra supracitada, realizando um tipo de “exorcismo” de tudo que vivera naqueles tristes anos.

Para além deste viés, um ponto que chama atenção é a mutação de perspectiva na escrita de Levi. *É isto um homem?* é escrita, originalmente, em 1947, com as memórias e os ressentimentos ainda pululando à flor da pele do escritor, soprando com vigor toda a raiva e rancor que, ao que tudo indica, ainda possuía de seus algozes. Para fins comparativos, a obra de 1986, chamada *Os afogados e os sobreviventes*, traz um Levi mais sóbrio, menos embriagado com a voracidade de escrever, e confirmando que 39 anos depois as feridas pareciam ter se fechado um pouco, pois nesse mesmo livro o autor fala de uma espécie de “perdão” aos seus algozes, tendo em vistas que estes, por terem sido coadunados à realização do Holocausto, também teriam sofrido Traumas (LEVI, 2004, p.20).

Nesse interim, podemos elencar a escrita de Miklós Nyiszli também como uma denúncia, pois como fora supracitado, o médico se colocava na categoria de cúmplice, mas também era vítima. Sua escrita muito mais descritiva serviu, também, de documentação dos crimes nazistas, apontando a execução minuciosa dos planos de utilização de cobaias humanas, sujeitos da própria espécie para experimentos com fins macabros.

Dentro dessa perspectiva, pode se perguntar afinal qual teria sido a finalidade de Nyiszli ao escrever? Documentar os horrores nazistas, ou pedir desculpas e tentar ser absolvido de suas práticas dentro de Auschwitz? E Primo Levi, através de sua escrita, realmente exorcizou todos os “demônios” que carregava consigo depois do inferno de Auschwitz?

3.1 – Miklós Nyiszli: Uma vítima “ambígua”?⁵⁰

A pergunta que encerra o parágrafo anterior é, para além de uma indagação, uma provocação. Miklós Nyiszli aparece dentro do rol da Literatura de Trauma como

⁵⁰ Termo extraído do artigo “The ambiguous victim: Miklós Nyiszli’s narrative of medical experimentation in Auschwitz-Birkenau”, escrito por Marius Turda (2014). Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4374105/>>. Acesso em 28/10/2018.

uma figura ambivalente, revezando-se entre um vulto de resistência e uma sombra de dubiedades. De acordo com Turda (2014), pelo fato de ocupar esse lugar incomum, Nyiszli e sua obra merecem uma atenção acadêmica redobrada, pois o mesmo não se utilizou de sua memória para nenhum outro fim, a não ser escrevê-la e documentá-la, e acabou não se tornando “um desses sobreviventes capazes de proteger o uso público de sua experiência em Auschwitz através de entrevistas repetidas e participação na História Oral” (Turda, 2014).

O papel de *sonderkommando* atribuído a Nyiszli acabou por lhe conferir certa segregação entre aqueles que buscam estudar, compreender ou mesmo saber sobre a experiência judaica nos campos de concentração. Turda (2014) nos revela que o médico fora deixado de fora de uma importante literatura sobre o Holocausto, a saber, *Holocaust Literature: An Encyclopedia of Writers and Their Work*⁵¹, editado por S. Lillian Kramer em 2002. Essa enciclopédia reúne nomes que publicaram relatos, diários, cartas, memórias e outros discursos nos anos que viveram no campo de concentração.

Nesse ponto de vista, podemos entender, assim como Le Goff (1990), que a escrita de Nyiszli, nessa perspectiva, não fo/ra utilizada com o propósito de monumento, tendo em vista que não fora legado ao seu escrito uma importância crucial como herança do passado, mas sim lhe fora deixado como um documento, para seleção posterior de pesquisadores e/ou historiadores. O documento forjado por Miklós Nyiszli não servira, para o arrolamento de discursos e depoimentos da época imediata após o Holocausto, como fonte fundamental e elementar.

Nyiszli, então, seria considerado culpado pela própria comunidade judaica por ter se “voluntariado” a ajudar os médicos nazistas. De certa forma, podemos perceber que o médico judeu pode ser considerado traidor por uma parcela, ou um mero sobrevivente comum por outra. Assim, Nyiszli aparece como um sobrevivente muito mais complexo de ser analisado, com várias formas de pontos de vista, onde seu legado (a obra estudada nessa pesquisa) sobre o Holocausto pode se inserir, também, num rol de Literaturas do Trauma e Testemunho.

Dentro dessa perspectiva, de qual forma Nyiszli narrou sua experiência? Do ponto de vista de Primo Levi (2004), Nyiszli escreve como narrador de memórias, abstendo-se assim do papel político de testemunho, mas, de qualquer forma,

⁵¹ Numa tradução aproximada, “ *Holocausto: uma enciclopédia de escritores e seu trabalho*”, obra inédita no Brasil

mergulhando no paradoxo de ter sido cúmplice e vítima ao mesmo tempo. Sendo assim, a escrita de Nyiszli pode ser enxergada como uma narrativa que aprazia muito mais ao campo da medicina que ao campo da memória e do testemunho.

Segundo Levi (2004) os *sonderkommandos*, grupo ao qual pertencia Nyiszli, estavam dentro da chamada “zona cinzenta”:

A zona cinzenta da *protekcja* e da colaboração nasce de múltiplas raízes. Em primeiro lugar, a área do poder, quanto mais estreita, tanto mais precisa de auxiliares externos; o nazismo dos últimos anos não podia prescindir deles, resolvido como estava a manter sua ordem no interior da Europa subjugada e a alimentar as frentes de guerra debilitadas pela resistência militar crescente dos adversários. Era indispensável buscar nos países ocupados não só mão-de-obra mas também forças da ordem, delegados e administradores do poder alemão, então empenhados em outros lugares até o ponto da exaustão. Nesta área devem ser catalogados, com nuances diferentes de peso e qualidade, Quisling na Noruega, o governo de Vichy na França, o *Judenrat* de Varsóvia, a República de Salò, bem como os mercenários ucranianos e bálticos empregados em toda parte nas tarefas mais sujas (jamais em combates), e os *sonderkommandos*, dos quais deveremos falar. (LEVI, 2004, p.36).

A zona cinzenta seria, segundo a definição de Levi, um estado de ser no campo de concentração onde os oprimidos se aliavam aos opressores em busca de benefícios próprios, não levando em consideração o sofrimento que seria causado a terceiros. Se o campo era dividido entre “nós e eles”, os sujeitos inseridos nessa definição fariam uma espécie de interseção entre os dois grupos. Classificando assim, Levi nos permite olhar Nyiszli com um pouco mais de cautela, principalmente no seu lugar de escrita.

A colaboração judaica durante o Holocausto não teve início com os *sonderkommandos* de Auschwitz. Como citado no fragmento acima, outros grupos minoritários de judeus também foram “escalados” para tornar o trabalho nazista nos países ocupados um tanto menos complicado. Com destaque dos elencados, podemos citar o *Judenrat*. Esse era o nome do conselho judeu no Gueto de Varsóvia, na Polônia, que possuía a missão de “colocar ordem” nas vivências diárias dos judeus dentro do Gueto, sendo assim recompensados com algumas regalias, como alimentos, vestes melhores, bebidas alcólicas, cigarros, além de benefícios para suas famílias e aqueles que estes indicavam. (REES, 2018).

Mal sabiam eles, que assim como os *sonderkommandos*, seriam

“substituídos” em períodos sazonais, dando assim lugar a outros que, na ilusão de um bem maior para si e sua família, se encaixavam na engrenagem nazi. Estes indivíduos foram “julgados” pela História com maus olhos, taxados de traidores, entre outros adjetivos. Nyiszli poderia ser apontado, devido ao seu comportamento “colaboracionista”, traidor assim como os membros do *Judenrat*?

Segundo a prerrogativa de Primo Levi (2004), Nyiszli e todos os outros *sonderkommando* se eximem dessa culpa, pois não projetavam, com o trabalho realizado dentro dos campos de concentração, melhorias sociais para suas vidas, como acontecia no *Judenrat*. A questão era puramente de sobrevivência, um pedaço de pão a mais, um local melhor para dormir, entre outros fatores que prorrogavam a vida e lhes davam mais forças para tragar aquele cotidiano nefasto. Esses sobreviventes foram posteriormente acusados de negligenciarem suas vivências no campo, “nenhum deles, após a libertação, falou de bom grado, e nenhum fala de bom grado de sua terrível condição” (LEVI, 2004, p.43). O silenciamento sugere, portanto, o sentimento de “vergonha” que esses sujeitos conduziam consigo por terem assumido tal posição/condição durante suas estadias nos campos de concentração.

No caso específico de Nyiszli, esse papel que lhe fora atribuído acabou por desumanizá-lo perante a catástrofe, num processo de desinstrução que, segundo Levi (2004), seria uma prerrogativa dos próprios nazistas para buscar uma equiparação dos *sonderkommandos* com a desumanidade deles:

Nyiszli, assim, narra ter assistido, durante uma pausa de “trabalho”, a uma partida de futebol entre SS e SK (*sonderkommando*) [...] Nada semelhante jamais aconteceu, nem seria concebível, com outras categorias de prisioneiros; mas com eles, os “corvos” do forno crematório, os SS podiam entrar em campo, em igualdade ou quase. Por trás desse armistício se lê um riso satânico: está consumado, conseguimos, vocês não são mais a outra raça, a anti-raça, o inimigo primeiro do Reich milenar: vocês não são mais o povo que refuta os ídolos. Nós os abraçamos, corrompemos, arrastamos para o fundo conosco. Vocês são como nós. Também vocês, como nós, e como Caim, matarão o irmão. Venham, podemos jogar juntos. (LEVI, 2004, p.47)

Assim Levi narra a “absorção” de *sonderkommandos* como Nyiszli para dentro do maquinário, ao menos psicológico, dos nazistas. A forma com a qual Levi descreve essa passagem de Nyiszli é, no mínimo, sarcástica, pois o autor retira qualquer resquício de resistência dos judeus, que chama de “corvos”, e atribui-lhes a famigerada corrupção perante os benefícios nazi.

Miklós Nyiszli, apontado por Levi e por outros sobreviventes do Holocausto como “passivo demais” perante as investidas do alto escalão nazista, sucumbe na narrativa como um impropério lançado contra si próprio, como uma sombra que não reagiu perante a destruição de seu povo, como um ignóbil ser ludibriado por uma tola pretensão de poder. Mas, da perspectiva da Literatura de Trauma, Miklós Nyiszli realmente assumiu esse papel, considerando o que deixou documentado?

De acordo com Winter (2006), somente o fato de atentar para o que estes sobreviventes nos dizem já caracteriza uma Literatura de Testemunho, pois “algumas de suas mensagens reforçaram a política de identidade, em particular a continuidade da luta contra o antissemitismo e a negação do Holocausto”, pois, segundo o mesmo, “em outros aspectos, o nascimento das testemunhas foi a recuperação de vozes que sempre estiveram lá” (WINTER, 2006, p. 74).

Essas vozes, representadas e emergidas por meio da Literatura, trazem consigo o testemunho, por vezes singular, daqueles que ultrapassaram as portas de Auschwitz ainda com vida. No caso de Miklós Nyiszli, mas também no caso de Primo Levi, essa narrativa deu voz e creditou a estes homens seu depoimento perante quem quisesse os ouvir na posteridade. Os seus relatos trouxeram para eles próprios a quebra: a linguagem rompe os lacres do indizível, preenchendo assim as lacunas que foram impostas a estes enquanto viveram no inferno do campo de concentração (SELIGMANN-SILVA, 2003)

3.1.2 – A escrita do Médico *Sonderkommando* para a Literatura de Trauma

Michael Pollak (1989), quando se remete às lembranças dos deportados e expatriados durante a Segunda Guerra Mundial, nos aponta que o silêncio predomina na vivência daqueles que perpassaram por um trauma tão profundo

como foram os campos de concentração nazi. Esse silêncio partia não apenas dos sobreviventes, mas também dos que foram perpassados a conviver com estes após a catástrofe, pois “em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?” (POLLAK, 1989, p.4). Mas Nyiszli não se absteve de contar seus segredos atrás dos muros de Auschwitz. Ao lermos o seu testemunho não encontramos explicitamente o motivo primordial que o encorajou a tecer o escrito. Todavia, as análises que temos feito no decorrer desta pesquisa permite-nos considerar que sua escrita teve pelo menos o mérito de documentação para posteridade, já que sua narrativa descritiva serviria também como parte de uma denúncia, ainda que, enfatizando uma prática médica.

Nessa perspectiva, podemos destacar que Seligmann-Silva (2003) assegura que a Literatura de Trauma, por ter sua correlação com o indizível e com o não-dito, traz a tona outra face da literatura, até então pouco explorada: O testemunho escrito, documentado, e quase sacralizado de sobreviventes de um dos maiores massacres da história da humanidade, justamente por lugares como Auschwitz se encontrarem fora daquilo que dantes era narrado nas obras literárias, e a partir dessa prerrogativa ressignificarem todo e qualquer tipo de representação dentro da literatura. Narrar o inarrável; transpor o intransponível (SELIGMANN-SILVA, 2003).

Dentro desse pensamento, podemos admitir aqui que Miklós Nyiszli, no interior da prerrogativa de seu escrito, mesmo sem, explicitamente, ter quaisquer pretensões políticas ou filosóficas, construiu dentro do amálgama de relatos sobre o Holocausto uma efígie singular, a imagem do “ajudante” que relegou a própria existência na esperança de dias a mais no cerne de sua vivência, mesmo que isso custe sua consciência e pese sobre seus ombros no decorrer do seu cotidiano.

Os vexames, as penas e os horrores dos crematórios e das fogueiras, os oito meses passados no *kommando* dos mortos-vivos diminuíram em mim o sentimento do bem e do mal. Sinto que seria necessário descansar, recuperar forças. Mas pergunto-me se isso teria sentido [...] no meu quarto não encontro meu lugar. Vou e venho sem objetivo entre paredes mudas. Meu passado está carregado de recordações sangrentas e de tristezas profundas enquanto que o futuro me parece sombrio. Como se fora meu próprio fantasma, erro, inquieto nas ruas antes familiares. Não me sinto sacudido de minha profunda letargia senão quando me parece encontrar os meus entre os passantes. (NYISZLI, 1960, p.271-273).

Ao ser perpassado pelo trauma de estar num campo de concentração, junto ao sentimento de ter auxiliado aquela maquinaria terrível, Nyiszli supõe que seu destino seria, a partir dali, sombrio e sem nenhuma motivação para continuar ou se sentir vivo. Na vivência de Nyiszli, isso só toma rumo diferente quando este descobre que sua filha e sua esposa não sucumbiram às câmaras de gás, mas retornaram para casa, o que aplacaria um pouco sua angústia:

A campainha soa e logo depois a porta se abre. Minha mulher e minha filha entram. Foram libertadas do famoso campo de extermínio de Bergen-Belsen e é daí que voltam com boa saúde. Não puderam contar mais do que isso; depois não cessaram de soluçar durante horas. Não tentei deter suas lágrimas. Tanto sofrimento, tantas penas reprimidas não podiam ser contidas mais tempo. Compreendíamo-nos sem nada nos dizer, e o que sentíamos não se podia dizer com palavras. (NYISZLI, 1960, p.273).

Nessa trajetória de Nyiszli após Auschwitz, enxergam-se duas faces suas: a do marido e pai, que é felicitado com a notícia do regresso de suas amadas para casa, e a face do médico frustrado, que vira a pior faceta que sua profissão pudera aplicar, trazendo assim transtorno e desencantamento. O ato de Nyiszli não reconhecer mais a si próprio e a seus passos enquanto ser vivente está diretamente atrelado ao fato de que o *homo läger*, que vivera os dias de inferno em Auschwitz, fora carregado para fora de seus muros, transpondo assim a barreira de sua experiência.

De acordo com Lessa (2009), estes escombros permeiam o interior daquele que sobreviveu aos campos e fora catapultado para fora dele, tornando-se assim um **espectro eterno** do ser que fora antes. É como imaginar-se “um experimento no qual o fundo de cada um, mais do que destruído, é tornado inacessível”, onde “o *homo läger* já não dispõe dos meios linguísticos e simbólicos capazes de garantir o acesso ao que natural cria ser a sede de seu sujeito”, que por sua vez, em uma perspectiva nada otimista quanto a estes “o *homo läger* é possuidor da prerrogativa do maior esclarecimento possível: já não há mais fundo, já não há fundamento”. (LESSA, 2009, p.87).

É aqui que surge o Miklós Nyisli estupefato, emudecido perante o choro de suas entes queridas: A vontade de chorar junto, talvez gritar, fora suprimida junto

com seus sentimentos. Nyiszli deixou uma parte enorme de seu interior dentro dos muros e dos barracões de Auschwitz. Não existia mais profundidade naquele ser, e por conseguinte em nenhum dos que voltaram de Auschwitz: os “Afogados e sobreviventes” de Primo Levi talvez fossem os mesmos personagens, aqueles que sobreviveram, num sentido empírico, mas foram submergidos pela máquina de destruição nazista.

Nyiszli alcançou, então uma experiência de trabalho exaustivo, guardadas as proporções, quiçá mais extenuante que sobreviver a Auschwitz: viver após Auschwitz. Na ótica de Kupferberg (2009), este esforço seria algo mais que apenas existir, consistia em carregar fardos e **fardos de memória** durante o resto da existência, habituar-se em trazer na memória tais fatos:

Portanto, sobreviver ao trauma nunca é uma tarefa simples, não significando apenas escapar da morte. A questão imposta aos sobreviventes da Schoá foi a de como sobreviver conservando a dignidade, a ética e a moral de um ser humano num meio em que antes de matarem suas vítimas, os nazistas faziam o possível para demonstrarem o mal que representavam. Como construir uma narrativa, um passado que escapou àquele que o vivenciou, um domínio sobre a real causa do trauma, quando nos *Ghettos* e nos *Lagers* o sujeito se viu reduzido à condição de coisa (*Stück*). (KUPFERBERG, 2009, p.111).

Estes que sobrevivem, acabam por se “afundar” no sentido real da angústia, onde até cada tarefa trivial do cotidiano torna-se um desafio hercúleo. Aquelas nefastas lembranças iriam permear, até o fim da existência de Nyiszli, seus pensamentos e ações, uma vez que este fora mergulhado no mais profundo sentimento de estranheza para consigo próprio. Podemos observar na narrativa de Nyiszli uma espécie de interlocutor de si próprio, tendo em vista que a catástrofe, aparecendo como um paradigma, quebra a imagem de si e vai além da barreira do ser e do existir, parecendo ter transformado assim o ser pensante em um mero reproduzidor do vivido traumático que presenciou.

Ao voltar pra casa, Nyiszli não se encontra mais. O espelho o renega, sua voz lhe é estranha, sua face é insólita. O homem não existe mais. Dá lugar ao fantasma de um ser.

O “sinistro erro de uma massa fanatizada” (NYISZLI, 1960, p.9) trouxe consigo

esses homens, essas espécies que, ao adentrarem no “mundo” do campo de concentração, deixaram ali seu espírito. O horror contido nessa grandiosa manobra de coisificação e desinstrução do humano é incalculável, e talvez inimaginável para quem não o vivenciou. A representação contida nessas Literaturas, que foram narradas ao mundo pelas mãos de quem sofreu com tamanhos crimes, é o único elo que nós, pós contemporâneos da era dos massacres, temos para lembrar e tentar entender, ou ao menos tomar conhecimento daquelas eras tristes onde se passaram estes episódios.

O texto de Nyiszli é, portanto, um texto que se deve conhecer. Consiste numa rica experiência sobre a medicina direcionada ao louco plano dos nazistas de melhoramento da “raça”. Mas o texto vai além disso. Descreve um homem que, ao obter um posicionamento “destacado” de seus pares, convive com a ambivalente luta por sobrevivência, ao mesmo ponto que tenta extinguir sua culpa perante suas ações dentro de Auschwitz. Nyiszli não possuía nenhuma condição de denunciar o que ocorria ali dentro; lhe custaria a vida, ou a vida de sua família. A pesquisa sobre Nyiszli aqui engendrada, entretanto, termina por verificar o médico *sonderkommando* em seu lado humano de escritor, que deixa o legado de uma experiência, assombrado pela coisificação perante os anos catastróficos de seu encarceramento em Auschwitz.

Após sua libertação, Nyiszli voltou para Oradea, na Romênia, e abriu seu consultório particular em 1946, mesmo ano que escreveu seu livro de memórias. Um ano depois, voluntariou-se para depor em Nuremberg no chamado “Processo contra os médicos”⁵², onde seu testemunho não foi visto como um discurso importante, sendo assim quase nulo para este processo. Em 1948 foi obrigado a fechar seu consultório por problemas particulares. Veio a falecer em 1956, em decorrência de um ataque cardíaco, onze anos depois de ter sido libertado de Auschwitz (TURDA, 2014).

Para os moldes historiográficos da contemporaneidade, parece até absurda a ideia de que o depoimento de um homem que “serviu” aos nazistas em Auschwitz seja considerado obsoleto, sem motivo, sem razão e sem valor. Mas é necessário

⁵² Foi o primeiro dos 12 julgamentos por crimes de guerra que as autoridades dos Estados Unidos realizaram na zona ocupada de Nuremberg, Alemanha, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Estes julgamentos foram organizados pelas cortes estadunidenses e aconteceram no Palácio da Justiça de Nuremberg. Vinte dos 23 acusados eram médicos e acusados de se envolver em experimentos humanos nazistas. (GUTMAN, 1995)

entender que, para o discurso da época, o testemunho de Nyiszli era mal visto, tanto pela ótica política quanto pela ótica das imposições feitas pelos países vencedores da Segunda Guerra, pois, a narrativa de Nyiszli poderia sugerir um grande amálgama de subjetividades perante os discursos que se construía sobre o Holocausto no pós-guerra.

De acordo com Finkelstein (2001) esses discursos eram filtrados e selecionados com um propósito: fazer valer o apelo, principalmente dos Judeus americanos (na sua maioria os que não sofreram nos campos de concentração), para tornar o Holocausto um mercado de vendas. Sendo assim, o depoimento de um médico Judeu que auxiliara Josef Mengele em suas experiências macabras não soaria de bom grado para a experiência discursiva e emocional da época.

Como escreve sua experiência antes da abordagem voluntária pelo seu depoimento no tribunal de Nuremberg, talvez a negativa desse tribunal em levar em conta seu depoimento fora um fator crucial para que o médico *sonderkommando* não escrevesse mais, talvez pelo descontentamento de não ter sido ouvido, e pela desmotivação de ser enxergado com tamanho estigma.

O lugar de Nyiszli fora defasado não apenas no âmbito de seu papel como testemunha, mas também no cotidiano, na sua vivência social. Antes um médico respeitado e conceituado, voltou apenas como uma sombra de si. Mesmo sua educação pela desinstrução nos barracões de Auschwitz, esse legado não lhe fora deixado: Talvez tenha permanecido dentro dos muros de Auschwitz, junto com suas sensibilidades.

3.2 – Primo Levi: A voz de Auschwitz para as gerações futuras?

Já se passou muito tempo desde o fim dos Campos de concentração nazistas. Foram anos repletos de acontecimentos para o mundo, e para nós, os sobreviventes, de esclarecimento e decantação. Assim, hoje temos condições de dizer coisas que, no momento em que fomos libertados, ofuscados, por assim dizer, pela vida reconquistada, não teríamos dito com clareza. Em nós e em todos, as reações imediatas, o desdém, a piedade, o assombro incrédulo, deram lugar a uma disposição mais ampla, mais aberta. Nossas trajetórias individuais, que eram crônicas agitadas, estão em vias de se tornar história. (LEVI, 2015, p. 85).

Auschwitz. Janeiro de 1945. O prisioneiro 174.517, Primo Levi, acorda naquela manhã com uma sensação diferente dos outros dias. A aurora surgia com um frescor fugaz, como se quisesse anunciar algo. Os becos e passagens entre os blocos do Campo de concentração, enlameados e ao mesmo tempo embranquecidos pela neve apontavam uma novidade, um suspiro de vida. Os passos trôpegos de Levi, juntos ao ruído desengonçado de seus sapatos (ou o que restava deles), vão se aproximando das guaritas onde os soldados da SS sempre estiveram impávidos, portando suas metralhadoras e seus uniformes imponentes. Mas não naquela manhã. Os tão temidos nazistas haviam fugido, abandonado a obra prima de seu projeto de destruição. Levi percebe que, desde o dia em que chegou a Auschwitz, “estava livre, sem guardas armados, sem que arames farpados me separassem de minha casa” (LEVI, 1988, p.246).

Nos dias que se passaram até a chegada dos Russos, que “libertariam” o campo de concentração, Levi finalmente percebeu, de forma mais ampla, a carnificina que aquele lugar se tornara, mesmo sem mais nenhuma execução sumária: as doenças e a fome tiraram a vida de quase todos aqueles infelizes sujeitos que sobreviveram aos fornos crematórios, mas não sobreviveram ao massacre em relação ao processo de sua totalidade, seu plano amplo. Aqueles que sucumbiram, segundo Levi (2004), deveriam ser carregados na memória de outros que, ao terem emergido perante a catástrofe, possuíam a incumbência de fazer lembrar-se dos que não tinham mais voz.

Quando Levi, ao assistir o descortinar de Auschwitz, como um espectador incólume e ao mesmo tempo um personagem ativo daquela obra macabra, percebe que quase ninguém acreditaria no que seus olhos viram naquele local, acaba por ter um *insight* de que a escrita o salvaria. O ato de transcrever seus sofrimentos para o papel lhe daria uma razão para continuar a viver em um mundo que deixara de acreditar desde que cruzou o portão com as enormes letras entalhadas em ferro, as quais diziam: “*Arbeit macht frei*”⁵³.

Ao remeter-se à escrita de Primo Levi, e de outros sobreviventes do Holocausto, Weinrich (2001) pontua:

⁵³ Numa tradução livre, “O trabalho liberta”. Frase escrita no portão de entrada de Auschwitz, que, depois de descoberto todo o inferno que se passou naquele lugar, pode ser entendida como um escárnio dos nazistas para ou os prisioneiros, ou uma tentativa de enganá-los e ludibriá-los que sairiam dali com vida.

Nessa luta pela sobrevivência o prisioneiro tem de ser econômico até com sua memória. Já é horrível o bastante que de noite as lembranças de um mundo melhor povoem seus sonhos. Pelo menos de dia sua atenção tem de se dedicar inteiramente ao problema da sobrevivência, e com a intenção de nada esquecer do sofrido nem admitir que jamais seja esquecido pelo mundo. Lembrança é para os sobreviventes o único dever auto-imposto, por mais dolorosa que essa lembrança possa ser (WEINRICH, 2001, p.262).

O dever de escrever após Auschwitz seria, então, um caminho tortuoso e enigmático para aqueles que se propuseram a segui-lo. “Economizar” a memória seria um aprendizado de preservar-se da rememoração da catástrofe. Mas era preciso escrever.

Esse caminho foi trilhado por Levi desde sua libertação. O químico faz então o exercício tão doloroso do exorcismo perante a escrita. Escrever para esquecer, para relembrar, para denunciar, ou simplesmente por que não havia mais outra forma de expulsar esses demônios?

Giorgio Agamben (2008) nos remete a pensar Auschwitz como um paradigma, como uma quebra em todo o sistema de escrita de testemunho. Para ele, “é exatamente o lugar em que o estado de exceção coincide, de maneira perfeita, com a regra, e a situação extrema converte-se no próprio paradigma do cotidiano” (AGAMBEN, 2008, p. 57). Auschwitz seria então o macabro aporte para que Levi e outros testemunhos do Holocausto, apavorados com o terror que aquele lugar proporcionara, expusessem seus depoimentos para serem catalogados e postos à disposição da posteridade. O ato de atravessar esse umbral da memória, que os obrigava a revisitar o horror, era necessário.

Levi, por sua vez, nas narrativas de trauma que acompanham seus testemunhos, assume esse papel de testemunha ativa, onde seu depoimento ajudaria a entender o campo de concentração como um universo execrável e impiedoso, onde as vítimas eram sugadas de uma forma total, e aquele espectro que fora cuspidado para fora dos muros de Auschwitz, apenas teria como dever contar ao mundo o que se passava dentro dos blocos e corredores daquele lugar. O homem que sai de Auschwitz é o *homo läger*, e carregaria aquela nova espécie entranhada em sua sensibilidade enquanto existisse. Mesmo com o fim da guerra, a aura de desinstrução e desumanização estava ali imposta, devido ao processo que

estes passaram antes e durante a estadia nos campos.

De fato, era quase impossível sair de lá ileso, seja de forma física ou emocional. Passar pela tempestade não significava vencê-la, mas acostumar-se a lidar com uma nova vida, cheia de angústias e más recordações:

A julgar pelas narrativas feitas por muitos sobreviventes e pelas minhas próprias recordações, o pessimista Leopardi, nesta sua representação, foi além da verdade: malgrado ele mesmo, demonstrou-se otimista. Na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi nem alegre nem despreocupada: soava em geral num contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento. Naquele momento, quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida; da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas, muitas vezes só. Não “prazer, filho da aflição”: aflição, filha da aflição. Sair do tormento foi um prazer somente para uns poucos afortunados, ou somente por poucos instantes, ou para almas simples; quase sempre coincidiu com uma fase de angústia (LEVI, 2004, p.61).

Entrementes, podemos aliar a fala de Levi com a de Agamben: Auschwitz se mostrava mesmo como um paradigma, e para irmos além, um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a alegria da libertação deveria brotar no coração destes homens, a angústia de um recomeço os transpassava. Levi sentiu essa angústia, assim como Nyzsli, mas, de uma forma ou de outra, o dever da memória e do testemunho se mostrou mais forte para ele nessa jornada.

A farpa de interseção na fala de Primo Levi é o que podemos chamar de política de reconhecimento, pois seu lugar de fala, ou de discurso, está totalmente entranhado com sua vivência cotidiana dentro de Auschwitz. De acordo com Foucault (2014), todo emanar discursivo, em algumas veemências, tem como objetivo obter o autopoder de conter-se, selecionar-se, aparelhar-se e ser reclassificado através de alguns artifícios que tem como prerrogativa “dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (FOUCAULT, 2014, p.09).

Foucault, ao explicar-nos desta forma a ordem do discurso, faz uma alegoria despontada pelo ato de que, a escrita por si só, dentro de um âmbito discursivo,

promove seu próprio controle e sua própria circulação. Esta máxima é vista demasiadamente dentro das escritas de Levi e Nyiszli, onde esses autores, mesmo sem tomar conhecimento deste fator, se interconectam, provocando zonas de interseção e criando ligações em suas falas. Esta afinidade se torna aparente por viés de determinadas formas de narrativa, por meio de apreensões que se refletem sucessivamente. Para além disto, nos esbarramos também com um discurso que visa proporcionar uma coisa expressiva, que é o silêncio. O silêncio não é apenas mero acessório da linguagem, pois tem um valor conveniente (FOUCAULT, 2014).

Tendo em vista que Primo Levi usa destas práticas discursivas para engendrar sua escrita, podemos perceber que, no que concerne à questão de seu testemunho, o químico Italiano deu início à sua escrita ainda quando estava com a memória “efervescente” pelos atos e terrores vividos Em Auschwitz. Diferentemente de Nyiszli, Levi não possuía nenhuma “desculpa” a dar para seus pares. A escrita seria realmente o “exorcismo” dos maus pensamentos que ainda persistiam em fluir dentro de sua mente.

Para Seligmann-Silva (2008), Levi aparece como um prisioneiro, mesmo que liberto. Sua condição de encarceramento agora era uma questão psicológica, onde “a narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar esse muro” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.66). A mesma arte de narrar apareceria também como uma ponte, um elo que traria Levi de volta ao mundo dos viventes, sendo esculpida com cada ponto de suas memórias, lembranças e rememorações.

Levi, com sua pretensa obra inaugural já em vias de ser escrita, optou por relembrar detalhes sórdidos dos dias no *läger*, mas também buscou humanizar aqueles indivíduos, mesmo que o título de sua primeira escrita pós-traumática fizesse a pergunta se aqueles seres, jogados ao esmo e ao terror, seriam mesmo homens, ou apenas espectros do que já foram um dia. Sua narrativa buscava alicerçar e traçar um molde para aqueles arquétipos humanos. Buscava também dar nomes a alguns, pelo menos aos que as suas memórias permitiam alcançar.⁵⁴

Assim como Albuquerque Júnior (2008) levanta a hipótese de que os “corpos ameaçados de ruína parecem só se organizarem, voltarem a ser organismos,

⁵⁴ No decorrer da obra, Levi nomeia alguns personagens do campo de concentração e cita sua ligação com estes. Alguns exemplos são: Hurbinek, o menino que não falava (talvez esta criança abranja todo sentido figurativo do *läger*, relacionada ao silêncio), Charles, seu parceiro de exploração do campo perto do fim de sua estadia em Auschwitz e Sómogyi, o companheiro de desgraça que falece assim que o campo é libertado, fazendo com que seu fim seja muito mais trágico e melancólico.

abandonarem a condição de fuga [...] ao serem submetidos a disciplina de escrever” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p.483), podemos entender também que a escrita de Levi alçara essa característica: a escrita lhe apresentara uma alternativa ao trauma, o fim de uma fuga de si, onde o escritor encontrar-se-ia consigo num encarar de fatos que, a partir da prerrogativa da escrita, este não poderia mais fugir.

O lugar de escrita de Levi nos permite pensar que ele, subjogado pela sua própria situação, uma condição traumática que estava entalhada no seu espírito, buscava também, além de trazer os outros de volta à superfície, resgatar a si próprio enquanto humano.

Nessa busca incessante, que é iniciada com a obra *É isto um homem?*, Levi mostra que, nas bases ideológicas de sua escrita, seu testemunho seria desde os primórdios uma arma política que demonstraria engajamento e que apresentaria o lugar de Levi nos seus depoimentos, lugar esse que o colocaria na linha de frente dos testemunhos do Trauma.

Além de outros incômodos, Levi representou na sua escrita, de forma destacada, seu pasmar perante a destruição das sensibilidades humanas dentro do âmbito de Auschwitz, fazendo com que o ser, enquanto vivo, pairasse nos lugares de terror do campo como um **objeto obsoleto**. O uso do corpo, assim como assustou Nyiszli, também assustou Levi:

Ainda quero aludir, como exemplo extremo de violência simultaneamente estúpida e simbólica, ao uso cruel que foi feito (não episodicamente, mas com método) do corpo humano como um objeto, uma coisa de ninguém, da qual se podia dispor de modo arbitrário. Sobre as experiências médicas conduzidas em Dachau, em Auschwitz, em Ravensbrück e outros lugares, já muito se escreveu, e alguns responsáveis, que nem sempre eram médicos mas com frequência se improvisavam como tais, foram até punidos (não Josef Mengele, o maior e pior de todos). A gama desses experimentos se estendia desde o controle de novos medicamentos em prisioneiros desinformados até torturas insensatas e cientificamente inúteis, como aquelas desenvolvidas em Dachau por Himmler e por conta da *Luftwaffe*. (LEVI, 2004, p.106-107).

Levi reafirma que, mesmo com o avançar da guerra e com todos os limites que são impostos por este fator, a matança e a tortura era sistematizada e cronometrada pelos nazistas, tornando assim a desinstrução e a destruição do corpo cada vez mais compassada, no ritmo que os algozes desejavam.

Organizando assim sua escrita, Levi nos leva a pensar que, dentro de suas possibilidades na época, o objetivo principal era determinar uma circulação mais abrangente possível de seu testemunho, para que este se tornasse um artefato de características ligadas ao poder de perpetuação, onde o testemunho seria marcado como um monumento da história, para a posteridade (LE GOFF, 1990).

Mesmo não atuando como um historiador na sua escrita, Levi a conduz por um caminho em que, ao passo que esse texto seja acoplado a lugares de memória e de história, seu delineamento permitiria, por consequência, um atrelamento aos textos históricos que fossem posteriormente procurados por historiadores, tendo em vista a descrição ampla que Levi faz no percurso de sua narrativa.

O depoimento como denúncia serve, no caso de Levi, como um poderoso suporte que faz seus escritos se sobressaírem aos demais, pois, de forma consciente, Levi faz o exercício de trazer o testemunho à modalidade da memória, onde a narrativa torna-se um discurso, para além do escrito, imagético, tamanha a descrição mapeada na obra. Para além disto, a memória, quando narrada em forma de denúncia, sai do campo da narrativa e também aparece, por conseguinte, como um discurso jurídico, mesmo que essa narrativa não reintegre o passado e não faça ressurgir todo o mal acontecido, sendo que ela tem o objetivo mínimo de ser uma representação do que fora vivido (SELIGMANN-SILVA, 2008).

Entrementes, é sempre importante salientar: Auschwitz não deixaria esses testemunhos, como o de Primo Levi, saírem imunes para além de seus muros. As sensibilidades desses sujeitos foram arrancadas de si com tanta violência, que nem mesmo a “liberdade” pós-confinamento fora capaz de sanar tais perdas. Para Giorgio Agamben (2008), essas sensibilidades, num contexto de humanização fora dos muros do campo, não existem mais. O que resta é apenas a sensação de justiça, que para alguns sobreviventes, como é o caso de Levi, poderia ser aplicada por meio da denúncia escrita. “Levi começa a testemunhar só depois que a desumanização se consumou, só quando falar de dignidade já não teria sentido” e numa procura, como supracitada, de dar voz a si próprio e aos seus, “ele é o único que se propõe conscientemente em nome dos mulçumanos, dos submersos, dos que foram destruídos e chegaram ao fundo” (AGAMBEN, 2008, p.66).

Sendo por isto, na sua obra inaugural, Primo Levi busca, em forma de narrativa, dar espaço a esta sua prerrogativa, que seria, primordialmente, buscar através de uma escrita descritiva e altamente detalhista, primeiramente, tocar o

sensível dos leitores e posteriormente, trazer à tona seu experimento dentro de Auschwitz para que estes leitores se horrorizassem com tais cenas narradas e, por consequência, fizessem essa narrativa alcançar a maior abrangência possível:

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.

Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação (LEVI, 1988, p.8, grifos do autor).

É necessário reafirmar aqui que, Levi ao pensar nesse texto mesmo quando ainda prisioneiro, já levantaria a hipótese de tê-lo como artefato de denúncia, pois, mesmo que o autor fosse acusado de ficção⁵⁵, a complexidade de sua narrativa e a riqueza em detalhar os fatos chamariam a atenção tanto de leitores ditos comuns como de leitores acadêmicos. De qualquer forma, mesmo com o trabalho de detalhar e amplificar seu texto, Levi afirma, já na sua última obra que nunca teve a ideia e a pretensão de realizar o trabalho do historiador:

Não tive, nem seria capaz, de fazer uma obra de historiador, isto é, de examinar exaustivamente as fontes. Limitei-me quase exclusivamente aos Lager nacional-socialistas, porque só destes tive experiência direta, através dos livros lidos, das narrativas ouvidas e dos encontros com os leitores de meus primeiros dois livros. Além disto, até o momento que escrevo, e não obstante o horror de Hiroshima e Nagasaki, a vergonha dos Gulags, a inútil e sangrenta campanha do Vietnã, o autogenocídio cambojano, os desaparecidos na Argentina e as muitas guerras atrozes e estúpidas a que em seguida assistimos, o sistema concentracionário nazista permanece ainda um *unicum*, em termos quantitativos e qualitativos. Em nenhum outro tempo e lugar se assistiu a um fenômeno tão imprevisto e tão complexo: jamais tantas vidas humanas foram eliminadas num tempo tão breve, e com uma tão lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade. Ninguém absolve os conquistadores espanhóis pelos massacres por eles perpetrados na América durante todo o século XVI. Parece que provocaram a morte

⁵⁵ Acusações feitas por autores em livros e artigos que buscam reavaliar e até mesmo negar o Holocausto. Hipóteses refutadas, entre outras obras, no livro *Os assassinos da memória: Um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo*, de Pierre Vidal-Naquet.

de pelo menos sessenta milhões de índios; mas agiam por vontade própria, sem ou contra as diretrizes de seu governo; diluíram seus crimes, na verdade muito pouco “planejados”, por um arco de mais de cem anos; e foram ajudados pelas epidemias que involuntariamente trouxeram consigo. E, por fim, não tínhamos tentado nos livrar disso, alegando que eram “coisas de outros tempos”? (LEVI, 2004, p.17-18)

Nesse trecho, podemos perceber que Levi, na sua narrativa, não anistiou ninguém, e ainda provoca o leitor ao evocar alguns assuntos ainda indigestos, como ditaduras latino-americanas, a Guerra do Vietnã e o genocídio indígena. Percebe-se também que Levi se propôs a ler outros relatos do Holocausto, o que responde a questão que nos incomodava antes de escrever essa pesquisa: ao citá-lo em seu livro *Os afogados e os Sobreviventes*, Levi provavelmente leu ou teve algum tipo de acesso aos escritos de Miklós Nyiszli.

Primo Levi, ao estruturar mentalmente os livros, e posteriormente ao por em exercício suas escritas, faz, de maneira por vezes intencional, uma seleção de memória que tornaria os livros muito mais temáticos e compreensíveis, em detrimento de uma cronologia ordenada dos fatos. Se formos de acordo com o que Pollak (1989) nos propõe, podemos conciliar que Levi, ao traçar esse trajeto de escrita e de seleção de memórias, buscou, de modo pensado, mas também subjetivo, narrar seu testemunho de uma forma que, mesmo com um tema pesaroso e não muito aprazível para a Literatura, o tornasse “digesto” para os que buscassem saber sobre o que ocorrera nos campos de concentração.

Dentro dessas nuances que permeiam o trajeto escriturário de Primo Levi, podemos destacar, também em convergência com Pollak (1989), que, ao selecionar estas memórias e o teor do que viria a ser escrito em suas obras, Levi sugere em sua escrita eleger a temática ao invés da cronologia para que, aos leitores vindouros, esta narrativa apareça como algo que é recortado intencionalmente por ele, mas também que surja com a necessidade de não deixar nada fugir aos olhos dos leitores, ou seja, o Holocausto fora algo tão voraz, que sua narrativa, mesmo com lacunas de esquecimento, traria horror e curiosidade aos que tivessem contato com estas leituras.

Ao trafegar pelos meios da escrita e do testemunho, Levi, ao passar dos anos, assume de forma categórica seu lugar dentro do rol de escritores que se propunham, cada vez mais, a fazer a circulação de seus textos ficarem cada vez

mais pungentes, e dentro da Literatura de Trauma, talvez Levi tenha sido, até os dias atuais, o mais lido. Mas, pressupondo que um autor não é o mesmo depois que escreve cada livro (FOUCAULT, 2001), por quais metamorfoses linguísticas, sintáticas, subjetivas e sensíveis Levi pudera ter passado?

Tendo em vista que o escopo principal desta pesquisa é a obra *É isto um homem?*, podemos usá-la com efeito comparativo, sendo o primeiro livro de Levi, com seu último. *Os afogados e os sobreviventes*, lançado em 1986, é de uma escrita e uma narrativa muito mais densa, pesada, e, por conseguinte, direcionada a um público já iniciado na Literatura de Trauma, mesmo que este seja um livro que também alcançou altos índices de venda.

Sendo assim, neste percurso da escrita, nota-se um Levi, no último livro, muito mais preocupado em entender o Holocausto de uma forma filosófica e aprofundada, e não mais aquele Levi que apenas buscava denunciar seus algozes, como em seu primeiro livro:

À saída da escuridão, sofria-se em razão da consciência readquirida de ter sido aviltado. Não por vontade, não por pusilanimidade, nem por culpa, vivêramos durante meses ou anos num nível animalesco: nossos dias tinham sido assolados, desde a madrugada até a noite, pela fome, pelo cansaço, pelo frio, pelo medo, e o espaço pra pensar, para raciocinar, para ter afeto, tinha sido anulado. Suportáramos a sujeira, a promiscuidade e a destituição, sofrendo com elas muito menos que sofreríamos na vida normal, porque nosso metro moral havia mudado. Além disso, todos roubáramos: na cozinha, na fábrica, no campo, roubáramos “dos outros”, da contraparte, mas era furto do mesmo modo; alguns (poucos) se rebaixaram até o ponto de roubar o pão do próprio companheiro. Esquecêramos não só nossos pais e nossa cultura, mas a família, o passado, o futuro que nos havíamos proposto, porque, como os animais, estávamos restritos ao momento presente. Dessa condição de aviltamento saíamos só a raros intervalos, nos pouquíssimos domingos de repouso, nos minutos fugazes antes de cair no sono, durante a fúria dos bombardeios aéreos, mas eram saídas dolorosas, justamente porque nos davam oportunidade de medir, de fora, nossa diminuição. (LEVI, 2004, p. 65. Grifos do autor).

Essa “metamorfose” na escrita de Levi é perfeitamente compreensível dado o passar do tempo entre uma obra e outra, quase quarenta anos. Sua narrativa, ainda pesada, nos faz refletir sobre o que se passava pela cabeça do escritor: Levi não perdoara seus algozes, mas permitia-se narrar com um teor mais filosófico sobre os

males que lhe foram impetrados naqueles tempos. A linguagem utilizada, muito mais rebuscada do que na primeira obra, mostra a evolução do mesmo enquanto figurante nas artes da escrita. Também nos faz refletir sobre o propósito de Levi perante seus relatos. A questão da escrita denunciativa já houvera passado e agora, tendo entendimento que sua obra já era diretamente relacionada com os estudos do Holocausto, Levi escreve mais para estudiosos que para curiosos.

Michel Foucault (2001) ao remeter-se sobre a função do autor, aborda a questão da narrativa como salvação e expulsão de tormentas, e entende que “esse tema da narrativa ou da escrita feitos para exorcizar a morte”, onde, de forma subjetiva, “nossa cultura o metamorfoseou; a escrita está atualmente ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida” e que, dada a importância da transcrição de ideias, lembranças e pensamentos para o papel, o “apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor” (FOUCAULT, 2001, p. 270).

A escrita ou a vida? Esse talvez tenha se tornado o dilema de Primo Levi enquanto flutuou pelo mundo dos escritos. Seu propósito de vida se tornou, depois da libertação de Auschwitz, em escrever, transcrever e traduzir os dias de tormento e aflição. A escrita parecia lhe servir para exorcizar o *homo läger* que habitava em si, e o químico italiano acreditou e se apegou piamente nessa prerrogativa, buscando sua própria salvação, ou pelo menos um motivo para estar de volta no mundo dos vivos.

Ainda sob a ótica de Foucault (2001), podemos ler esta busca incessante de Levi pelo lugar de autor como uma tentativa de reafirmação própria diante de sua posição de testemunho, onde, por não ser escritor de formação, reconhecia seu desconhecimento perante a escrita, isso no seu primeiro livro, onde no último, Levi já mostra mais confiança e propriedade enquanto autor. As “desculpas” podem ser notadas no prefácio de *É isto um homem?*:

Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto a detalhes atroz, ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio. Ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana. Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que “cada estrangeiro é um inimigo”. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente. (LEVI, 1988, p.7. Grifos do autor)

Levi não categoriza seu primeiro livro como um documento denunciativo, embora todo detalhamento existente nele evidencie o contrário. Para Foucault (2001), esta “fuga” do autor do objetivo, quando sua narrativa tem caráter de testemunho, perpassa pelo distanciamento das ideias quando elas saem da mente e são transferidas para o papel, onde “o nome de um autor não é simplesmente um elemento em um discurso”, mas sim, pelas amarras da narrativa, “exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros” (FOUCAULT, 2001, p.276).

Nessa perspectiva, podemos observar que Levi, ao narrar sua primeira obra de forma não linear, classifica sua narrativa de uma forma que, no seu fluxo, consegue se conectar melhor ao leitor.

Em contrapartida, em propósito de oposição ao que o autor descreve como intenção no primeiro livro, no último, *Os afogados e os sobreviventes*, Levi assume que em seu escrito existiam fragmentos de engajamento, ainda que de forma mais filosófica que o discurso político de *É isto um homem?*, mesmo que este fosse lançado e posto à circulação muitos anos após o acontecimento:

Este livro pretende contribuir para o esclarecimento de alguns aspectos do fenômeno Lager que ainda são obscuros. Propõe-se também um fim mais ambicioso; pretende responder à pergunta mais urgente, à pergunta que angustia todos aqueles que tiveram oportunidade de ler nossas narrativas: em que medida o mundo concentracionário morreu e não retornará mais, como a escravidão e o código de duelos? Em que medida retornou ou está retornando? Que pode fazer cada um de nós para que, nesse mundo repleto de ameaças, pelo menos esta ameaça seja anulada? (LEVI, 2004, p.17)

O caráter filosófico desta última obra de Levi, escrita apenas um ano antes de sua morte, nos mostra que o químico, mesmo com o passar do tempo, conservou sua memória da catástrofe e a projetou para o mundo, mantendo sempre o modo de denunciar, mesmo que esta forma passasse por várias metamorfoses, algo comum ao autor que se insere e mergulha no mundo dos escritos.

No decorrer de sua vida pós-Auschwitz, Levi escreveu inúmeras outras obras, a grande maioria de relatos sobre seus dias no campo de concentração, outras, reafirmando seu lugar no mundo da Literatura, foram de ficção. Suas obras mais

relevantes, a saber, são: *É isto um homem* (1947); *A trégua* (1963); *Storie Naturali* (1966); *A tabela periódica* (1975); *A chave mestra* (1978); *Momentos de reparação* (1981); *Se não agora, quando?* (1982); *O último natal de guerra* (1984) e *Os afogados e os sobreviventes* (1986).

Primo Levi voltou ao cotidiano depois de sua libertação. Teve filhos e passou o resto de sua vida em sua cidade natal, Turim, na Itália.

Mesmo “exorcizando” suas angústias através da sua escrita, Levi, segundo biógrafos e pessoas de seu convívio, por vezes se mostrava amargurado, distante, longe do mundo. Para muitos, o *homo läger* não saiu de sua sensibilidade, aquele ser opaco e sem vivacidade foi carregado dentro de Levi até seus últimos dias.

No dia 11 de Abril de 1987, a imprensa italiana ficaria perplexa com uma notícia inesperada: Primo Levi, o sobrevivente que mais documentou sobre as experiências de Auschwitz, fora encontrado morto em seu apartamento. Segundo relato da porteira de seu prédio, a mesma teria entregado uma correspondência a Levi, e antes que chegasse novamente à portaria, escutou um abalo no chão. Era o corpo de Levi, que batera nas escadas e encontrava-se, já sem vida, perto da entrada do elevador. Os legistas suspeitaram, de primeira observação, que teria ali ocorrido um suicídio. (GRAMARY, 2006).

Levi, meses antes da morte, vinha lutando seriamente contra fortes problemas relacionados à depressão. Mesmo que para os seus admiradores, leitores e familiares, sua morte tivesse surgido como um duro golpe, depois foi considerada como uma consequência entendível, tendo em vista que, por manter suas lembranças vivas e sempre a serviço da escrita, o fardo de Auschwitz talvez tenha pesado ainda mais sobre seu ser.

Tentando responder à pergunta feita no início desse capítulo, podemos perceber que, dado ao duro fim que Levi obteve, talvez o *homo läger* que entrou nos portais de Auschwitz nunca fora apagado de seu ser, e mesmo que sua escrita surgisse como uma espécie de salvação, não fora suficiente para exorcizar os demônios implantados em sua mente e nas suas sensibilidades perante a tragédia pela qual passou.

Podemos entender que, mesmo com os traumas e as angústias que foram carregadas por Levi no decorrer de sua existência pós-Auschwitz, a ideia de suicídio, que nunca fora confirmada ou refutada, parece contraditória para um escritor que, durante sua vida, buscava passar uma mensagem de resiliência e de

luta pela vida. Mesmo assim, uma frase dita por outro sobrevivente do Holocausto, o também escritor Elie Wiesel, na ocasião da morte de Levi, nos faz refletir sobre o que realmente se passava na mente do químico italiano. Quando perguntado se Levi teria mesmo cometido suicídio, Wiesel, que era seu amigo próximo, respondeu: “Impossível. Primo Levi morreu em Auschwitz, quarenta anos depois”. (GRAMARY, 2006).

O trauma presente na trajetória desgastante e perversa que Nyiszli e Levi narram, respectivamente, em *Médico em Auschwitz* e *É isto um homem?* aparece como um paradigma cruel e em certo ponto fundamental para as obras que viriam a serem escritas após seus relatos. De alguma forma, Nyisli e Levi aparecem como uma pedra fundamental na Literatura do Holocausto, sendo que depois deles vários outros sobreviventes também resolveram relatar ao mundo o que sentiram em seus dias de confinamento e perseguição, o que gerou uma nova forma de entender o Holocausto, ou pelo menos fazer incursões investigativas no amálgama de sensações que este tipo de estudo nos proporciona.

A libertação dos campos não significaria jamais uma soltura total para esses sobreviventes, nem no âmbito físico e muito menos no psicológico, pois as feridas que eles foram obrigados a carregar até o fim de suas vidas permaneceram abertas e provocaram outros sentimentos de trauma, de culpa, recalque e resignação. A morte passava a ser um detalhe corriqueiro, fato este que transforma o trauma vivido naqueles dias em algo determinante para o estilo de vida daqueles que passaram por tal evento.

A memória traumática acompanhou cada um que passou por Auschwitz ou qualquer outro campo de morte, tratando assim de fazê-los lembrar os requintes de sadismo impostos pelos algozes nazistas com seus mínimos detalhes. O fator religioso também os ajudara a ter sempre uma sensação de pertencimento a algum povo, e mesmo que lhes faltassem tudo, não os faltavam a esperança de uma intervenção divina, para além do fato de que continuaram, de forma escondida, a seguirem seus preceitos religiosos, surgindo assim uma forma extra de resistência, uma resistência velada, onde os judeus, nas suas preces, buscavam algo de profundidade espiritual em um momento tão conturbado pelo qual passavam.

Mas, nas leituras que engendramos para esta pesquisa, Nyiszli, e muito menos Levi, demonstram qualquer tipo de apego religioso. Isso talvez por que, dentro de todo trauma passado naquela cartografia sombria, a ideia de Deus já não

era muito aprazível ou aceita, e até mesmo o medo de qualquer manifestação religiosa em um ambiente tão hostil os impedissem de fazê-la, o que leva esta prática também ao esquecimento. (SCHWEIDSON, 2009).

Os nazistas combatiam assim o desejo de memória coletiva dos judeus: Não dando nenhuma chance para que essa memória fosse organizada ou executada como um aporte para uma resistência ou um consolo imediato. O trauma aparece como uma consequência que brotava a curto ou longo prazo, dadas às proporções e os abalos psicológicos presentes e cada um dos sobreviventes. Nesse âmbito, Levi teve papel fundamental em construir uma “defesa” epistemológica para aqueles que sofriam com a Síndrome do Sobrevivente. Mesmo sabendo que a memória destes que escreveram imediatamente após a tragédia pode possuir algo intencional e imparcial, Levi e Nyiszli não deixam de aparecer como pioneiros na descrição de testemunhos do Holocausto, tendo servido de inspiração para vários outros escritores tomarem coragem de lançar ao mundo seus anos vividos na penumbra dos campos de concentração.

A vida pós-guerra se tornaria mais uma barreira traumática, onde os sobreviventes carregariam consigo duas missões: A de tentar retornar a uma vida civil comum, mesmo com toda a carga que a catástrofe o proporcionou, e a de contar aos seus próximos, se existissem, o que haviam passado durante a segunda guerra, mesmo que essa tarefa fosse bloqueada pelo medo, pela vergonha e pelo próprio trauma em si, onde muitos sobreviventes temiam evocar o passado através de seus relatos e da transmissão de suas memórias a outrem, além do medo de transmitir o passado aos seus filhos, o que geraria uma espécie de “mancha” ideológica nos mesmo seguido de uma tentativa de vingança para ressarcir o que seus familiares haviam passado nos campos nazistas.

A mensagem recebida da sociedade pelos sobreviventes era a de manter silêncio a respeito de sua história para não corromper a vida dos filhos com o passado e poder criar “americanos normais. Em muitas famílias, ao temor de transmitir defeitos devido ao “mal” introjetado, associou-se o medo de prejudicar a saúde mental dos filhos. Nesses casos, as lacunas e os segredos nas histórias familiares tornavam incompreensível o tormento que reinava na vida cotidiana. (SCHWEIDSON, 2009, p.114)

Essas chamadas “zonas de silêncio” formavam no sobrevivente um ser extremamente cuidadoso ao tentar retratar o seu trauma, pois seria de fato um perigo enorme relatar o trauma que sofreram, gerando uma situação de desconforto e de certa humilhação aos que ouviam, pois cada sobrevivente carregava consigo uma carga imensa de orgulho ferido e de incapacidade perante os fatos. Essa incapacidade estava explícita no silêncio que fora imposto aos que sofreram com o Holocausto, pois as tentativas de minar e exterminar não apenas seu ser, mas sua essência, quase fora executada por completo por Hitler e seus comandados, e só após a guerra é que a vingança viria em forma de narrativas e testemunhos de uma das épocas mais catastróficas que o ser humano presenciou.

Essas discussões não nos impedem de tentar entender o Holocausto como um evento histórico que gerou sim, uma espécie de bloqueio a todo e qualquer tipo de esquecimento, ao menos nas gerações que permanecem ainda presentes. O grande medo dos teóricos da historiografia e da literatura do Holocausto é que esses relatos se tornem obsoletos e infundados num futuro distante, tendo em vista a liquidez e as formas mutáveis de discurso que se empreendem nessas áreas nos dias atuais, ficando a cargo dos próprios historiadores que rechacem esse tipo de esquecimento e sempre tragam novas perspectivas sobre o que foi o Holocausto, mesmo que essa pergunta não seja ainda totalmente respondida, ou se for, ainda não tenha alcançado uma resposta que sacie as dúvidas daqueles que se propõem a estudar o tema.

A resposta mais próxima, que ao menos deve ser exibida no debate imposto por esse trabalho, é que o trauma inserido nos testemunhos é uma forma de demonstrar para a história que não estamos safos de outro massacre, mesmo de outro Adolf Hitler. Essa afirmativa se dá pela fluidez das informações que são perpassadas nos dias de hoje, dos flertes quase sempre possíveis que algumas esferas organizadas, e por vezes governamentais, tendem a manter com fascismos e totalitarismos do cotidiano. Esses fatores remontam a uma busca cada vez mais incessante por provas e relatos do Holocausto, e se possível também de outros massacres, para que a humanidade não repita tal erro e para conseguirmos entender a possibilidade de uma forma pacífica de convivência com o diferente.

Ao estudar-se o trauma e o testemunho inseridos nesses relatos do Holocausto que foram apresentados acima, percebe-se que para cada caso ou fato ocasionado pela tragédia há uma especificação e uma explicação diferentes. A partir

desses questionamentos, podemos sugerir que a literatura do trauma e a historiografia do Holocausto podem e devem caminhar juntas para a pesquisa e a tentativa de decifrar, ou pelo menos tentar enxergar de uma forma mais clara, o que essa catástrofe gerou em pessoas comuns, com cotidianos inabaláveis até a chegada do monstro.

A memória e a história individual de cada um dos sobreviventes do Holocausto geram uma forma única de assimilar narrativa e testemunho de uma maneira que deixe no leitor ou no pesquisador uma impressão de desespero e de um pedido de socorro, que subjetivamente é atendido pelo leitor/ouvinte que, ao ler/escutar tal relato, se sente solidário e se compadece com a dor que os testemunhos buscam expressar em suas linhas escritas ou em suas histórias narradas. Cada história possui uma carga individual de trauma e de lembranças, sejam elas inseridas na vida anterior ou posterior ao massacre, somando assim a esses relatos uma angústia pessoal, que pode se tornar interpessoal ao passo que esses testemunhos se encontrem, independente de localidade geográfica, mas sim de local de escrita.

Que esses relatos, assim como esse trabalho, provoquem no leitor não apenas pena ou compaixão, mas sim indignação e uma vontade de busca pelos fatos que desencadearam nessa terrível página da história humana, fazendo assim com que o Holocausto nunca seja esquecido (assim como outros massacres), e sim lembrado por muitas gerações. Lembrar e elaborar para não repetir. Esses massacres mostram a real face de um sistema totalitário e do que a concentração de poder e a eliminação de liberdades podem trazer para nossa convivência, destruindo sensibilidades e gerando números frios e sujos de sangue, de ódio e de total desconhecimento da convivência pacífica com os que não estavam de acordo com o que esses regimes pregavam, gerando assim a triste e cruel impiedade, caracterizada nesses tempos pela banalidade do mal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos com esta pesquisa problematizar a fabricação do *Homo Lager*, o perpassar de sua existência como parte do campo de concentração e também as fagulhas traumáticas que acabaram por proporcionar um tipo específico de escrita, classificada comumente como Literatura do Trauma (SELIGMANN-SILVA, 2003).

Pensar historicamente o *Homo Lager* é necessariamente deparar-se com a desinstrução do corpo desde seus aspectos mais primários até suas sensibilidades mais exclusivas, como os modos de pensar, agir, enxergar ao outro e a si próprio num movimento de apagamento da dignidade, da identidade e do ser, onde essa supressão aparece em forma de discursos e práticas que silenciam, amordaçam e tornam o ser inóspito a tudo que acontece ao seu redor. São corpos, mentes e fisiologias docilizadas pelo medo, pela tortura e pela própria condição na qual estes são imbuídos de acreditar que pertencem (FOUCAULT, 2010).

Ao lermos e analisarmos as fontes podemos perceber que o *Homo Lager*, nas escritas de Primo Levi e Miklós Nyiszli, não é apenas uma fabricação do campo de concentração, sendo operacionalizado pelas políticas do terceiro Reich desde seus primórdios, mesmo que os nazistas não os citassem com essa nomenclatura. A ideia principal do Reich de Hitler era, sem arestas de dúvidas, matar o corpo judeu e de outras minorias em todos os aspectos, tanto física quanto mentalmente, fazendo assim um trajeto de coisificação do ser.

Diante disto, podemos perceber que essa docilização que viria a se tornar coisificação, iniciou-se muito antes dos campos de concentração. Fora formulada nos discursos de ódio do pós-primeira guerra, e começara a ser executada já com a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Essas práticas consistiam, primeiramente, na retirada dos direitos desses sujeitos, posteriormente em sua expulsão da própria residência e finalmente em seu confinamento nos campos de morte.

Os campos foram, para estes prisioneiros, um paradigma que, a partir de seu ligamento com estes sujeitos, os transformou, num exercício de mutação que não culminara com a saída destes dos campos. Um grande exemplo desta afirmativa são os *sonderkommandos*, anunciados nesse texto como categoria de prisioneiros da qual fazia parte o médico Nyiszli. Esse conjunto de prisioneiros foi estigmatizado pela opinião pública e pelos próprios outros sobreviventes, e os poucos que

sobraram depois da guerra foram tachados de traidores e até mesmo de colaboracionistas do Reich, segregados de qualquer homenagem ou comemoração que trouxesse o nome de sobreviventes do Holocausto. Aqui está um bom exemplo de como as recepções podiam diferir. Neste trabalho, enfatizamos, na figura de Nyiszli, o *sonderkommando* no seu desvio onde era necessário se “vender” ao algoz para se manter vivo. Mas isso realmente fora suficiente? Nyiszli, ao sair do campo com vida, ao dar uma sobrevivida à sua família, conseguiu seu objetivo enquanto lutava no campo de Auschwitz pela sua sobrevivência, a custa da morte de outros?

Essas perguntas, assim como tantas outras que surgem quando estudamos figuras do Holocausto não tão estudadas, como o caso Nyiszli, são quase impossíveis de responder, pois os estudos são escassos, uma vez que as fontes são raridades. Nyiszli, por exemplo, deixara apenas uma obra escrita, morrendo logo após a publicação desta, ocasionando assim uma lacuna, que deixa várias questões a serem respondidas. Na leitura que tivemos durante a pesquisa, essa lacuna se deu justamente pelo papel da escrita de Nyiszli, que se assemelhou muito mais a uma autodefesa do que a uma Literatura de Trauma, dado seu julgamento perante seus pares. Sendo assim, Nyiszli parece não ter escrito apenas para testemunhar seus dias em Auschwitz, mas sim para “pedir desculpas” àqueles que o julgaram como criminoso e cúmplice do Holocausto.

Em contrapartida, temos Primo Levi, que, mesmo também sendo um sobrevivente que escolheu a escrita, esta lhe aparece bem mais como um discurso de denúncia que se coloca como uma representação política, onde, este lugar de fala seria mais comum para os que lessem ou procurassem ler sobre o Holocausto, pois, seu lugar parte da posição comum a vários outros sobreviventes. Vale salientar que não classificamos Levi como “comum” por seu relato ser ordinário, mas sim por que sua condição de judeu, comunista e militante fora compartilhada por vários outros sobreviventes, seja antes, durante ou depois o encarceramento em Auschwitz.

Essa representação política da escrita trouxe para Levi, em detrimento ao que estudamos em Nyiszli, uma evidência mais concreta perante os relatos do Holocausto, e principalmente, àqueles que queriam ouvir esse tipo de depoimento. Talvez seu lugar de fala o privilegiou perante seus pares e lhe alçou a um patamar de reconhecimento e referência quando o termo é Holocausto.

Primo Levi fez assim, de sua escrita e dos usos de suas memórias, uma

profissão concomitante à sua de químico, de forma crescente, até o momento em que conhecíamos apenas o Levi escritor. Estas memórias e estes testemunhos carregados por ele debaixo de seus punhos e nas pontas de seus lápis o deram o lugar de voz do Holocausto. O fardo da memória custaria sua vida. E a cada página escrita, Levi parecia cumprir uma missão, esta que ia desaparecendo a cada livro publicado, a cada questão “respondida”.

No contexto dos estudos acerca das literaturas do Holocausto, acreditamos que esta pesquisa, aqui engendrada, trouxe como novidade a questão da educação do corpo e da mente, em suma, da condição dos sujeitos, em sua desinstrução constante e crescente perante o horror. Podemos pensar também em como fora tratada a função da escrita, que, para os dois autores aqui estudados, serviu de costura para o despedaçamento pelo qual esses *Homo Lager* foram sujeitados.

Ao estudarmos essas duas memórias selecionadas como fontes para esta pesquisa, percebemos que, mesmo com a distinção de suas falas e seus lugares e papéis de escrita, um elo os ligava: a desinstrução, a formação do *Homo Lager*. Estes sujeitos, de fato, saíram do campo transmutados não apenas fisicamente, mas também em suas aptidões cognitivas, o que levou essa condição coisificada para fora dos muros de Auschwitz, e essa fagulha de coisificação os acompanhara para o resto de suas vidas, o resto de suas escritas.

No decorrer das leituras, percebemos também que estes sujeitos tentaram, cada um a sua maneira, retomar as vidas que deixaram antes da tragédia. Mas a própria escrita nos revelou que, perante o trauma sofrido, estes homens encontravam-se desinstruídos, principalmente pelo fato de que, saindo dos muros de Auschwitz, aquela cartografia do terror permanecera em suas mentes e sem seus fazeres, principalmente quando a escrita reivindicava a memória.

FONTES

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.

NYISZLI, Miklós. **Médico em Auschwitz.** Tradução de Tibère Kremer. – Editions Julliard, 1961.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. 1942 – **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos da fronteira.** História, espaços e identidade regional. Recife: Edições Bagaço. 2008.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução: José Rubens Siqueira – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Homens em tempos sombrios;** Tradução: Denise Bottman; Posfácio: Celso Lafer – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Ed. Vozes, 10ª Ed. Petrópolis, RJ, 2015.

BAUMAN, Z.A. **Modernidade e Ambivalência.** Rio de Janeiro, 1999.

_____. **Modernidade e Holocausto.** Tradução de Marcus Penchel. – Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1998.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945).** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. **História do Corpo: As mutações do olhar, século XX;** tradução e revisão Elphraim Ferreira Alves. 4ed- Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. **O corpo anormal: História e Antropologia culturais da deformidade.** In.: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO,

George. **História do Corpo: As mutações do olhar, século XX**; tradução e revisão Elphraim Ferreira Alves. 4ed- Petrópolis: RJ: Vozes, 2011, p. 253-340.

CYTRYNOWICZ, R. **Memória da barbárie**. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. 2.ed. São Paulo: Nova Stella, 1991.

DANZIGER, Leila. **Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007. ISSN: 1982-3053.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. 2ª Ed. São Paulo, Contexto, 2014.

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do holocausto**: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus / Norman G. Finkelstein; tradução de Vera Gertel. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 2014.

_____. **Ditos e Escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Editora Graal, 2012.

_____. **O nascimento da clínica**. Tradução de Roberto machado. 7ª Ed. – Rio de Janeiro – Forense Universitária, 2011.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 38. Ed. Petrópolis,RJ: Vozes, 2010.

FREUD, S. **O Recalque**. In FREUD, S., Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1: Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (pp. 175-193). Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

_____. **Memória, História, Testemunho**. In. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP – Editora da Unicamp, 2004.

GERWARTH, Robert. **O carrasco de Hitler: a vida de Reinhard Heydrich, o supervisor da solução final para a questão judaica e a origem do Holocausto**. Tradução: Mário Molina – São Paulo, Cultrix, 2013.

GRAMARY, Adrian. **Primo Levi: A queda do sobrevivente**. Revista Saúde Mental. Vol. VIII, Nº6, Novembro/Dezembro 2006.

GUTMAN, Israel (org.). **Encyclopedia of the Holocaust**. 4 Vols. New York: Simon and Schuster, 1995.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. Breve século XX 1914/1991. Companhia das Letras. São Paulo, 1995.

KINOSHITA, Dina Lida. **A literatura do Holocausto e da resistência**. WebMosaica. Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.7 n.2 (p.19-28) (jul-dez) 2015.

KUPFERBERG, Marylink. **Zonas de silêncio e segredo familiar**. In.: SCHWEIDSON, Edelyn. **Memória e cinzas: Vozes do Silêncio**. Perspectiva, São Paulo, 2009. P.103-124.

LACAPRA, Dominick. **Historia y Memoria Después de Auschwitz**. La Ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LE RIDER, Jacques. **A modernidade Vienense e as crises de identidade**. Editora Civilização Brasileira – Rio de Janeiro, 1992.

LENHARO, Alcir. **Nazismo “O triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 1995.

LESSA, Renato. **O silêncio e sua representação**. In.: SCHWEIDSON, Edelyn. **Memória e cinzas: Vozes do Silêncio**. Perspectiva, São Paulo, 2009. P. 83-101.

LEVI, Primo. **A trégua**. Tradução de Marcos Luchesi. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Assim Foi Auschwitz**. Org. Fabio Levi e Domenico Scarpa. Tradução Federico Carotti. 1ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

_____. **O último natal de guerra**. Apresentação de Marco Belpoliti; Tradução de Maria do Rosário da Costa Aguiar Toschi; Ilustrações de Rubens Ianelli – São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2002.

_____. **Os afogados e os sobreviventes**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LUZ, Enrique. **“O Eterno Judeu”** – Antissemitismo E Antibolchevismo nos cartazes de propaganda política Nacional-Socialista (1919-1945). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Belo Horizonte, 2006.

McDONOUGH, Frank. **Gestapo: Mito e realidade na política secreta de Hitler**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. – São Paulo: LeYa, 2016.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da Medicina**. In.: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, George. **História do Corpo: As mutações do olhar, século XX**; tradução e revisão Elphraim Ferreira Alves. 4ed- Petrópolis: RJ: Vozes, 2011. p. 15-82.

MÜLLER-HILL, Benno. **Ciência assassina: Como cientistas alemães contribuíram para a eliminação de judeus, ciganos e outras minorias durante o nazismo**. Tradução Reinaldo Guarany – Rio de Janeiro. Xenon Ed. 1993.

OLIVEIRA, T. R. **Escritas que lembram, Palavras que atormentam: O Trauma e o testemunho inseridos em relatos literários sobre o Holocausto.** UFCG, 2015, defendida.

PEREIRA NETO, André de Faria. **Ser médico no Brasil: o presente e o passado.** Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2ª Ed. 1ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 3, 1989, p. 3-15, v. 2.

REES, Laurence. **O Holocausto: uma nova história.** Tradução: Luis Reyes Gil. 1.ed. São Paulo: Vestígio, 2018.

RHODES, Richard. **Mestres da morte: A invenção do Holocausto pela SS Nazista.** Tradução: Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Retorno à questão judaica.** Tradução: Claudia Berliner – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

SCHLESACK, Dieter. **Capesius, o farmacêutico de Auschwitz.** Tradução de Miriam Bettina Paulina Oelsner – 1ª ed – Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2015.

SCHWEIDSON, Edelyn. **Memória e cinzas: Vozes do Silêncio.** Perspectiva, São Paulo, 2009.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes.** (org.) – Editora da Unicamp, São Paulo, 2003.

_____. **Narrar o Trauma: A questão dos testemunhos das catástrofes históricas.** *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 20, N.1, p. 65-82, 2008

_____.(org). **Palavra e imagem: Memória e escritura**. Chapecó. Ed. Argos. 2006.

STEINBERG, Paul. **Speak you also**: a survivor's reckoning. Translated by Linda Coverdale. USA, Picador, 2001.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz. 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**. (tradução de Joana Angélica D'Avila Melo). São Paulo: Arx, 2002.

TURDA, Marius. **The ambiguous victim**: Miklós Nyiszli's narrative of medical experimentation in Auschwitz-Birkenau. *Historiein*. 2014 ; 14(1): 43–58. doi:10.12681/historein.232.

VALLE, Eduardo Garcia. **História e Literatura de Testemunho**: A memória do Holocausto em “Os afogados e os sobreviventes”, de Primo Levi. Emblemas – Revista do departamento de História e Ciências Sociais – UFG/CAC, 2011.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo, (tradução de Marina Appenzler). Campinas, SP: Papyrus, 1987.

WEINRICH, Harald. **Lete**: Arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2001.

WINTER, Jay. **A geração da memória**: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In.: SELIGMAN-SILVA, Márcio (org). **Palavra e imagem: Memória e escritura**. Chapecó. Ed. Argos. 2006. P. 67-90.